REVISTA DA SEMANA

N.º 49 ★ 8-12-51

CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL



Um perfume de Myrurgia



EXTRATO • LOÇÃO • AGUA DE COLONIA • PÓ DE ARROZ

MYRURGIA



EM LIBERDADE! Mesmo tendo sido condenada a dois anos de reclusão, por ter cumprido um enquanto aguardava o julgamento e obtendo o "sursis", a senhora Zulmira Galvão Bueno foi devolvida à liberdade no dia imediato. E ainda emocionada, recebe o abraço de dois de seus filhos. Enfim, livre! completamente livre!

MATOU O MARIDO?

ESTÁ SÔLTA!

SUCESSÃO ALARMANTE DE CRIMES PASSIONAIS ★ LIBERTADA A SRA. ZULMIRA GALVÃO BUENO, NA MESMA SEMANA OUTRA ESPÔSA ELIMINAVA O MARIDO E REQUISITAVA A DEFESA DO ADVOGADO DA PRIMEIRA ★ RESOLVENDO A TIROS DE REVÓLVER OS SEUS CASOS ÍNTIMOS ★ "BLAGUE" DO CARIOCA: "MATE DE UMA VEZ E..."

UM dos mais rumorosos julgamentos dêstes últimos tempos foi o da sra. Zulmira Galvão Bueno, que um ano atrás havia tirado a vida, com alguns tiros de revólver, a seu marido, o conhecido causídico Stélio Galvão Bueno. Teve o caso larga repercussão, e a decisão do júri, que se prolongou por cêrca de vinte horas consecutivas — os trabalhos iniciados às catorze horas de uma tarde terminaram às 7 da manhã seguinte — surpreendeu a tôdas as camadas sociais. Havia quem admitisse a absolvição da denunciada ou a sua condenação, por longa pena. Mas o desfecho do julgamento é que se revestiu de grande imprevisto. Em face da decisão dos jurados, entre os quais



O RECINTO DO TRIBUNAL do Júri registrou uma de suas maiores enchentes. Lotação esgotada, gente de pé ao fundo e pelos corredores, como nos cinemas...



ÊSTES FORAM os jurados que decidiram do destino da criminosa do advogado Stélio Galvão Bueno. Entre êles, também uma representante do "sexo fraco".



O ADVOGADO AUXILIAR de acusação, dr. Celso Nascimento, que voltará ao seu pôsto no segundo julgamento, em janeiro. Desta vez haverá condenação?



O ADVOGADO DE DEFESA, dr. Evandro Lins, tão bem sucedido no caso que, dias depois, era procurado por criminosa idêntica. Prudentemente, rejeitou.



figurava uma representante do outrora denominado "sexo fraco", o juiz Faustino Nascimento lavrou a condenação pelo prazo de dois anos. Ora, a criminosa havia cumprido um, enquanto aguardava os trabalhos do processo, e o outro foi-lhe poupado com o recurso do "sursis". Horas mais tarde, a sra. Zulmira Galvão Bueno retirava-se da cadeia com todos os seus pertences, tomava um auto e voltava para casa, em companhia dos filhos. E' verdade que o promotor Cordeiro Guerra apelou da decisão, anunciando-se outro júri para janeiro próximo.

No fim da mesma semana, como que sob o reflexo do suave desfecho dêsse ruidoso caso, a cidade era abalada com outro crime passional. Não haviam cessado ainda os comentários e clamores ante a absolvição de dona Zulmira, e em Copacabana, por sua própria espôsa, um chefe de família recebia quatro projétis de arma de fogo pelas costas, quando tranqüilamente, à porta da sua residência, examinava o automóvel de sua propriedade que estava sendo reparado. Desta vez, era a sra. Yolanda Vieira da Silva, casada havia vinte e dois anos com o despachante Oswaldo Bustamante, a protagonista do delito.

E a sociedade brasileira pergunta-se, neste instante: Que decidirá o júri quando essa outra homicida comparacer à barra do tribunal?

★

— A impunidade, de um modo geral, constitui um incentivo para o crime — declara nessa altura, à Imprensa, o Juiz Faustino do Nascimento, presidente do Tribunal do Júri. E acrescenta:

— Porque uma das finalidades da pena é a intimidação dos possíveis delinqüentes ou criminosos em potencial.

24

E o promotor Cordeiro Guerra, que funcionou no juri de dona Zulmira, assim se manifestou, depois de registrado o novo crime em Copacabana:



AO ALTO, O JUIZ Faustino Nascimento, que face à decisão dos jurados, condenou a ré a dois anos de reclusão e lhe concedeu o "sursis" pela metade da pena, dando-lhe liberdade. Em baixo, populares que tentavam invadir o recinto onde se desenrolaram os trabalhos. Todos queriam assistir ao grande "show"!

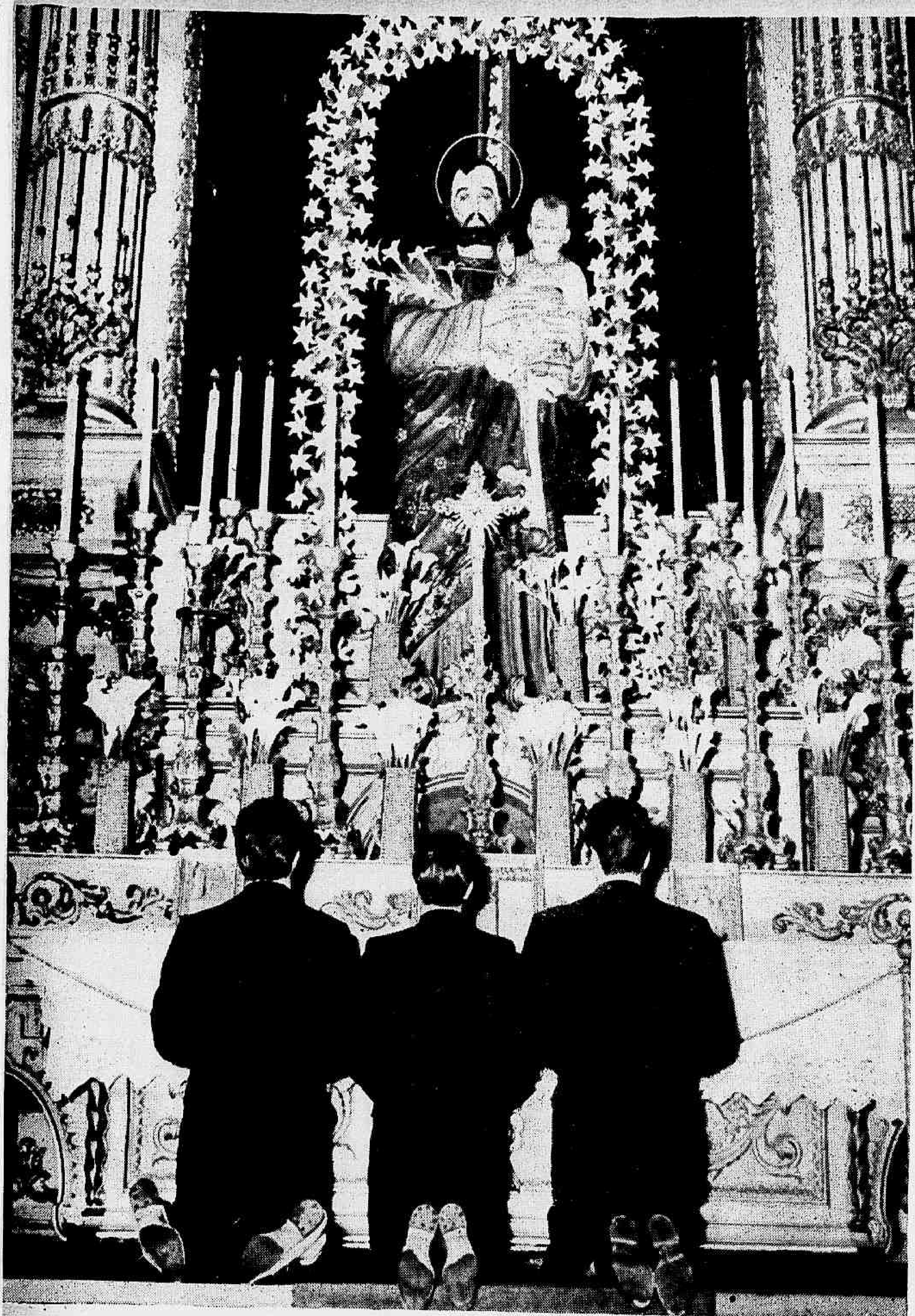




POSES BATIDAS DURANTE o julgamento que se estendeu por cêrca de vinte horas consecutivas. Dona Zulmira aguarda a decisão do júri, lê o breviário, fala com o advogado e enxuga uma lágrima com o lenço de luto pelo marido que matou.







APROVEITANDO UM INTERVALO nos trabalhos do julgamento, os três filhos de dona Zulmira Galvão Bueno foram orar na Igreja de São José, a mais próxima do Tribunal do Júri. Aí os vemos no momento da prece.

— Mais cedo do que esperava realizam-se os prognósticos que havia feito da tribuna do júri quanto à imitação do crime de d. Zulmira Galvão Bueno.

Detalhe curioso no crime da sra. Yolanda Bustamante: tão depressa foi prêsa, depois de morto o marido, requisitou os serviços profissionais do advogado dr. Evandro Lins, o mesmo que defendeu a sra. Zulmira Galvão Bueno. O causídico, entretanto, sob a alegação de excesso de serviço, negou-se a aceitar a causa.

★

A partir do caso Araci Abelha, cujos pormenores impressionaram a opinião pública, vários casos análogos vêm-se repetindo. E o que parece estimular a repetição dos fatos é que, invariàvelmente, as rés são absolvidas pelo Tribunal do Júri Popular, levando os advogados de defesa a melhor na peleja com o Ministério Público. Já houve mesmo o caso de homicidas absolvidas, aparecerem depois, com espetacular evidência em publicidade que elas deveriam ser as primeiras a evitar.

A epidemia surgiu com o episódio da linda moradora de Niterói. Foi ela a precursora. Com uma afiada machadinha, Araci Abelha eliminou o marido numa segunda-feira de Carnaval, sem que nunca ficasse definitivamente esclarecido como se deu tão monstruoso crime. Levada ao júri, foi absolvida e hoje faz parte integrante da sociedade.

Desde então, outras mulheres seguiram-lhe as pegadas. Sempre alegando grande paixão pelos maridos, sob a suposta ação do ciúme, elas vão disparando armas de fogo e praticando homicídios. A lista vai aumentando. Talvez esteja incompleta, com os nomes que aqui estão: Alzira Gomeli, Maria José de Vasconcelos, Zulmira Galvão Bueno, Araci Abelha, Helbe Mascarenhas de Morais, Dagmar Barbosa, Olga Suelly, Diamantina Marinho, e agora Yolanda Vieira Bustamante. A penúltima, casada com um tripulante de navio mercante, só depois de catorze anos de união — sob a influência do meio-ambiente e da impunidade — se libertou do marido, matando-o. E a última, contava vinte e dois anos de matrimônio.

E como sempre, a "blague" carioca faz ato de presença. Aqui está o "sketch"-anedota que tomou conta da cidade, depois da absolvição de Dona Zulmira e do crime de dona Yolanda:

A cena passa-se no escritório de um advogado. Toca o telefone.

— Pronto...

— E' do escritório do advogado?

— Sim, minha senhora.

— Aqui fala Madame Fulano.

— Às suas ordens.

— E' para avisar que hoje, às cinco da tarde em ponto, vou matar meu marido.

— Perfeitamente. Em que posso servi-la?

— Precisava combinar com você a minha defesa... Quanto vai custar?

— Ora, minha senhora! Se ainda nem matou o homem!

— Bem, mas os dinheiros andam curtos e eu preciso saber ao certo. Quanto vai custar, repito?

— Não seja por causa disso, minha senhora! Mate o seu marido de uma vez — e pague em dez prestações, pelo sistema do Crediário...



ARACI ABELHA
(Matou o marido a machadinha)



IOLANDA PÔRTO
(Pivot de outro caso passional)



OLGA SUELY
(Matou dois e feriu o noivo)



"OBRIGADA, DOUTOR!" — Dona Zulmira acaba de o uvir o pronunciamento e apressa-se em testemunhar sua gratidão ao dr. Evandro Lins que, ainda emocionado, lhe estende a mão. Momentos depois desmaiou.



HELBA MASCARENHAS DE MORAIS
(Matou o marido em plena rua)



DIAMANTINA MARINHO PAULINO
(Matou o marido-marinheiro)



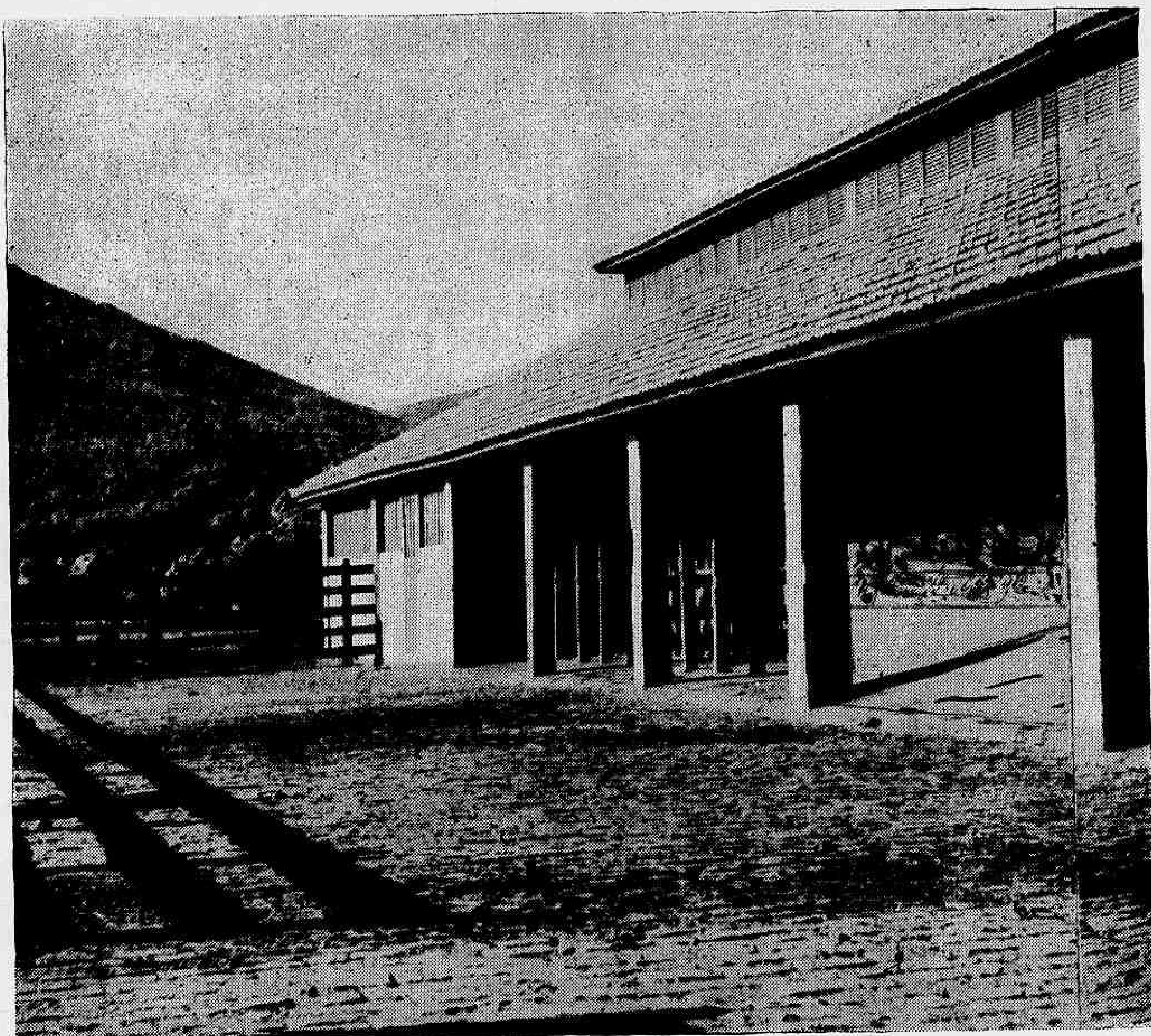
IOLANDA VIEIRA BUSTAMANTE
(Matou o marido depois de 22 anos)

ESPIRITO de PORCO



A COLIGAÇÃO — Mas, afinal, que resolveu o sr. Prefeito?

VITAL — Resolvi mandá-la para Ribeirão das Lages. A senhora ENCHE...



Galpão de Pedra

UMA gargalhada. Mais outra. Uma exclamação. E outra risada. E a confusão de tôda conversa dentro de um galpão escuro, quente e forte como um trago de "caña", clareando às vêzes com um último resto de brazas, um último pau terminando de queimar, levantando uma última chama esquiva.

Sempre foi assim. Seria assim. Se a gente voltasse, os galpões estariam lá, acolhedores e hospitaleiros. E seus ouvidos escutariam nossas conversas; se quisessem cantar êle bocejaria, como um velho, piscaria os olhos miúdos e cansados, mas ouviria e ao fechar da gaita expelindo a última nota, o galpão resmungaria, como um velho:

A la maula! Bonito, seu! Toque mais uma. Rebente essa porqueira? Toque uma rancheira, daquelas antigas, que só as antigas é que são bem boas! Cuê pucha!

★

Galpão que é os ouvidos da qüerência, por onde entram tôdas as conversas, desde os diz-que-diz-ques, até as notícias de revolução. Onde entram ou nascem as conversas e de onde, depois, se espalham por todo o pampa.

Galpão que ouve a gente, como quem não quer nada, depois fica quieto, mas dá sua resposta pela bôca de qualquer peão atrevido. Galpão onde a gente se cria, vive, ama, mas onde nunca a gente morre.

E' de todo mundo. Dos gaudérios, dos ruins, dos bons, dos carreteiros que transitam a vida inteira pelas estradas, sonhando com bons negócios, à luz das estrêlas, mas sempre morrendo pobres e sendo enterrados em qualquer coxilha de onde, depois, a cruz de madeira cai e se vai com as chuvas, correndo mundo que nem carreteiro, e que as águas carregam e terminam deixando num barranco, muito distante, em lugares desconhecidos, onde os supersticioso ficam com mêdo daquela cruz que ninguém sabe de onde veio.

Galpão bom, quentinho no inverno, fresco no verão, com suas pedras enormes, como criaturas decididas dispostas a enfrentar todos os anos, todos os tempos, certas de viver enquanto viver o mundo.

Jamais vira tapera. E' tão bom, tão calmo e, às vêzes, tão cruamente bochincheiro. Galpão de pedra, teto de zinco pintado de vermelho, cinamomos muito verdes e nodosos, com cavalos à sombra, com parilheiros escarvando em tardes de sábado, de certo ansiosos pelos trilhos da cancha onde vão correr no domingo, com fúria e estrépito de temporal.

Louco e bom. Tranqüilo e sangrento. Galpão que uma vez (e muitas) assistiu a brigas de adaga e olhou, com os olhos das janelas, as andanças do minuano fazendo estrepolia em noites de inverso e invejou, de certo modo, os passeios silenciosos da lua cheia.

Galpão que é a casa dos que não a têm. Que é, como se fôsse, mal comparado, o coração grande da qüerência, bochiceiro e amoroso.

THEREZA de ALMEIDA

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Matou o marido? Está na rua! 3/7
O drama de Ademir (Levy Kleiman) 12/15
Samurais em S. Paulo (Domingos de Lucca Jr.) 18/21
A concessão dos mortos (José Asmar) 54/57

ATUALIDADES

Passando manteiga no povo 51

CURIOSIDADES

Olhando a neve... para refrescar 28/31

LITERATURA

Galpão de Pedra (Thereza de Almeida) 9
A maravilhosa cidade (Romeu Cruzoé) 38
Dedos emprestados (Geo Williams) 46
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Palavras Cruzadas 16
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 42
Puxe pelo cérebro 50
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58

CINEMA

Orfeu (Cine-Novela) 44/45
HUMORISMO
Espírito de Porco (Théo) 8
Êste mundo e o outro (Darcy) 26

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 22/23

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Sonhos de moça 35

FEMININAS
Reveillon (Ramon) 36/37
Prêto e Branco 40/41
Week-End na Cozinha 43
EXTRA
O Diário de James Forrestal 32/33

ILUSTRAÇÕES

Jerônymo Ribeiro — Orval — Rafael.

FOTOS

José Santos — Nódgi — Dario Terini — Abdias Rodrigues — Avulsas — Arquivo.



NA CAPA:

Shelley Winters
(Foto Universal-International)

A SEMANA

Bons empregos

CONTA-SE que, certa vez, uma casa comercial publicou um anúncio pedindo gente para determinado departamento. O ordenado era muito bom. Apareceram vários candidatos; mas, como se exigia um certo grau de ilustração, o preenchimento das vagas não era coisa muito difícil. Mas, um dia apareceu lá um jovem que possuía qualidades. Entrando em conversa com os futuros patrões, o rapaz declarou que o emprêgo era bom, mas, para êle não servia. Emprêgo para trabalhar tanto não era com êle... Esperaria por um lugar em repartições do govêrno. E deve ter sido assim, pois não voltou mais ao chamado. Ùltimamente, uma Companhia de nossa praça publicou anúncios chamando gente capaz de ocupar vagas em serviços de mecânica e eletricidade. Para formar êsses técnicos, a emprêsa oferecia aos candidatos um curso teórico e prático, que vai de dois a quatro meses, mediante um salário bom e excelente diária nos dias de folga. Desde que o curso seja concluído, o salário será aumentado em cêrca de 30% e os dias de folga da mesma forma. Não resta dúvida que se tratava de emprêgo de futuro. E não se exigia muito: apenas conhecimentos de português e matemática ao nível do quarto ano ginasial, devendo o candidato ser maior de 18 anos e já estar quite com o serviço militar. Qual teria sido a afluência para êsse emprêgo? Com certeza não foi lá muito grande. Mas, se se tratasse de vagas em Ministérios, em Institutos, na Prefeitura, — Santo Deus! — verdadeira multidão de pretendentes afluiria, cada qual munido de "cartas-pistolão" dêste tamanho, pouco se prestando atenção ao mérito de cada qual. *Trabalhar? Eu não...*



A sêca no Rio



DESDE quando sofre esta capital as torturas da sêca? Parece que desde os dias em que os colonizadores expulsaram das margens da Guanabara os valentes aimorés. Até então os índios viviam muito bem, a pescar e a caçar ao longo dos riachos que, às dezenas, desciam dos declives das serras que marginam a mais bela baía do mundo. Mas, com a fundação do Rio, com a devastação das matas, o atêrro dos pântanos, o crescimento vertiginoso da população, a água se foi sumindo até chegarmos àquela situação calamitosa dos tempos da mocidade de Frontin. Para livrar o carioca de morrer de sêde, houve o famoso milagre de "Água em Sete Dias". De lá para cá, novamente a crise de água se agravou de tal maneira que anda todo mundo à procura de um outro Frontin que nos dê água já não em sete dias, mas em sete anos... E ninguém aparece. Todos os Prefeitos prometem abundância de água ao carioca; mas a infelicidade permanece a mesma, com pequenas atenuantes. O Rio, com seus dois e meio milhões de habitantes, ressente-se de um aparelhamento de abastecimento d'água já antiquado, exigindo coisa moderna, ampla e suficiente. O atual prefeito teve a coragem de dizer a verdade nua e crua, ao ir despachar com o Presidente da República, a 22 de novembro: "As providências para resolver o problema do abastecimento d'água da cidade excedeu aos limites da ação do govêrno municipal, que sofre limitações de várias naturezas, inclusive jurídicas". E apresentou sugestões: nomeação de comissões para estudar o problema, diretamente ligadas ao Presidente da República". Pelo relatório apresentado pelo Prefeito, êste lava as mãos à parede, já que não há água para lavá-las em pias...

O dia de Graças

EM 1620, quando ainda o território dos Estados Unidos era possessão inglêsa, vieram para a região do atual Estado de Massachussets, muitas famílias da Inglaterra e ali fundaram a colônia de Plymouth, uma homenagem à pátria distante. Os colonos eram todos protestantes, e, nas suas horas de lazer rezavam seus hinos ao Criador e confiavam na Providência Divina, contra os índios que ainda os havia naquela região. Sucedeu, porém, que o rigoroso inverno registrado naquele ano não permitiu que as semeaduras florescessem e as safras pudessem manter as famílias. O frio era de rachar. Não havia alimento suficiente. Passaram as mais duras privações aquêles colonizadores de boa fibra. Tiveram então que recorrer à praia e procurar mariscos. Mas nem só de mariscos se pode viver, e muitos dêles morreram em virtude da pobreza de alimentação. Depois de tão duro inverno veio uma primavera acolhedora e alegre. Contràriamente ao que os inglêses pensavam, muitos índios vieram até à povoação dos brancos e confraternizaram como se fôssem velhos amigos reunidos novamente pelo destino. E os selvagens ensinaram aos colonos a melhor maneira de cultivar a terra virgem da América, a caçar e a pescar. Em virtude disso os colonos deixaram os mariscos em paz e melhoraram os cardápios com boa carne, excelente peixe, hortaliças e milho magnífico, cereal que passou a ser prato obrigatório na mesa dos inglêses. Quando chegou a primeira colheita, os peregrinos dedicaram uma semana para dar Graças a Deus. Estavam salvos e com fartura. Festas entre índios e brancos, banquetes, esportes. Desde então, todo fim de novembro se celebra nos Estados Unidos o "Dia de Ação de Graças". E agora, também no Brasil. Vamos ver se Deus nos ouve!



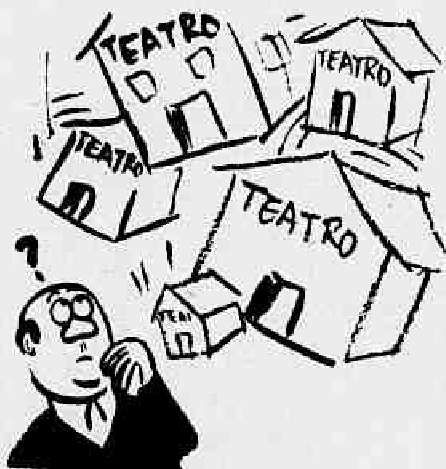
EM REVISTA

Os caronas do Municipal



O Teatro Municipal, sendo da Prefeitura do Distrito Federal, está sujeito, como qualquer outra casa de espetáculos do govêrno, a admitir a "caronagem" mais populosa e exigente. Todo mundo sabe como sucede isso. O Prefeito do Rio de Janeiro não poderia deixar de atender aos amigos da situação, sempre que se levavam ali espetáculos das temporadas oficiais, ou audições dos mais famosos maestros do mundo. O Teatro Municipal devia, pois, manter algumas cadeiras para os influentes da política. De início, o fato passava um tanto despercebido, pois que o número de cadeiras para os "caronas" não chegava a ser lá grande coisa. Para que criar casos? Já é tradição neste país o "sabe com quem está falando?" e outras perguntas um tanto embaraçosas para os que as ouvem. Por isso, o Prefeito do Distrito Federal tinha que deixar as coisas como estavam e não meter mãos em cumbuca. Mas um dia o vereador Raimundo Magalhães Jr., que tem um prazer louco em mexer com essas coisas de teatro, elaborou um requerimento e o enviou ao Sr. Prefeito João Carlos Vital, perguntando se havia cadeiras cativas à disposição de políticos. A resposta não se fêz esperar: o maestro Francisco Mignone, membro da mesma Comissão Artística, comunicou ao citado vereador, dizendo-lhe que o Prefeito "atendendo à denúncia formulada", havia determinado a supressão das cento e cinqüenta cadeiras (150!) cativas existentes no Teatro Municipal, e que eram distribuídas gratuitamente, em cada espetáculo, a elementos oficiais. De agora por diante, quem quiser gozar as delícias das temporadas, que pague no guichê. E' mais democrático e dá mais renda ao Municipal.

Chuva de teatros



HÁ já algum tempo que a Prefeitura do Distrito Federal vinha tentando dotar os subúrbios com uma rêde de teatros populares, mas nada podia fazer por falta de verba orçamentária. Mas a Câmara Municipal lhe deu os necessários poderes, autorizando-a a gastar oitenta milhões de cruzeiros. Assim, brevemente, montará a Prefeitura nada menos de dez teatros nos subúrbios e zona rural, para o que o Departamento de Educação de Adultos já está estudando os locais. Cada uma dessas casas de espetáculo terá platéia para cêrca de 800 espectadores. As peças que terão de ser levadas devem ser baseadas em argumentos que eduquem o povo, ao mesmo tempo que o divirta. Para isso a Casa dos Artistas e a SBAT (Sociedade Brasileira de Artistas Teatrais), em colaboração íntima com o Departamento de Educação de Adultos, examinarão programas e repertórios, os quais serão aprovados pelo mesmo Departamento. A construção dêsses teatros também poderá ser levada a têrmo por entidades privadas e idôneas, para o que a Prefeitura concederá auxílios especiais a associações recreativas e culturais que se interessem pela construção de teatros populares. Aí está excelente notícia para os suburbanos e habitantes do chamado "sertão carioca". Como sabemos, só há teatro no centro da cidade, e quando um suburbano se decide a vir assistir a seus espetáculos, é para sofrer as torturas da falta de transporte, salvo se possuir carro próprio ou puder pagar táxis. Andaria melhor a Prefeitura se, ao invés de teatros, construísse cine-teatros, em cujas telas o filme nacional pudesse ser exibido com mais liberdade.

Que mulher feliz!



A falta de manteiga tem sido tremenda em todo o Distrito Federal, nestes últimos meses. O negócio começou com a desculpa da estiagem. Não havendo chuvas por aí por êsses pastos, as vacas não comem; se as vacas não comem, não há jeito de secretar o leite. Logo, se não há leite, também não pode haver manteiga. E' a lógica do famoso e imortal Pacheco. Contudo, quando o cidadão aceitava a manteiga a 70, 80 ou mais cruzeiros por quilo, havia pasto, havia leite, havia vaca e manteiga também. E tudo com a maior rapidez e facilidade. O Sr. Cabello suou sangue para descobrir onde estava a manteiga, como já houve quem procurasse saber onde estava o dinheiro. Houve diligências, prisões, varejamentos de casas amanteigadas, mas a manteiga continuava mesmo arisca, sumida, a deixar saudades no estômago do carioca. Muita gente se conformou com as margarinas de variadas árvores genealógicas: sebo e óleos vegetais, óleos vegetais e sebo, leite pasteurizado e sebo, etc., etc., tudo isso vinha às mãos sofredoras do povo com o simpático nome de margarina. Era de amargar. Um dia, porém, o memorável dia 21 de novembro dêste ano da Graça de 1951, chegou com esta grande surprêsa para o carioca: haveria manteiga em abundância num caminhão colocado democràticamente lá no Largo da Carioca. Quem quisesse era só pagar a quarenta cruzeiros o quilo, abaixo do combinado entre a CCP e os produtores. Milagre! E, à tarde, lá estava o caminhão. Em menos de quarenta minutos foram vendidas seis mil latas de 250 gramas. Uma senhora, porém, ao passar perto, levou uma lata na cabeça, na confusão. Foi parar na Assistência. Quando a enfermeira soube, suspirou: Que mulher feliz!

A PERSONAGEM DA SEMANA


Dona Iolanda Vieira Bustamante da Silva

A semana que passou teve um trágico início: pela manhã, numa das ruas mais importantes de Copacabana, uma senhora, mãe de três filhos menores, ocupando destacada posição na sociedade, matou o marido com quatro tiros de revólver em plena via pública. Chama-se Iolanda Vieira Bustamante da Silva, casada, há mais de vinte anos, com o sr. Osvaldo Bustamante da Silva. Presa ao procurar fugir em direção à praia, a assassina foi levada à Delegacia Policial do Segundo Distrito, onde foi ouvida e autuada. Segundo suas declarações no cartório daquela repartição policial, dona Iolanda matara o espôso movida por ciúme, sentimento que lhe dilacerava a alma desde que suspeitara de que o companheiro possuía uma amante. Além do ciúme, diz que o marido muito a maltratava e que a desprezava últimamente. Não nos compete entrar nas razões do ato delituoso praticado pela homicida. Mas, devemos chamar a atenção de todos os que nos lêem, para a facilidade com que últimamente as mulheres eliminam seus maridos, procurando resolver casos íntimos que a lei prevê e lhes dá remédio jurídico, por meio da violência caracterizada pelos mais deploráveis crimes. Até pouco tempo tais atos condenáveis só eram registrados em casebres das favelas mais sórdidas e despoliciadas e onde vegeta uma população quase à margem da civilização. Hoje, porem, o ato de matar, o direito de punir com as próprias mãos, entrou nos hábitos da sociedade culta e tais delinqüências servem de motivo sensacionalista com fotos e atitudes de criminosos e suas vítimas, como se estivéssemos numa terra sem lei. E' alarmante o que se vem passando nesta capital, onde mal saem dos júris criminosas que mataram os maridos, e outras lhes tomam o lugar a empunhar revólveres assassinos. O caso de D. Iolanda tem aspectos dolorosos, sabendo-se que três filhos menores, inclusive uma menina paralítica, ficam sem pai e com a mãe na cadeia. Será que as mulheres estão julgando que não há júri para condená-las? Será que lavra em seus espíritos a insânia do ciúme e a presunção antecipada da impunidade? Parece que a instituição do júri popular está falida.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se
Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* Gesteira



PÉS QUE VALEM UMA FORTUNA — O presidente do Vasco avaliou-os em 33 milhões de cruzeiros, esta a quantia que pediria pelo seu passe. Haverá algum candidato tão rico?



MAIS UM DRAMA DO FUTEBOL

DIZEM OS TÉCNICOS que Ademir precisa de muito oxigênio, para voltar a ser o famoso atacante das arrancadas espetaculares, que se transformavam em goals certos. Êle próprio acha que retornará às canchas na plenitude da forma que o consagrou no mundo inteiro.

O DRAMA DE ADEMIR



UMA VEZ o Vasco não acreditou na recuperação de Ademir que foi para o Fluminense e sagrou-se campeão carioca.

HISTÓRICO DO ACIDENTE NO RECIFE E SUAS CONSEQÜÊNCIAS NO QUADRO DO VASCO ★ O MÉDICO GIFFONI ACREDITA NUMA REABILITAÇÃO COMPLETA, MAS COM O TEMPO ★ FALA OTO GLÓRIA: "UM TIME QUE JOGA COM A MESMA FORMAÇÃO, ANOS SEM PARAR, TEM QUE DAR O PREGO" ★ E ADEMIR: "SAIR DO VASCO? SÓ POR UM ABSURDO! TERMINAREI NO VASCO!" ★ FINALMENTE A PALAVRA DO PAI DO "CRACK" PERNAMBUCANO: "PROFISSIONAL É DE QUEM DER MAIS. SE O VASCO NÃO ACREDITAR NAS POSSIBILIDADES DE MEU FILHO, MANDÁ-LO EI COM A ESPÔSA, DAR UM PASSEIO NA EUROPA"

Reportagem de LEVY KLEIMAN ★ Fotos de NODGI

O Vasco se preparava com afinco para a "Copa Rio", o campeonato mundial de campeões que, pela primeira vez, iria ser disputado no Estádio Municipal. Recusara uma temporada em campos da Suécia para não expor o seu quadro, bicampeão da cidade, aos rigores do frio europeu e das contusões que uma campanha em campos estranhos poderia ocasionar aos seus jogadores campeões. Para não ir longe, aceitou o convite para uma rápida temporada de três jogos em Recife.



DEPOIS, ADEMIR retornou ao Vasco e agora parece que muitos duvidam de sua recuperação. Para aonde irá?

O DRAMA DE ADEMIR



ARRANCADA, MARCA ADEMIR, é a que vemos contra o América, depois de vencer o centro-médio realizada pelo atacante pernambucano num jôgo Osvaldinho. Será que veremos ainda êstes «rushes».



OTO GLÓRIA afirma que Ademir fêz falta na campanha do tri-campeonato. Uma das chaves do **fracasso**.

A direção médica manifestou-se em contrário, alegando que isso, da mesma forma que a temporada em campos suecos, prejudicaria o preparo físico iniciado em Cambuquira, onde os "cracks" vascaínos refizeram as fôrças gastas na campanha do campeonato carioca e no Rio — São Paulo. Apesar do ponto-de-vista médico, que era contrário à excursão, mas que achava interessante o time do Vasco preparar-se com uma série de amistosos no Rio, o quadro bicampeão foi exibir-se na capital pernambucana.

★

Acontece o imprevisto. O Flamengo foi à Suécia no lugar do Vasco e fêz um sucesso tremendo. Ninguém se contundiu nem virou picolé. O Vasco foi ali em Recife, e logo no primeiro choque sofreu uma perda sensivel: o primeiro astro da companhia, Ademir, sofre uma lesão na perna, num choque com o zagueiro pernambucano Astrogildo. Logo êle, que era a maior glória do futebol pernambucano, contundir-se em Recife! Bem na véspera da estréia do Vasco na "Copa Rio", quando o clube de São Januário tinha fortes razões para aspirar ao titulo de campeão mundial dos cam



«QUEIXADA» EM FAMILIA, em companhia de seu pai, Coronel Menezes, e sua espôsa, logo após a contusão que o afastou da atividade futebolística



COM O PÉ NO ESTALEIRO. Ademir posa para a posteridade, sem pensar no drama que se desenrolaria durante meses. O pé engessado, uma grande história

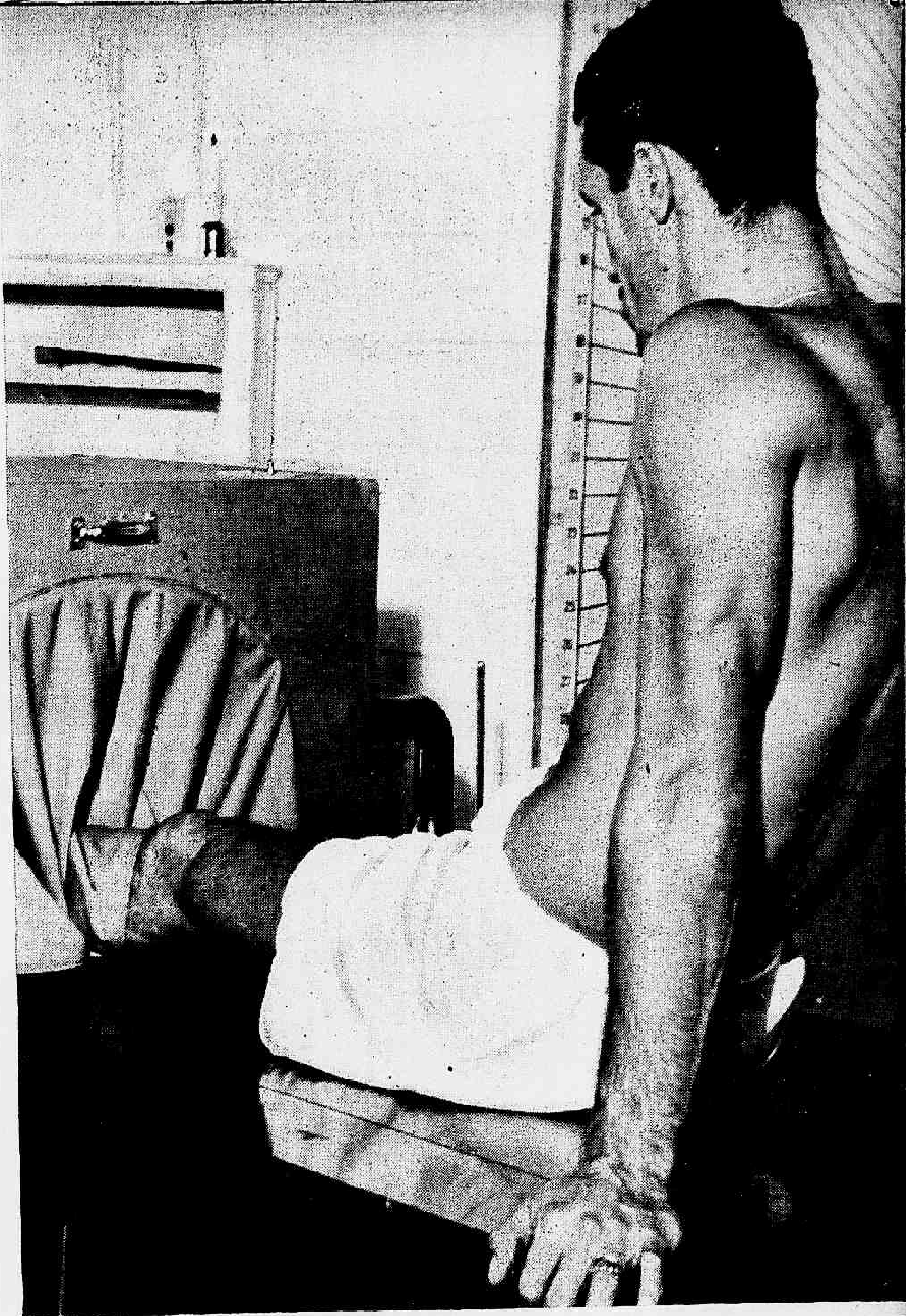


ADEMIR SEM PÉ? Não! O discutido atacante experimentando a esquerda, num shoot.

peões, porque a maioria dos seus elementos integrara o selecionado brasileiro que estivera com a "Copa do Mundo" nas mãos, perdendo-a no segundo tempo da última partida! A "Copa Rio" seria uma boa oportunidade para a reabilitação daqueles rapazes. O Vasco poderia acrescentar aos seus troféus, além dos títulos de bicampeão carioca e de campeão dos campeões da América do Sul, o cetro de campeão dos campeões do mundo.

★

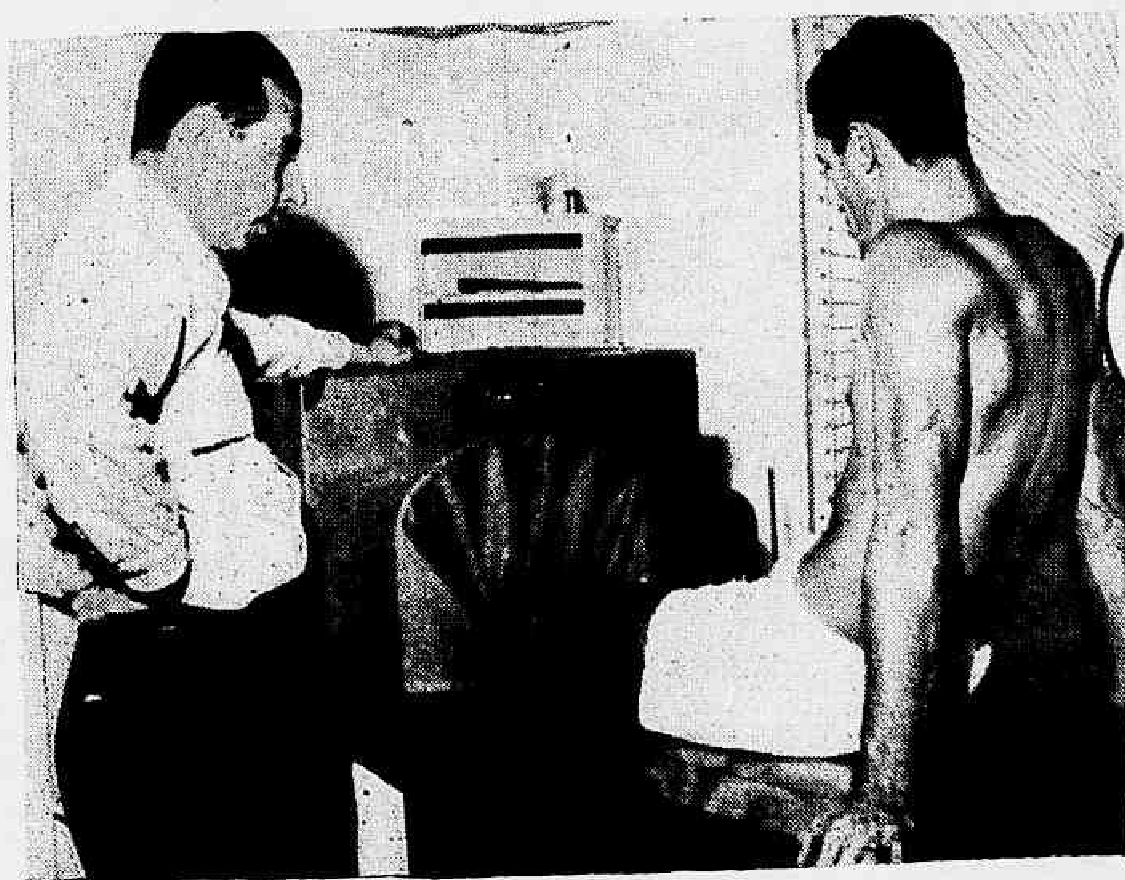
Ademir precisou engessar um pé. O seu drama começou quando teve que abandonar o gramado com 15 minutos de jôgo. Pé engessado significava paralização, e a "Copa Rio" ia começar na semana seguinte. O "queixada", como é conhecido nas rodas futebolisticas devido ao seu queixo um pouco mais alongado que o normal, não poderia entrar em atividade nos primeiros jogos, o que seria um grande desfalque para o Vasco, opinavam os entendidos. O time cruzmaltino sem Ademir não anda, diziam outros. Os responsáveis pelo time da colina respondiam que êle seria lançado nas últimas pelejas da "Copa Rio". Acabou o Vasco



ADEMIR COM O PÉ NO FORNO — Êle se submete diàriamente a um rigoroso tratamento para poder retornar à ação. Ei-lo com o pé na estufa suportando 90 graus de calor, para poder colocar as bolas nas rêdes adversárias.



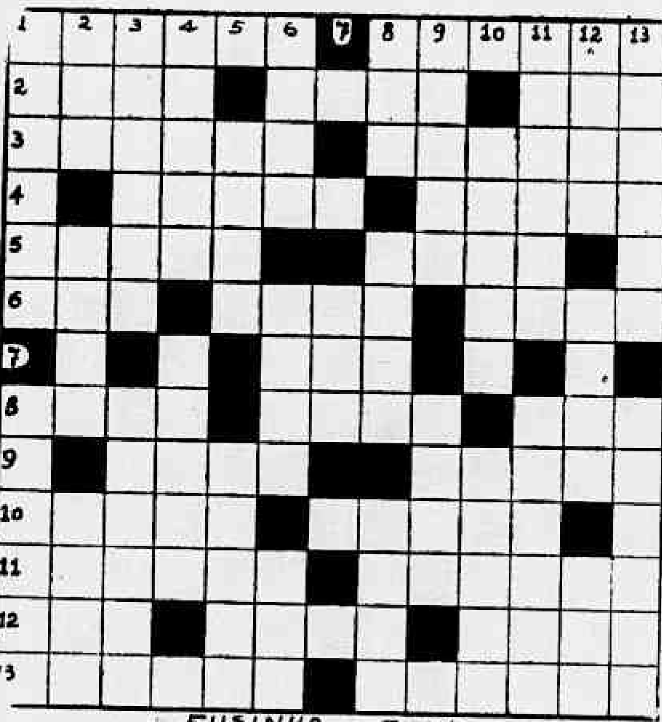
MARIO AMÉRICO cuida do pé do crack com muito carinho. Ei-lo dando massagens para que Ademir possa reintegrar-se no Vasco, como artilheiro-mór



O Dr. AMILCAR GIFONI esclareceu pontos obscuros do caso Ademir. Testes radiológicos virão um dia à luz, para provar que sua estréia não foi precipitada

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N: 82 para Veteranos

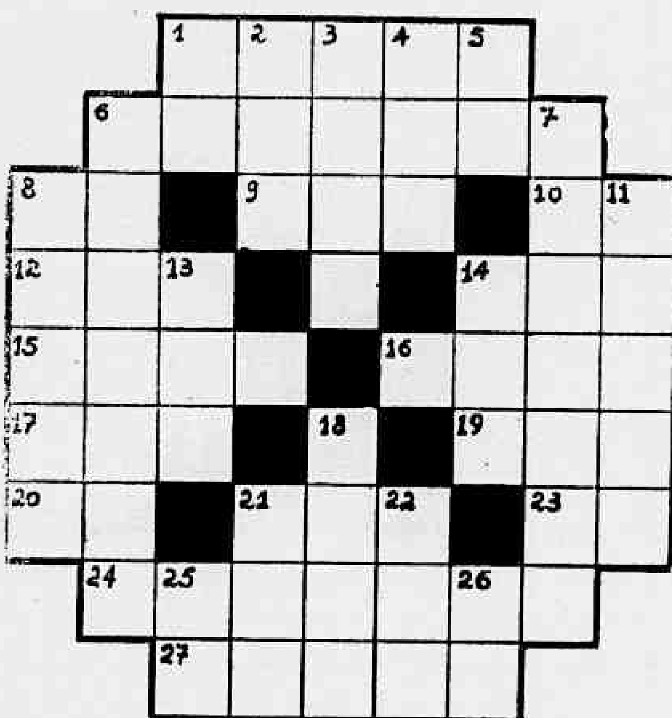


HORIZONTAIS: — 1. Namoro. Guarda-rio do Brasil (ave) — 2. Apenas, dificilmente. Balizas. Abertura circular — 3. Orvalhada. Presencial — 4. Espécie de mocho. Espécie de bagre — 5. Embriagar-se. Nome da Pérsia, na língua persa — 6. Antiga cidade da Colchida. Grosso calabre do navio. Espécie de palmeira — 7. Gênero de plantas da família das Leguminosas — 8. Mamífero roedor. Provocação amorosa. Medida japonêsa de capacidade, equivalente a 1.804 litros — 9. Jacaré-grande. Jogador de profissão — 10. Padreador. Muito prêto e lustroso — 11. Sobrecarregado. Apoio, patrocínio — 12. Pai de Abner e tio Saul. Despenhar-se. Instrumento de caça usado entre as cabilas da Argélia — 13. Aprendizes. Cozimento de cevada.

VERTICAIS: — 1. Tarimba. O outono — 2. Passado. Nome próprio feminino. Caracol de cabelo — 3. Beberagem enfeitiçada. Mixórdia — — 4. Peixe do litoral da Bahia. Oportunidades — 5. Desagradável ao ouvido. Prefixo latino que significa além de — 6. Nome de homem. Envergonha. Aos (arc.) — 7. Interjeição dos índios do Amazonas, significando espanto, alegria — 8. Radical grego que significa terra. Rio da Áustria, no Tirol. Comandante naval francês (1651-1702) — 9. Engordar, contaminar. Peiam, ilaqueiam — 10. O céu personificado. História — 11. Ação briosa. Célebre família italiana que reinou no ducado de Milão nos séculos XV e XVI — 12. Rio no Estado do Paraná. Rei de Israel, 850 A.C. O arquétipo preexistente — 13. Peneira onde se colhe o café em grão. Cobrira de óleo.

★

Problema N: 82 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Mano — 6. Transferiram para outro dia — 8. Símbolo do ouro — 9. Pedra do altar — 10. Brisa — 12. Prefixo que exprime igualdade — 14. Ligue — 15. Tenebroso — 16. Gostam — 17. Cólera — 19. Comandante turco — 20. Rio da Suiça — 21. Camareira — 23. Atmosfera — 24. Atoleiro — 27. Fruto do limoeiro.

VERTICAIS: - 1. Substrato instintivo da psiquê — 2. Esteiro de rio — 3. Fluxo das águas do mar — 4. Lavra — 5. Feminino da terminação ão — 6. Meridional — 7. Bosque grande e espêsso — 8. Brinquedo — 11 Impelir com o auxílio de remos — 13. Reza — 14. Quer bem — 18. Dão miados — 21. Aranha amazônica — 22. Mulato alvacento — 25. Outra coisa — 26. Contração.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 81 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS e VERTICAIS: — Tarimbeiros — Adur — Fita — Rua — MCC — Man — Ir — Nahua — Og — Mamaria — Bacharelada — Curutear — If — Ailás! — Mó — Rim — Aar — Vou — Otão — Moer — Sangradouro.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Má — Cá — Iracundos — Acama — Rã — Atar — Ta! — Ar — Aatú — Al — Ataco — Americano — Lá — Ar.

VERTICAIS: — Mi — Arar — Coar — As — Acata — Cá — Uma — Nata — Araca — Atar — Alma — Atí — Lona — A.C. — Al — Or.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

eliminado nas semifinais pelo Palmeiras que foi o vencedor do campeonato mundial dos clubes campeões. E Ademir, da "Copa Rio", só viu os jogos pela televisão.

Iniciou-se o campeonato carioca, e nada de Ademir jogar. O Vasco caía, cada vez mais, de produção. Era a falta de Ademir, opinavam os catedráticos. Passaram-se uma, duas, três, nove rodadas, e nada de voltar a "máquina de fazer goals". Finalmente, na décima rodada do turno, Ademir retornou ao time do bicampeão. Nessa altura o Vasco ocupava o terceiro lugar, a 3 pontos de distância do líder. Nesse dia, o adversário era o Bonsucesso. A contagem acusava 3x3 e Ademir, numa jogada que levava a sua marca registrada, consignou o "goal" que parecia da vitória. Mas o rubro-anil, surpreendentemente, conquistou o empate, e o jôgo terminou 4x4. Na peleja seguinte, frente ao América, Ademir voltou a jogar, mas se ressentiu da contusão, ficando novamente impossibilitado de defender as côres do seu clube.

O drama de Ademir atingiu ponto culminante. Está inutilizado para o futebol, argumentavam torcedores que ouviram informações de médicos especializados. Se voltar a jogar não será o Ademir de antigamente, diziam os entendidos. Qual, êle está com muito dodói e não vai querer virar saco de pancadas, exclamavam os técnicos de café. Nunca mais jogará, sentenciavam os catedráticos. A "onda" contra Ademir aumentava cada vez mais. Foi lançado precipitadamente, informavam os torcedores. Certo dia um jornal publicou uma entrevista com o Coronel Otávio Póvoa. Ademir leu, não gostou da opinião emitida pelo presidente do Vasco a respeito do seu estado físico, e foi procurá-lo para pedir a rescisão do contrato. Antes que falasse, o mentor dos cruzmaltinos desmentiu a entrevista. O drama existe, e por isto procuramos contar a história tal qual se desenrolou, ouvindo as principais personagens, notadamente o próprio Ademir, "crack" de fama internacional, várias vêzes artilheiro do campeonato carioca, artilheiro-mor da "Copa do Mundo".

A primeira pessoa a ser ouvida seria forçosamente o médico especializado, dr. Amilcar Giffoni, chefe do Departamento Médico do Vasco.

— "A propósito da excursão do Vasco a Recife, o meu parecer foi contrário" — disse o dr. Giffoni. Achava que o trabalho de Cambuquira seria prejudicado pelas condições do nordeste, clima, alimentação e estado dos gramados. Na sua opinião, a preparação para a "Copa Rio" deveria ser no Maracanã.

"O resultado negativo da temporada em Recife, confirmando a minha previsão, foi a contusão de Ademir que, aliás, eu não considerava de gravidade; entretanto a entorse, com rotação da articulação tibio-társica, comprometia os ligamentos. Havia o desejo do lançamento do grande astro na "Copa Rio"; para dividir responsabilidades pedi uma conferência médica, na qual colaboraram os drs. Correia Lago e Mário Jorge. Então, já passados 30 dias, verifiquei que de fato era a entorse que o impossibilitava de voltar à atividade imediata."

— Fala-se que Ademir foi lançado prematuramente — perguntamos ao médico especializado do Vasco — é verdade?

— "Não" — foi a resposta. — "Há um grande êrro nessa informação, porque Ademir fêz, no Hospital dos Acidentados, testes radiológicos que virão futuramente à luz. O seu lançamento não foi feito contra o Bonsucesso, mas durante seis treinos aqui em São Januário, e só depois é que êle estreou contra aquêle clube, marcando um "goal" formidável. No jôgo com o América êle foi *criminosamente* atingido pelo zagueiro Osmar, no pé contundido. Logo em seguida, ao tentar um "goal" veio uma entorse violenta que não atingiu a parte contundida em Pernambuco. Teve que abandonar o jôgo, retornando logo depois para atuar na ponta esquerda, sem nenhuma injeção local. Apenas fricção e um pouco de gêlo no ponto dolorido."

Quanto à série de intervenções a que se submeteu o "crack", o dr. Giffoni esclareceu:

— "Como é de patologia médica e de conhecimento de todos, certos focos dentários e as amigdalites agem à distância nas articulações, prejudicando a cura. Após estudos por técnicos no assunto, foi aconselhada a retirada daqueles focos infecciosos. Daí por que foi feita a extração de dois grânulos dentários, raspagem alveolar, e a retirada das amígdalas. Os resultados não serão imediatos. Êles virão no correr do tempo. Ademir vai se beneficiar bastante. Só será lançado em competição desportiva quando estiver fisicamente bem. Nós não vamos apressar, não há razão para sacrificar inùtilmente um "crack" de suas qualidades. Êle voltará a ser o que sempre foi. Esperem e verão."

Na escala crescente do drama de Ademir, procuramos o segundo homem da história, Oto Glória, responsável pela parte técnica, que nos prestou interessantes declarações sôbre o assunto:

— "Ademir faz muita falta ao time do Vasco" — declarou o preparador. — «Quanto à sua pergunta, se êle foi lançado antes da cura completa, devo informar que êle estava fisicamente apto. Aliás, a sua presença no time é de grande efeito moral."

A propósito da queda de produção do time campeão de 50, assim se expressou Oto Glória:

— "A política entre os dirigentes tinha que influenciar um time de veteranos, que só teve dois reforços: Clarel e Edmur. O time estava cansado do campeonato da cidade, Rio-São Paulo, Copa Rio, e não teve reservas à altura. Depois, o desfalque, de Ademir, a suspensão de Danilo. As quatro vêzes que o Vasco jogou completo venceu. Derrotou duas vêzes o Peñarol, o Arsenal, e um time de Araraquara. No início da temporada, em relatório à diretoria, pedi que contratassem os seguintes jogadores: De Sordi, Ruarinho (o centro-médio que está fazendo sucesso no Botafogo), Rubens (o meia que deu vida nova à linha do Flamengo), e um extrema esquerda. Um time que joga com a mesma formação, anos sem parar, tem que dar o prego."

Finalmente, o terceiro homem, que não é Orson Welles, mas que no futebol é o mesmo que o famoso ator no cinema. Enquanto o "crack" colocava o seu pé num forno a 90 graus, o repórter crivou-o de perguntas.

— Quem foi o autor de sua contusão e, indiretamente, de tôda esta reportagem?

— "O zagueiro pernambuco Astrogildo, mas o lance não foi proposital. Mera casualidade."

— Estava chovendo naquele jôgo e o Vasco não pediu adiamento da partida?

— "Não, a iniciativa partiu dos recifenses, mas o Vasco não aceitou porque ainda havia outros jogos a cumprir. O tempo era curto."

— Com quantos minutos de jôgo você abandonou o campo?

— "Com quinze minutos; em seguida foi submetido ao Raio X, que acusou uma fissura na perna."

— Quando começou o seu drama?

— "Examinado pelo dr. Correia Lago, êste constatou rutura de ligamentos. Aí começou o meu sofri-

(Cont. da pág. 46)

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA

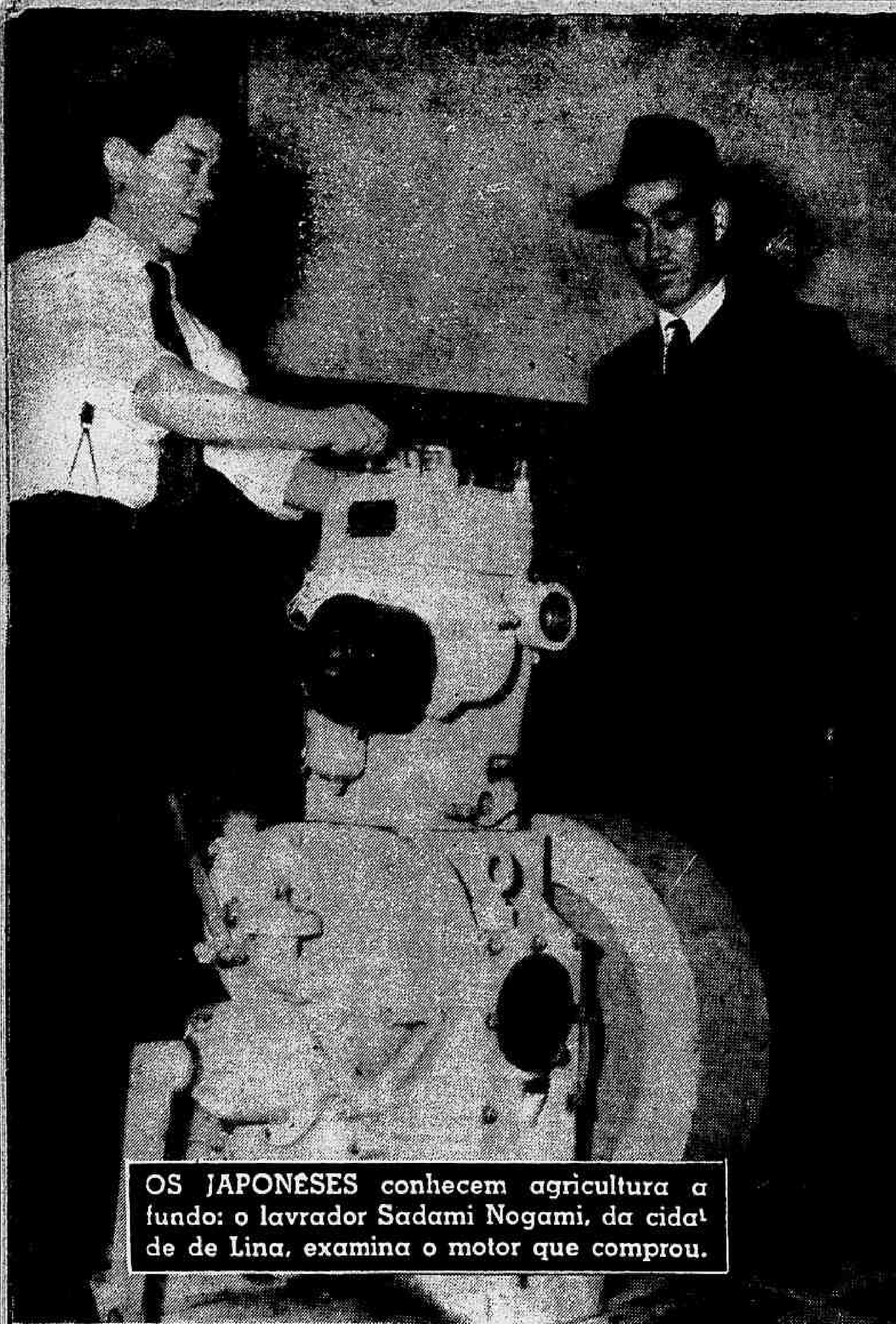


Com a nova dança «Baião», Samba liso e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ» Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00. — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

À venda também, nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



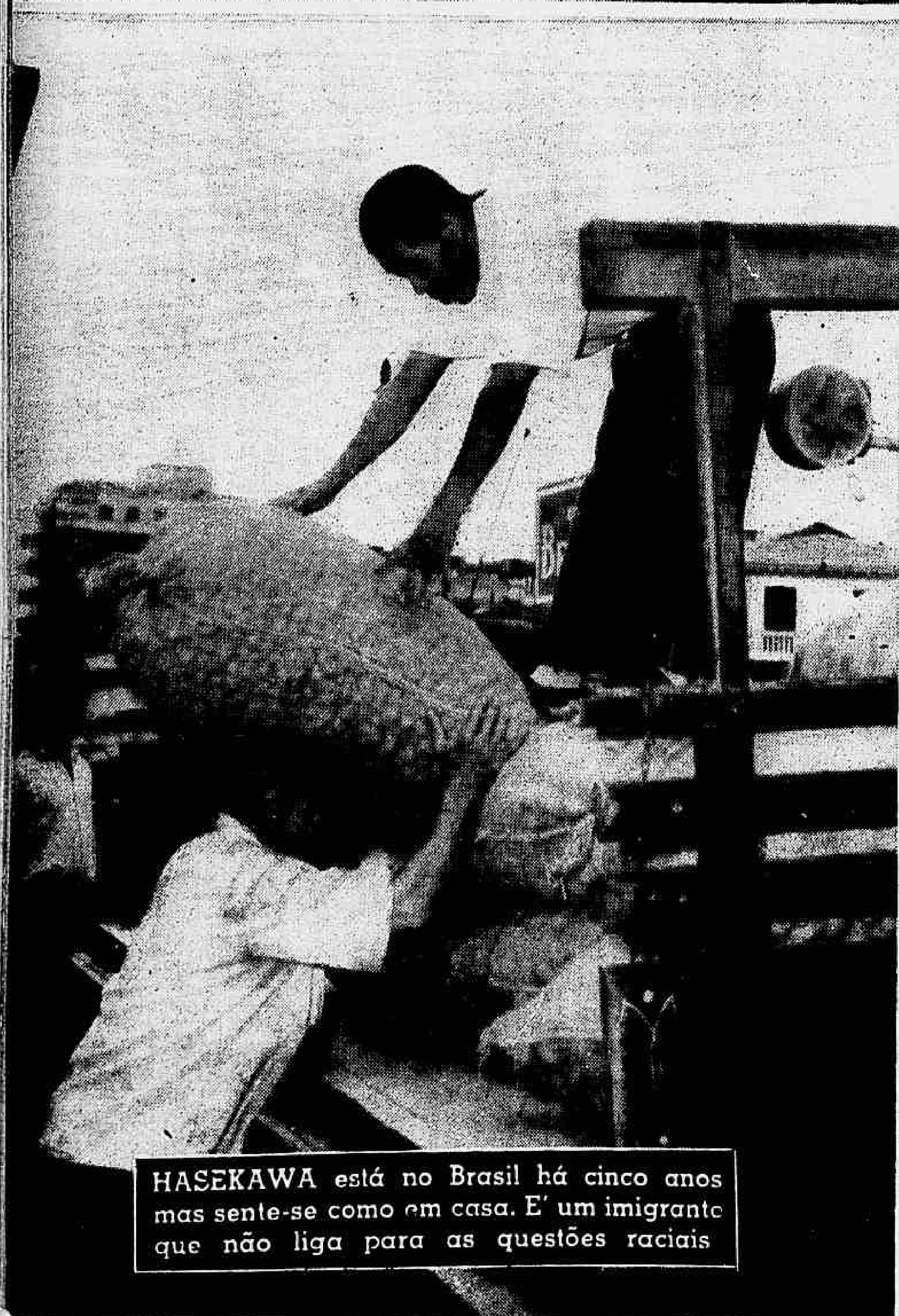
CASA CRISTALINO
URUGUAIANA, 35-37



OS JAPONÊSES conhecem agricultura a fundo: o lavrador Sadami Nogami, da cidade de Lina, examina o motor que comprou.



O "NISEI" Paulo Nakano (no caminhão) continua a obra dos seus pais. Tem 21 anos, nasceu no Brasil e não quer outra pátria.



HASEKAWA está no Brasil há cinco anos mas sente-se como em casa. E' um imigrante que não liga para as questões raciais



ÊLES PROCURAM modernizar ao máximo a arte de bem lavrar a terra e gastam as suas economias na aquisição de máquinas.

SAMURAIS EM SÃO PAULO

COMO VIVEM OS JAPONÊSES NO BRASIL

UM "BAIRRO NIPÔNICO" EM SÃO PAULO ★ O PROBLEMA DA ASSIMILAÇÃO ★ EDITAM-SE 7 JORNAIS NESSE IDIOMA, NA CAPITAL ★ COMO VIVEM OS JAPONÊSES ★ TRADICIONALISMO E ADAPTAÇÃO ★ CASAMENTO E FAMÍLIA

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR
Fotos de DARIO TERINI

São Paulo, — novembro.

LÁ longe, na última esquina da Asia, na grande Avenida do Pacífico, que dá caminho para a América, há um país muito antigo. Sua história, eivada de lendas, correu os sete mares, contando a todos a vida dos poderosos filhos do sol, donos de imensos impérios, cujas fortunas fariam água na bôca de Ali Khan. Aquêle país romântico, onde as mulheres falam manso e baixam os olhos para seus amados, é o país da lenda, das músicas tristes, das gueixas alegres e bonitas. Nos campos, durante a primavera, você ficará extasiado, deixando seus olhos percorrerem o horizonte, de infinito a infinito, vendo apenas cerejeiras em flor. E ficará assim, por muitas horas, entre a beleza e o perfume, escutando os cânticos dos lavradores pacatos. Lá, bem longe, nas praias de onde a Asia flerta com a América, está o Japão.

E' um país que cresceu muito e sua população, calculada em mais de 80 mi-



TOKUSO MAEDA lê um jornal nipônico editado em São Paulo. Há 20 anos está no Brasil, tem dois filhos bem brasileiros, mas gosta de ler um jornal japonês.



HISAE OSAKA é brasileira e seus pais vieram há 30 anos do Japão. Simpática, é com um belo sorriso que diz a Chotaro Horita: «Pode levar êsse samba, é o maior...» Êle, que veio da terra dos samurais há 20 anos, leva consigo o último sucesso da praça. Na parede, vemos alguns tipos de beleza da terra oriental.

COMO VIVEM OS JAPONÊSES . . .

lhões de almas, viu diminuir, dia a dia, o espaço que lhe era destinado à vida. Seu govêrno buscou várias soluções para o problema e uma delas foi a imigração.

Porém, outro caso foi criado. Como se sentiria o japonês que, nunca tendo saído da Asia, adentrasse o ocidente, cujos hábitos e costumes eram completamente diferentes e cuja língua se distanciava tanto da sua como a extensão geográfica que os separava? Mas, como sempre houve e haverá uma "primeira vez", êles imigraram com quimono e tudo, trazendo nos corações esperança e no espírito a fibra que herdaram dos guerreiros samurais.

Os navios partiam sempre, rumo ao desconhecido ocidente. Era a história que se invertia. Os orientais buscavam viver nas paragens longíquas de onde, há séculos atrás, seus ascendentes viram chegar veleiros que iam negociar em seus portos.

Os ocidentais foram vendo aportar às suas cidades e deslocarem-se para seus campos tipos jamais vistos e de que tanto falavam as geografias, que os denominavam amarelos e contavam fabulosas histórias de guerra e fortunas.

Rompia-se, definitivamente, o "tabu" do Oriente.

OS JAPONÊSES NO BRASIL

Quando os primeiros japonêses chegaram ao Brasil, em 1908, muitas pessoas não acreditaram em sua fixação e integração na ordem social, em vista da diferença das duas civilizações e das dificuldades que encontrariam para aprender português.

Isso não aconteceu e os primeiros colonos nipônicos, localizados no Estado de São Paulo, lançavam, a partir dêsse momento, as sementes da grande colônia japonêsa que haveria de florescer aqui, distribuindo seus membros nas mais diferentes atividades humanas, desde a lavoura até a política.

Até o ano de 1939, segundo dados oficiais do Departamento de Imigração e Colonização do Estado de São Paulo, entraram 188.615 japonêses no Estado. Seu índice de fixação foi de 90,63%, que muitos atribuem à impossibilidade de regresso, em virtude da situação internacional. Porém, não resta dúvida que os nipônicos que voltaram para o Japão foram, em sua maioria, passageiros que aportaram ao Brasil em 1º clásse de grandes navios, não podendo, certamente, ser considerados imigrantes.

Em 1940 recebemos mais 1.300 japonêses, quase todos procedentes de Kóbe (1.265); 27 vieram de Yokohama, 1 de Nova Iorque e 7 de Buenos Aires.

Êsses colonos, agricultores por excelência e esplêndidos hortelãos, estabeleceram-se inicialmente, nas cercanias da Capital, invadindo o extenso subúrbio da Central do Brasil. Suzano ficou sendo, desde cedo, seu ponto de referência. Os colonos desenvolveram, como ninguém havia conseguido, a cultura das hortaliças, a criação de galinhas, a fruticultura, estando, atualmente, nossa Capital, na dependência direta de sua produção, para suprir seus habitantes.

Trazendo conhecimentos agrícolas adiantadíssimos, os japonêses estinguiram várias lendas do "não dá" e provaram que "plantando dá". Produziram pêssegos e ameixas tão boas ou superiores às frutas importadas e continuam em suas experiências, na esperança de suprir o estado de muito produto agrícola que hoje se importa.

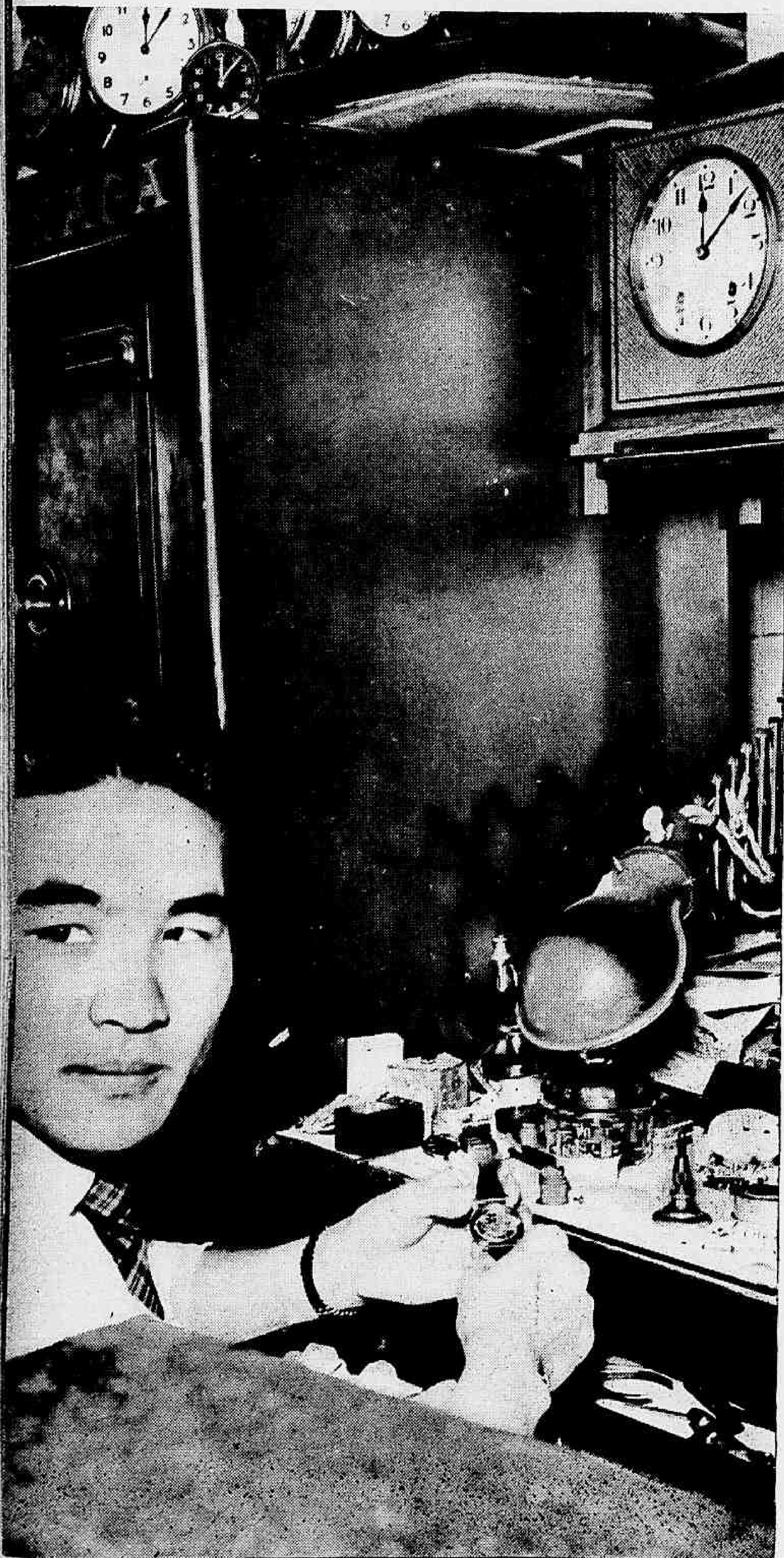
DISTRIBUIÇÃO NO ESTADO

Não ficou na Central do Brasil a colônia nipônica. Seguiu para outros pontos do Estado, localizando-se no Sul, nas cidades de Cotia — grande centro da colônia — em Guapiara, em Capão Bonito, em Piedade e outras cidades, alcançando, dentro em pouco, as férteis terras do Norte do Paraná.

No Noroeste, ergueram verdadeiras cidades, que estão alicerçadas na sua economia agrícola, como Cafelandia, Lins, Marília, Presidente Prudente e outras, tendo colaborado, notoriamente, para o florescimento e desenvolvimento de Londrina, que é o maior centro produtor paranaense e uma das cidades onde mais dinheiro corre no Brasil.



O LAVRADOR YAZIMA tem 20 anos de São Paulo, veio com 8. Casou-se, é pai de dois brasileiros e quando vai à cidade compra revistas para seu velho pai.



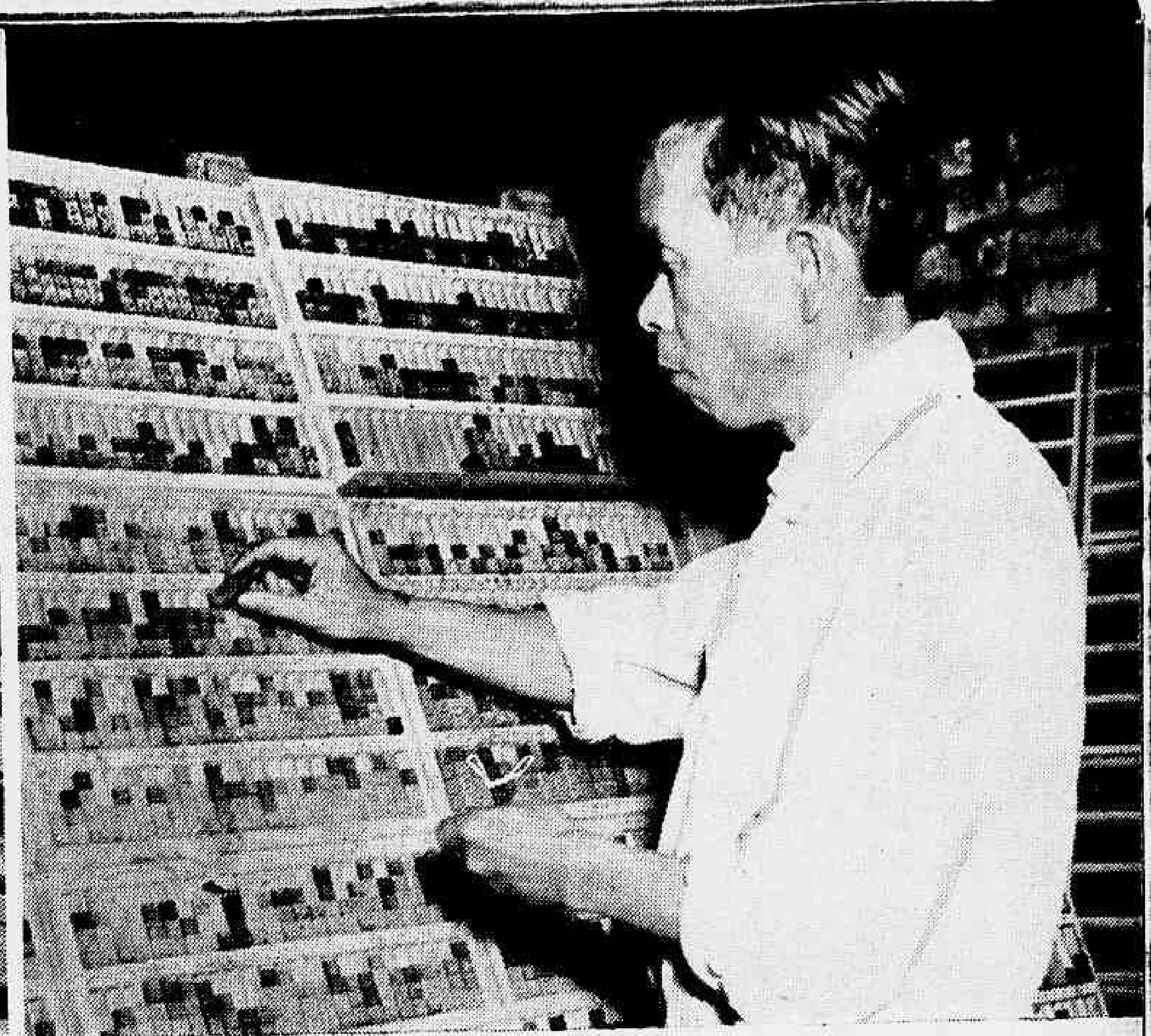
TAKEJI SASAKI veio com 2 anos de idade e fala o português tão bem quanto nós. De início trabalhou na lavoura, mas hoje é relojoeiro em São Paulo.



ÊLE PREPARA-SE para um casamento e vai a tesoura comendo o cabelo do jovem nipônico. Na festa haverá sake, peixe e broto, convém ir bem cuidado!



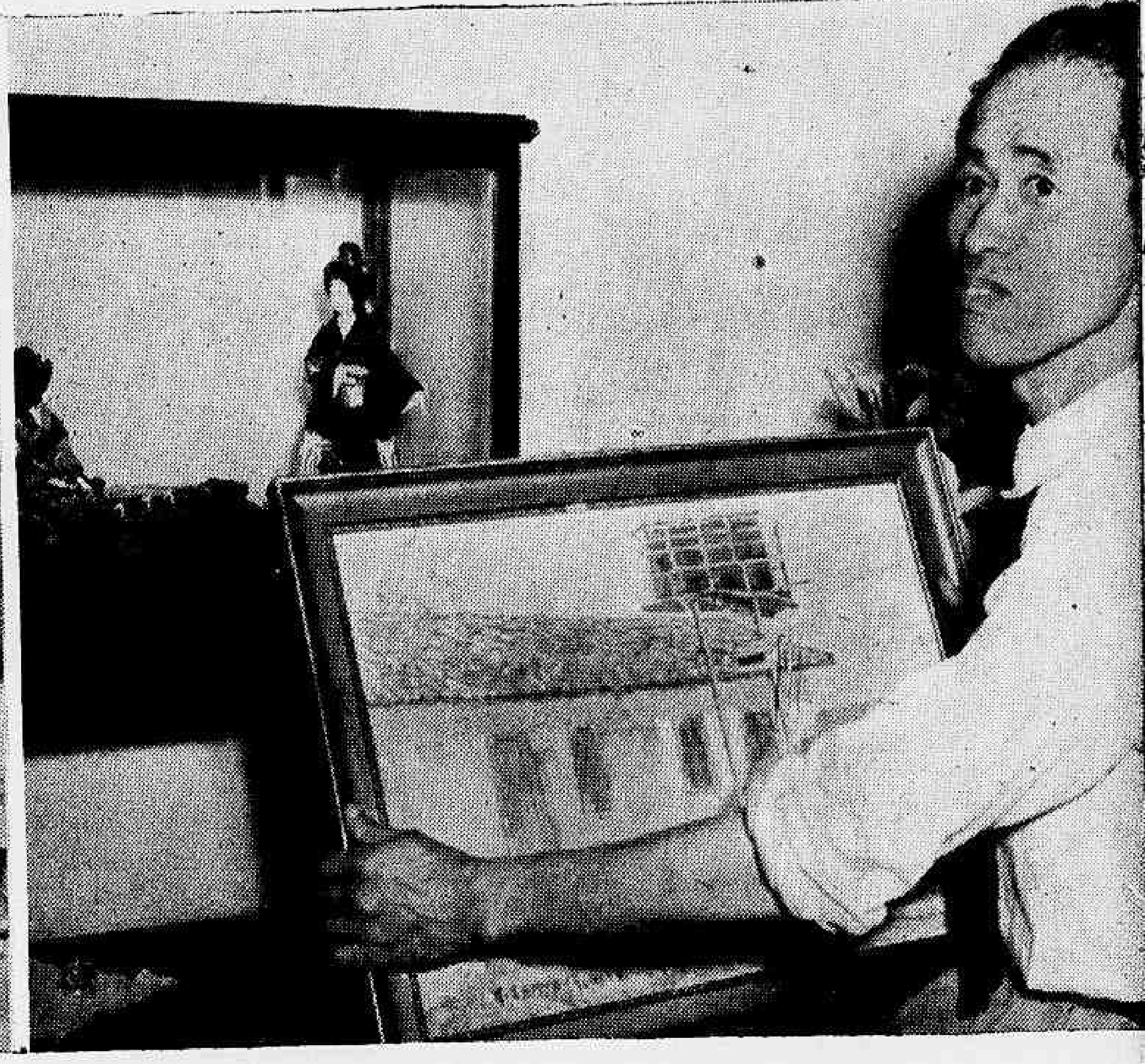
ASAJIRO SHIMAZUMI, cujos pais vieram há 22 anos, é um bom balconista. Vende objetos importados do Japão. Brasileiros e japonêses são os fregueses.



NÃO HÁ LINOTIPOS para a impressão dos jornais nipônicos. São compostos a mão e montados para a feitura das 7 gazetas editadas na capital paulista.



ONTEM elas comiam com os tradicionais «palitos». Hoje, integradas na ordem do ocidente, usam garfo e faca, como brasileiras que não vêem cerejeiras em flor!



K. TOMIOKA, pintor japonês radicado em S. Paulo, é um exemplo da arte nipônica. Guarda seu tradicionalismo e avança para o mundo dentro da sua arte.

NÃO É SÓ NA AGRICULTURA

A colonização japonêsa, como outras que vieram para o Brasil, já está, no entretanto, entrando na fase de superação da agricultura e se inicia em outras atividades, como no comércio, na indústria, etc. E, nas diversas profissões liberais, milhares de filhos de japonêses labutam, ombro a ombro com outros brasileiros, ajudando a construir nossa independência econômica.

Na Capital, esta enorme babel sem raça, nipônicos, "niseis" e descendentes de outras nacionalidades trabalham juntos, na melhor das harmonias, pois o problema da raça inexiste.

Há, todavia, como existem de outras nacionalidades, o que poderiamos chamar de "bairro japonês". Há anos, localizava-se bem no centro da urbe, nos limites das ruas Conde Sarzedas, Conselheiro Furtado, Conde Pinhal, etc. Com o crescimento da cidade, praças destruiram algumas dessas ruas e os nipônicos, aos poucos, foram descendo para as bandas do Mercado.

Lá, encontramos livrarias, pensões, hotéis, relojoarias, bazares, lojas, bancos e mais uma infinidade de estabelecimentos comerciais nipônicos. Os disticos de suas portas são pitorescas, agradàvelmente impressos na ortografia que êles trouxeram da Asia, dando um colorido diferente à cidade.

SEU TRADICIONALISMO

Os japonêses se aclimataram ao Brasil e se integraram em sua sociedade. Contudo, guardam ainda muito do seu tradicionalismo, o que, aliás, acontece com outros imigrantes.

Há em S. Paulo, um templo Xintoista, alguns restaurantes e "boites" típicas, centros desportivos e culturais, freqüentados por japonêses, por "niseis" e mesmo por brasileiros filhos de pais alemães ou italianos. Não há, como você poderia julgar, por parte do japonês, a preocupação da divisão racial. Muito ao contrário, é êle, mais do que ninguém, quem busca a integração e a assimilação ao meio ocidental.

No esporte, os "niseis" se destacam e seus pais foram os introdutores, no Brasil, do popular jôgo ianque, o "baseball", do qual existe uma Federação e se realizam campeonatos anuais.

Os filmes nipônicos são projetados, invariàvelmente, no cine S. Francisco, no mosteiro do mesmo nome, e constitui uma forma de os imigrantes matarem as saudades da terra distante. E agora, contam-nos que está se constituindo uma emprêsa cine-teatral, destinada a filmar, no Brasil, com artistas "niseis" e japonêses.

O PROBLEMA DA ASSIMILAÇÃO

O japonês, que hoje chegar de sua terra, sentir-se-á bem em S. Paulo, mais do que em outra qualquer parte do nosso território, em vista das facilidades que encontra, logo ao chegar.

Terá, sem dúvida, amigos ao seu dispor, algumas vêzes velhos conhecidos e tôda uma colônia que se empenhará em adaptá-lo ao nosso meio ambiente.

Os "niseis", salvo raríssimas excessões, consideram-se tão brasileiros como os chamados paulistas de quatrocentos anos e, muitas das vêzes, colaboraram mais para o progresso da Nação do que aquêles. Distribuiram-se e venceram em todos os ramos da vida, tornando-se artistas, escritores, pintores, jornalistas, médicos, dentistas, etc.

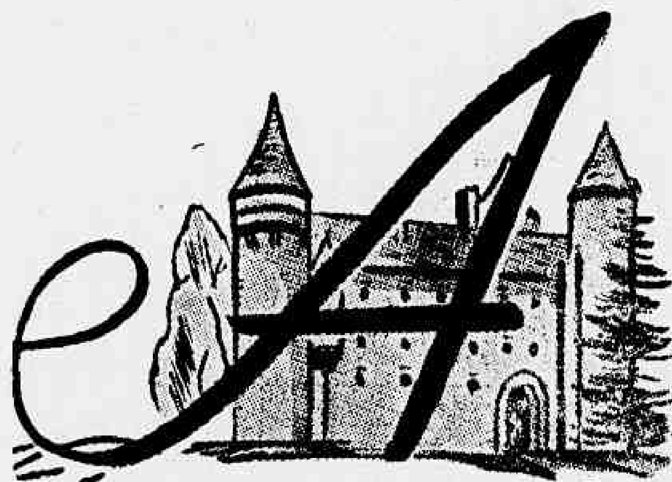
A colônia vive em paz e constitui uma inegável partícula da beleza que torna S. Paulo êsse caldeirão de raças de que tanto se fala, e o tradicionalismo, quanto ao matrimônio, foi praticamente abolido, pois os "niseis" escolhem suas espôsas, as vêzes, entre filhas de italianos ou de espanhóis e vice-versa.

Todavia, a imprensa nipônica local é um dos veículos que colabora para a assimilação. Nos jornais da colônia trabalham japonêses, "niseis" e sua preocupação não é a dos nipônicos que vivem nas grandes cidades, mas sim dos que labutam nos sertões e desconhecem, pràticamente, a vida em sociedade com outras raças.

Há sete jornais nipônicos, na Capital, sendo dois diários — com tiragem de, aproximamente, 15.000 exemplares — dois bissemanários e três trissemanários.

Os diários são o Jornal Paulista e o S. Paulo Shimbum, tendo, o primeiro, uma página trissemanal, destinada aos filhos de japonêses. Essa página é reproduzida, no

(*Continua na pág. 42*)



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE BAILEY

O presente de Porter a Mary foi um anel ornado de diamantes e esmeraldas. Tia Frances o examinou e não pôde reter uma exclamação de surprêsa:

— E' uma joia antiga?

Porter confirma, porém não dá nenhuma explicação. Contudo, depois, diz a Mary:

— Esta jóia pertencia à minha avó que descendia de uma família francesa. Meu avô a adquiriu quando estava servindo na diplomacia. Êle era irlandês, e é dêle que herdei os meus cabelos.

— E' uma joia fascinante. Mas, Porter, ela não se adapta a mim. Eu quero ser livre.

— Mas você é livre, Mary. Lembra-se de quando você era pequenina e que, um dia eu lhe dei um anel que eu achara em um saco de milho? Era um anel vulgar, baratinho. E você não considerou que aquêle anel a vinculasse fôsse a que fôsse, não foi isso? Pois bem. O atual é apenas um novo anel de Natal, mas sem qualquer simbolismo.

Assim, meteu ela o anel no dedo da mão direita e, ao dizer-lhe "boa noite", êle lhe suspende a mão e a beija.

— Minha muito querida amiga, que êste Natal possa ser o mais feliz de todos!

E as lágrimas começaram a rolar dos olhos de Mary. Êles estavam a sós no hall do andar terreo.

— Oh, Poter, — gemeu ela. — Constance me faz uma falta terrível. Não sinto o Natal sem ela. E eu pergunto a mim mesma quando poderei ser feliz sem ela!

— Pobre Mary Rebelde! Se eu pudesse tomar conta de você, sòmente eu!

A moça moveu com a cabeça, desoladamente.

— Não disse isso com a intenção de ser tão estupida, Porter.

— Mas você não cometeu nenhuma estupidez!

E depois de breve silêncio.

— Vai à Missa da madrugada, esta manhã?

— Sim.

— Posso acompanhá-la?

— Claro. Barry também vai.

— Quer dizer então que não me permite ir com você, sòmente nós dois?

— Não quero dizer tal cousa. Barry sempre vai comigo à Missa do Galo. Êle sempre ia para fazer os gostos a mamãe, e agora também continua a ir, em sua memória.

— Aprecio tanto os meus momentos de palestra com você! Por que Leila não fica esta noite com você? Seriamos então quatro, e eu a teria sòmente para mim. Vou buscar o carro, se m'o permite.

— Não. Gosto mais de ir a pé. E' tão delicioso, na solenidade da noite!

— Mas não esqueça de pedir a Leila.

Mary prometeu e pediu licença para retirar-se. Tinha que comparecer a um baile oferecido por uma amiga de sua mãe. Mary, voltando à companhia dos outros, medita um tanto tristemente sôbre o fato de Porter se sentir tão interessado com um privilégio que Roger Poole acabava, justamente de recusar: ir com ela à Missa do Natal.

Capítulo VII

Tia Frances permaneceu no castelo até depois do dia de Ano Bom; mas, antes de sua partida, procurou sondar a irmã Isabelle:

— Mary chegou a falar-lhe sôbre Porter Bigelow?

— Porter?

— Sim. — E com impaciência. — Sôbre o seu casamento com êle. Qualquer pessoa poderá ver que o rapaz está apaixonado por ela, Isabelle.

— Eu não acho que Mary queira desposar a quem quer que seja. E' uma criatura independente. Ela deveria ter nascido homem!

— Prouvera a Deus que assim houvesse acontecido! — Exclama Frances com fervor. Também não vejo nada de bom para o futuro de Barry, a menos que êle se case com Leila. Se êle não fôsse tão insensato, eu teria feito algo em seu favor. Mas êsse rapaz é verdadeiramente uma cabecinha louca!

Tia Isabelle retoma sua atitude anterior e a irmã volta à carga:

— Não é sòmente que êle seja assim avoado. Êle é... Notou você, como na Noite de Natal, depois do jantar, êle estava em estado anormal?

Tia Isabelle havia notado, sim. E não era a primeira vez. Seus olhos vivos haviam descoberto coisas que Mary pensava estivessem bem escondidas. A boa Isabelle não tinha precisão de ouvidos sãos para conhecer segredos que lhes ocultavam dentro de casa. Mas o seu senso de lealdade lhe selava os lábios. Nada diria a Frances. Aquêles jovens lhe eram muito caros.

— E' um rapaz ainda muito jovem, Frances, — diz ela — e estou desolada por haver o general Dick colocado a tentação diante de seus olhos.

— Não culpe o general. Se Barry é fraco, ninguém mais do que êles mesmo, poderia resistir. Eu gostaria que êle seguisse os exemplos da conduta de Porter Biglelow. Mary despreza êsse rapaz que a adora.

— Talvez que, um dia, o ame.

— Mary é como seu pai, ajunta Frances secamente. John Ballard poderia ter morrido rico, não tivesse sido um sonhador. Mary quer se mostrar prática, mas sua cabeça está cheia de luar...

Tia Frances estava fazendo essa crítica hostil, ao recordar-se de uma conversa desagradável que tivera com Mary na véspera. Elas tinham dado um passeio e foram lanchar juntas em um salão de chá da elite. Como se haviam sentado a uma mesinha a um recanto da sala, tia Frances abordou o assunto que a obsedava.

— Estou muito contente por ver que Constance é muito feliz, Mary.

— E' preciso que assim seja, respondera Mary, pois está na sua lua de mel.

— Se você seguisse o seu exemplo, desposando Porter Bigelow, eu teria tranqüilidade de espírito.

— Mas eu não quero casar-me com Porter, tia Frances. Aliás, eu não desejo casar-me com ninguém.

Tia Frances levara aos olhos seu lorgnon de ouro:

— Se você não se casar, como espera viver?

— Não compreendo o que quer dizer.

— Quero dizer, que, se não casar, quem vai pagar suas despesas o resto da vida? Barry não ganha o suficiente para sustentá-la, e não suponho que você pense ficar às espensas de Gordon Richardson. Você sabe que a casa vai perdendo ràpidamente o seu valor. A propriedade já não vale o mesmo que ao tempo em que seu pai a comprou, e você não poderá alugar outros cômodos, quando já ninguém tiver desejos de ir viver alí. Então, que sucede? Uma mulher deve casar-se quando ela encontra um homem que deseja tomá-la a seus cuidados, e você deve saber perfeitamente que não vai achar Porter Bigelow em cada esquina das ruas de Washington.

Assim falava a sabedoria universal, sem trocar as palavras, e a resposta foi esta, apaixonada, palavras da Juventude e do Romance:

— Tia Frances, uma mulher não pode ter o direito de se casar, apenas porque julga que chegou a sua melhor oportunidade. Ela não tem o direito de deixar crer um homem, que ela o tem conquistado, quando, em verdade, não passa de mesquinha, desprezível e interesseira.

— Veja que isso é forte, respondeu a velha indignada. Mas, como já lhe disse eu antes, se você não se casar, que vai fazer então?



— Colocada ainda numa posição de desafio, Mary foi diretamente ao fundo da pergunta:

— No pior, poderei trabalhar. Outras mulheres trabalham, — disse a jovem decisivamente.

— Mas você não tem prática, nem experiência, respondeu-lhe tia Frances com sequidão. Não seja tão estupida, Mary. Você não conseguirá ganhar nem para comprar os cordões de seus sapatos.

E foi assim, tendo dito tudo o que desejava dizer, que tia Frances nenhum apetite sentiu naquela refeição, o mesmo sucedendo a Mary, que sentia a comida a lhe amargar na bôca. Ergueram-se e tomaram um táxi para casa, mantendo ambas o mais absoluto silêncio.

Foi essa conversa entre ela e tia Frances, que fêz a moça, no decurso das semanas que se seguiram, a debruçar-se durante horas sôbre fôlhas de um bloco de papel, exercitando-se em taquigrafia. E foi através dêsses hieroglifos que sua amizade com Roger Poole entra numa nova fase.

Roger partira para o trabalho certa manhã, com a fisionomia marcada por uma noite de insonia. Quando êle se aproximava do Ministério das Finanças, pareceu-lhe que enorme edifício se erguia diante dêle como uma prisão. Que era então, enfim, tôda aquela multidão de gente a dirigir seus passos tôdas as manhãs para a vasta colmeia de Tio Sam, senão escravos encadeados para a conquista de necessidades insuperáveis?

Logo que se sentou à sua mesa de trabalho, perguntou a queima-roupa à pequena estenógrafa instalada ao pé de seu bureau:

— Miss Terry, há quanto tempo você trabalha aqui?

— Há vinte anos, foi a resposta.

— E sempre com o mesmo ordenado?

— Oh! Oh! Grande Deus, não! Entrei ganhando nove centavos, e agora, doze.

— Sempre no mesmo lugar?

A funcionária faz um gesto afirmativo:

— Sim. E é muito agradavel. A maioria dos funcionários está aqui com tempo igual ao meu, e mesmo há mais tempo. O major Orr, por exemplo, está aí em seu pôsto desde o fim da guerra.

— Não pressente, Miss Terry, que a senhora está na iminência de aposentar-se?

Ela se pôs a rir alegremente. Miss Terry era pequena e delgada, com uns tons gri-

Tradução de RENATO DE ALENCAR ★ Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na "Câmara das Tôrres", sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão mais jovem que ela, Barry. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, mas em silêncio. Numa festa do "Dia de Graças", êle apareceu na reunião intima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça, com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes.

ralhos na cabeleira. Mas estava bem penteada e muito bem vestida com blusa de sêda e saia cinzenta. Mas não era perturbada por imaginação viva.

— Não é, realmente, desagradável para uma mulher. Não há muitos lugares onde se seja bem pago por tão poucas horas de trabalho.

Para uma mulher. Mas, para um homem? Que seria dêle depois de vinte anos com uma tal vida? Tôdas as manhãs se acorda para recomeçar a mesma rotina diária, sabendo-se de antemão que, nem uma só vez durante as oito horas do expediente, se teria de apelar para a inteligência, nem uma só vez se teria a satisfação de haver-se criado alguma coisa.

Com êstes pensamentos Roger deixa seu bureau às quatro e meia da tarde, e, passando diante do restaurante onde, geralmente ia tomar seu repasto modesto, entra em luxuoso hotel da cidade alta. La, leu jornais até às seis e meia, indo depois a um "grill-room", onde não havia sessões a rigor. Ao sair, encontra Barry, que ia entrando na mesma casa de diversões, ao lado de dois outros companheiros de sua espécie e de sua classe social. Como três mosqueteiros modernos, êles iam achando divertimentos nas ruas da cidade, em camés e cabarés, em lugar de rocurar aventuras em bosques e campos de batalha.

Barry, com um flor à lapela, acolheu Roger, tumultuàriamente:

— Eis aqui Whittington! — Exclamou. Se vocês, meus amigos, houvessem ouvido o poema sôbre um gato! Êle nos hipnotizou, a todos! Empolgou-nos naquela noite!

Roger não gostou daqueles modos e lhe lançou um olhar penetrante. Suas maneiras exageradas, o descosido das frases, o rubor de suas faces, estavam em contrastes com o seu porte habitual, de maneiras mais puras, mais delicadas.

— Venha, Poole, insistia Barry. Vamos todos no carro de Jerry até ao Country Club. E lá então, você poderá declamar para todos nós a história de Whittington e o pequeno gato.

Mas Roger recusa o convite, e Barry se mostra ofendido.

— Oh! Está bem. Se não quer vir conosco, que fique. Na verdade, quatro já formam uma multidão. Vamos, meus amigos.

Roger, vagamente perturbado, o observa até que o jovem se perdeu entre a multidão, solta um suspiro e se encaminha para sua residência. Quando subia ao seu apartamento, a casa lhe pareceu estranhamente silenciosa. Pittiwitz dormia junto ao jarro de jacintos. Logo que o viu, ergueu-se e veio ronronar. Roger a tomou e a acariciou. Quando se instalou na grande cadeira onde costumava descansar e meditar, a gatinha se acomodou entre seus braços e dormiu pachorrentamente.

Roger abriu um livro e começou a ler. Uma hora depois êle ouviu pancadas leves à porta. Ergueu-se e foi abrir. Era Mary.

— Posso entrar? — Pergunta ela. Parecia um tanto opressa. Naquela noite Susan Jenks saira e tia Isabelle havia ido à Ópera, acompanhada de velhos amigos. Barry já deveria ter voltado, mas ainda andava lá pela cidade. E Mary prossegue: — Eu estava sentada lá na sala de jantar e já estava cansada de esperar... E não suportei mais.

A moça procurou sorrir, mas Roger verificou que ela estava muito pálida.

— Eu lhe peço, — suplicou ela — não me tome por nenhuma covarde. Nunca o fui. Mas fui prêsa de uma espécie de pânico nervoso, e pensei que, talvez, o senhor me permitisse ficar aqui em sua companhia até à volta de Barry.

— Serei muito feliz se êle não voltar tão cêdo, pois só assim terei o grande prazer de passar algumas horas com a senhorita.

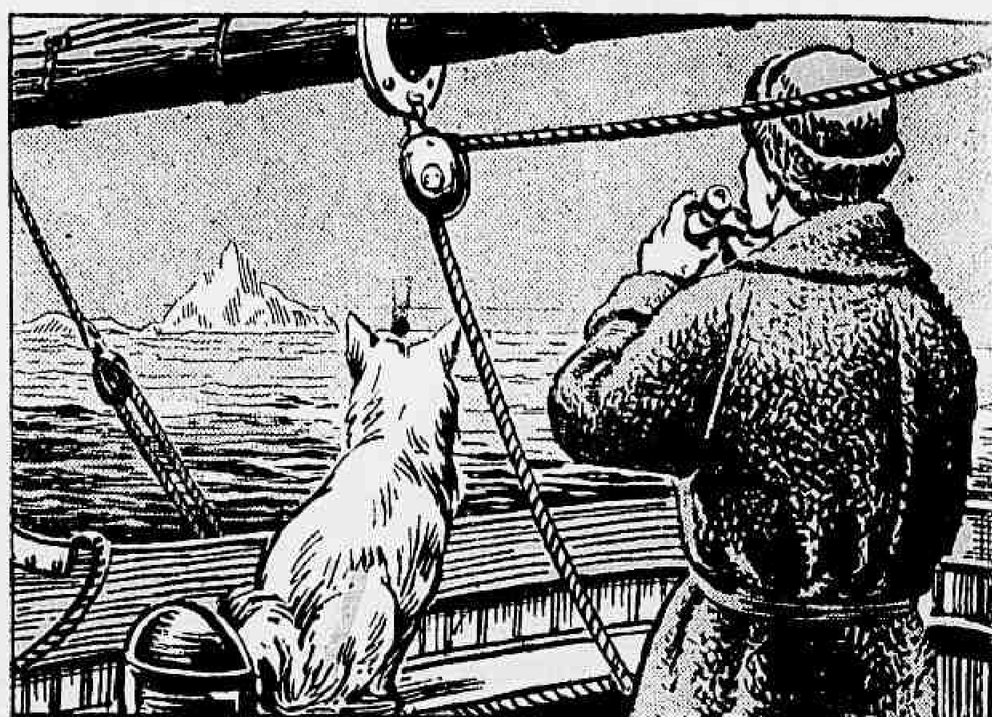
(CONT. NA PÁG. 42)



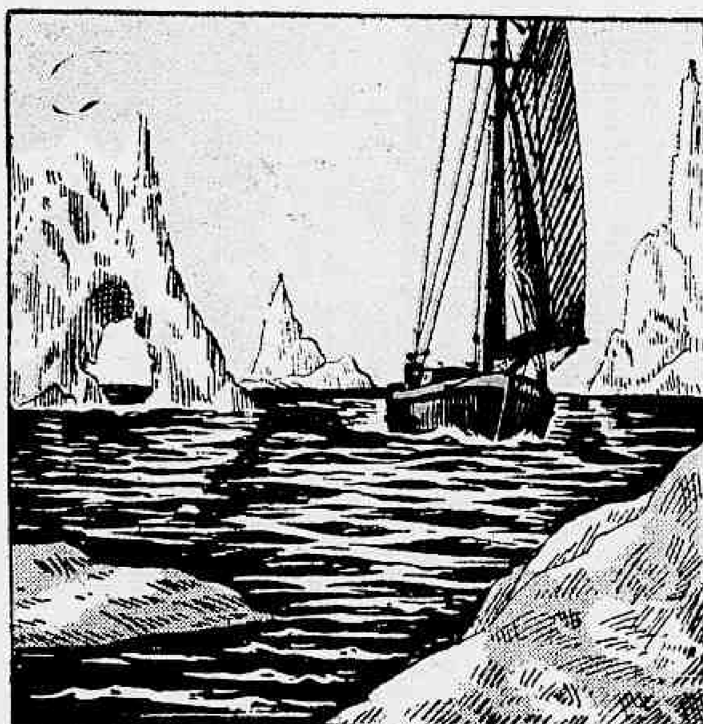
AVENTURAS DO CAPITÃO ROB







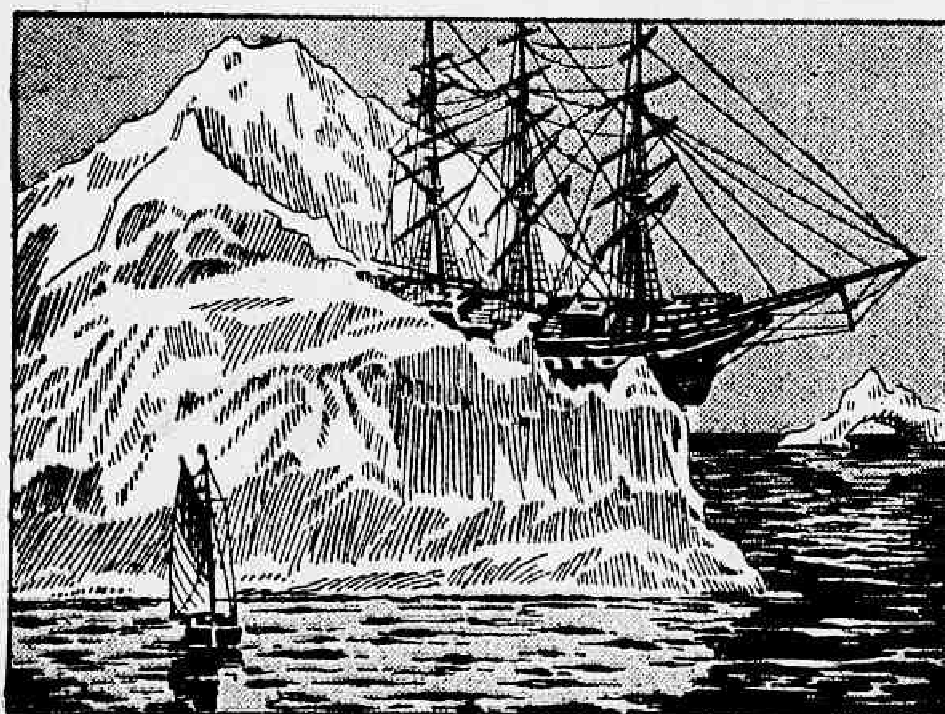
7 Nesse meio-tempo o "Liberty" ia-se desviando, cada vez mais, para o sul. Apesar de estarmos no verão, a temperatura cai consideràvelmente e a água está apenas a poucos graus acima de zero. Além disso, há permanente e denso nevoeiro, noite e dia, e como o sol não rompe a névoa durante dias, Rob não consegue achar sua posição exata. Nem do rádio se serve. Toma a latitude: 62° S. e 130 L. E.. Dois dias depois êle avista alguns icebergs brilhando nas águas geladas do mar, sob um céu sem nevoeiros e muito claro. O que se passava com Rob era indescritível. Aonde fôra parar com seu barco?







8 O pequeno barco se embarafustou por entre os icebergs, e suas velas são impulsionadas por bons ventos. Se bem que estivesse indo sempre para o sul, verifica êle que a temperatura da água não era tão fria como a do ar. Sùbitamente Rob ouve fortes ruídos quebrando o silêncio ambiente, e vê, então, que grandes icebergs desmoronam ruidosamente. Uma manhã êle escapa por um triz, de ser colhido por um dêsses desmoronamentos. E com espanto, pálido de emoção, êle pergunta a si mesmo: "Que será aquilo?"... Rob esfrega os olhos como se estivesse a ver assombração sôbre o gêlo eterno.



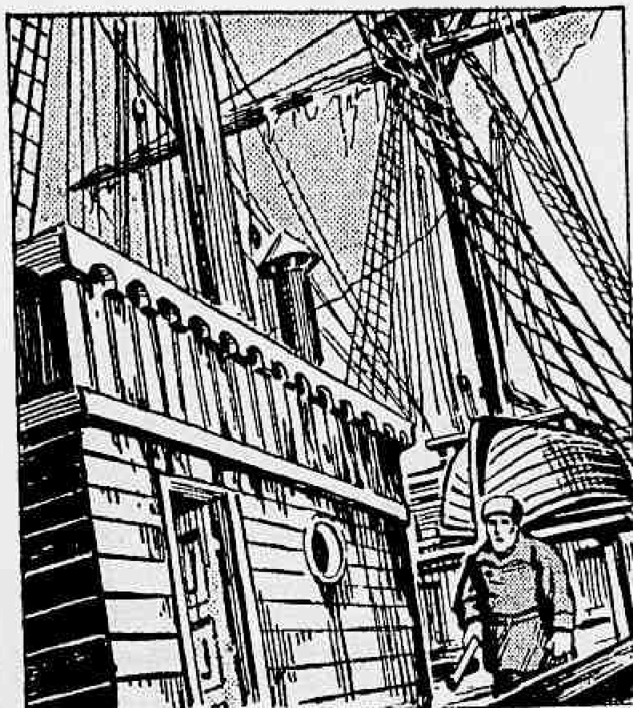




9 O mais curioso espetáculo surgiu-lhe à vista. Um navio de três mastros estava suspenso lá, num iceberg. Durante muitos anos êle devera ter estado ali. Bem, — diz êle — para alguma coisa serviu êste desvio. Dirigiu seu barco para lá e, logo que encostou, pulou no iceberg e foi ver de perto. Cavando o caminho por meio de seu alvião, êle descobre, através do gêlo, inúmeros corpos de marujos. Bob sente pavor por um instante. Que fazer? Reanima-se e continua a pesquisar. Sua curiosidade se aguça e êle vai subindo... Embora reconheça que sua vida está em perigo, o aventureiro dos mares avança.

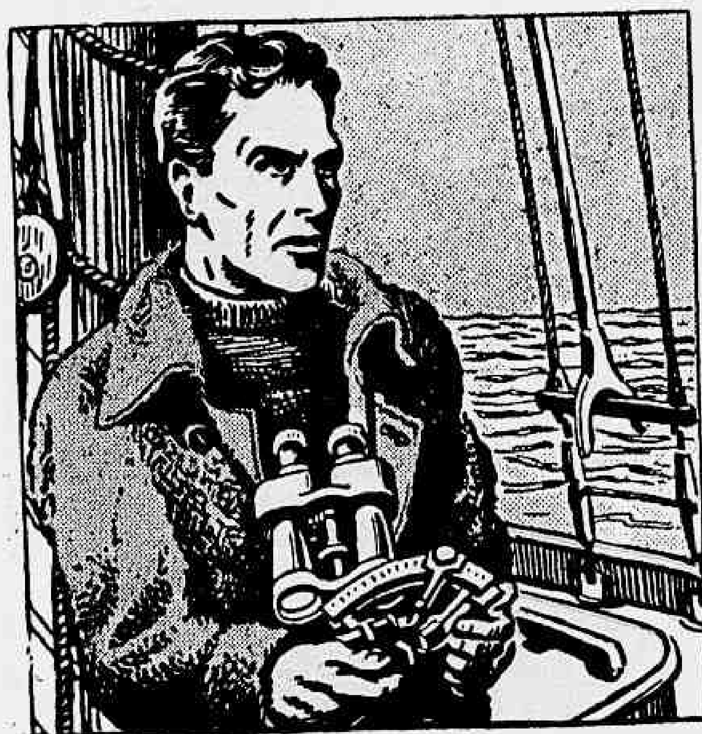
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O cap. Rob, em seu palhabote "Liberty", zarpa de Dakar e é arrastado pelos ventos a uma zona infestada de monstros marinhos. Seu barco é atacado por enorme arraia e por um espadarte. Com a guinada, seu cão "Skip" cai nágua. Rob bordeja em várias direções à procura do animal, até que o descobre entre o nevoeiro. Guinda-o e procura aquecê-lo, justamente no momento em que o espadarte vem na direção de "Skip" para trespassá-lo. Trata de esvaziar o barco que fizera água. Consulta os aparelhos de bordo e nota, com surprêsa, que os instrumentos não funcionam bem.

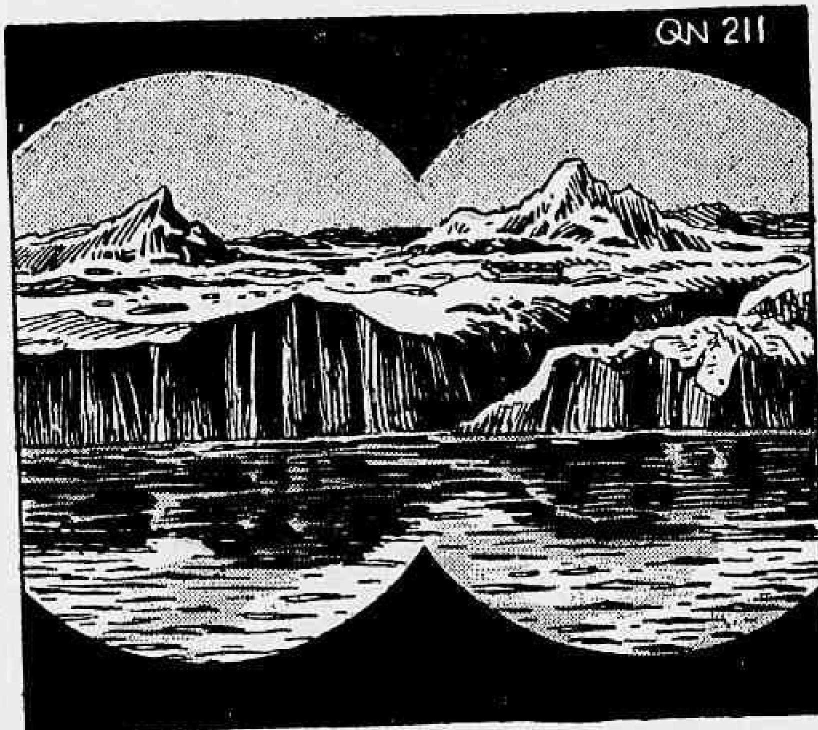






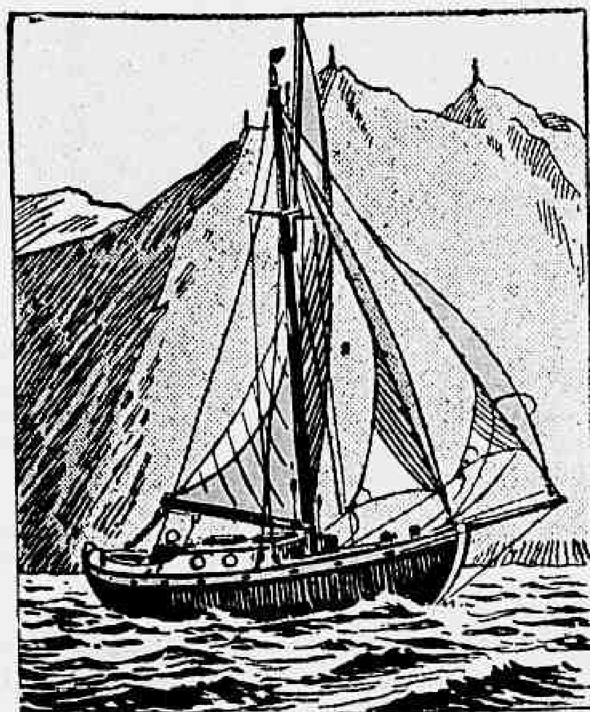
10 Chega finalmente ao navio fantasma e recebe as mais sensacionais impressões. Aparentemente, tudo estava intacto; mas não havia sinal de vida em parte alguma. A porta da casa do comando estava meio aberta. Entrou e recuou de espanto: tripulantes congelados estavam sentados à mesa. Um dêles, talvez o capitão, tinha um mapa à sua frente. Rob avista um livro sôbre a mesa e o apanha. Tratava-se do "Fortuna", carregado de adubos do Chile para Southampton. Morreram de fome e frio. Rob apanhou o livro e retirou-se. Leu ràpidamente o "Diário" e sentiu doer-lhe o coração diante de tanto heroísmo.



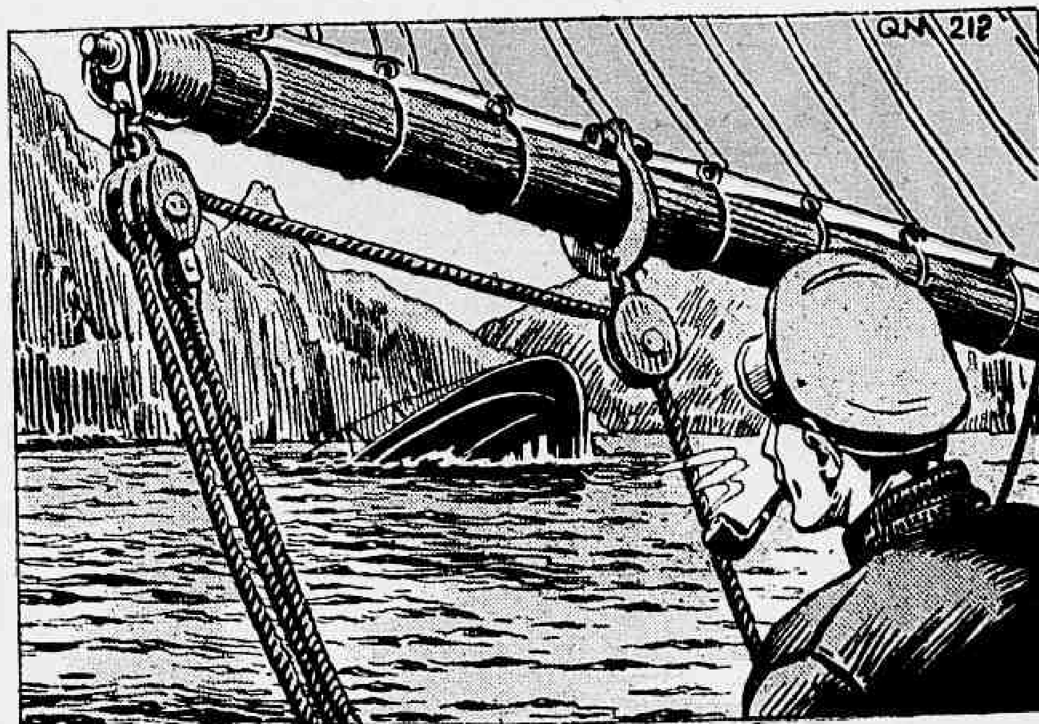




11 Rob não tem a menor noção do ponto onde está. Seu barco continua a dirigir-se para o sul. E' estranho que a temperatura continue a subir, apesar de êle se aproximar do polo sul. Está nebulcso. O seu sextante não tem nenhum uso. Um dia, ventos fortes espalham o nevoeiro. Procura fixar sua posição e olha pelo seu binóculo, pela centésima vez, e avista terras rochosas ccm picos, que os seus mapas não registravam. Rob fica completamente atordoado e pensa que está sendo vítima de uma alucinação em pleno oceano. Como poderia haver terra em tais latitudes? Que terra desconhecida seria aquela?







12 Aproa para aquela terra desconhecida e verifica, já de perto, que se trata de região inóspita. Altas e inacessíveis montanhas, nuas, sem qualquer vegetação. Nenhum sinal de vida. Santo Deus! Que será aquilo que vejo? — exclama Rob sem acreditar. Sôbre picos elevadíssimos, êle avista duas tôrres, como que de rádio. Procurou um refúgio, quando viu o periscópio de um submarino que emergia próximo ao seu barco. Com grande emoção, esperou que viesse à tona o misterioso habitante daquela região desconhecida do mundo. De qualquer forma experimentou alegria. Já não estaria sòzinho naquêle êrmo.

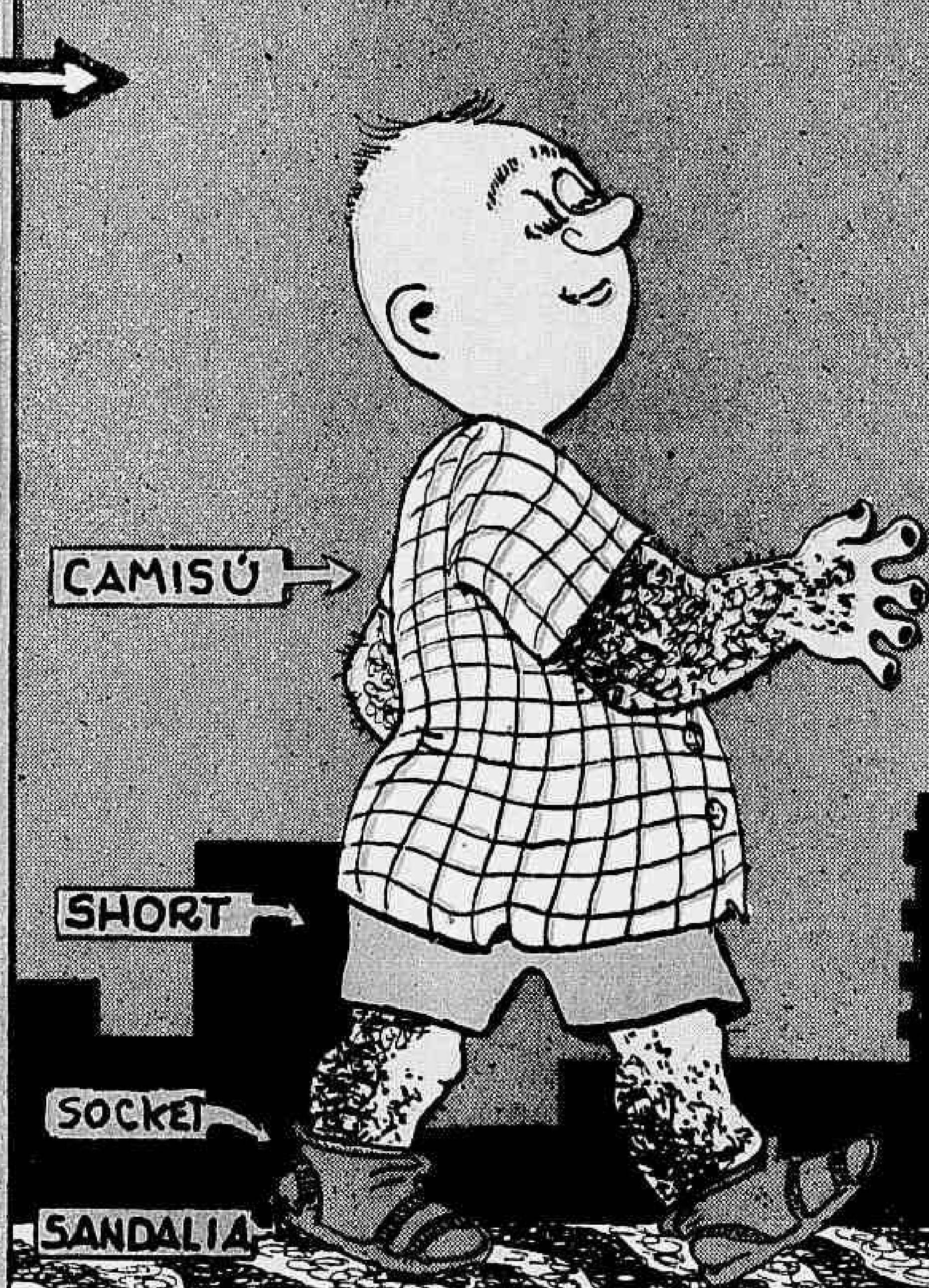
ESTE MUNDO E O OUTRO

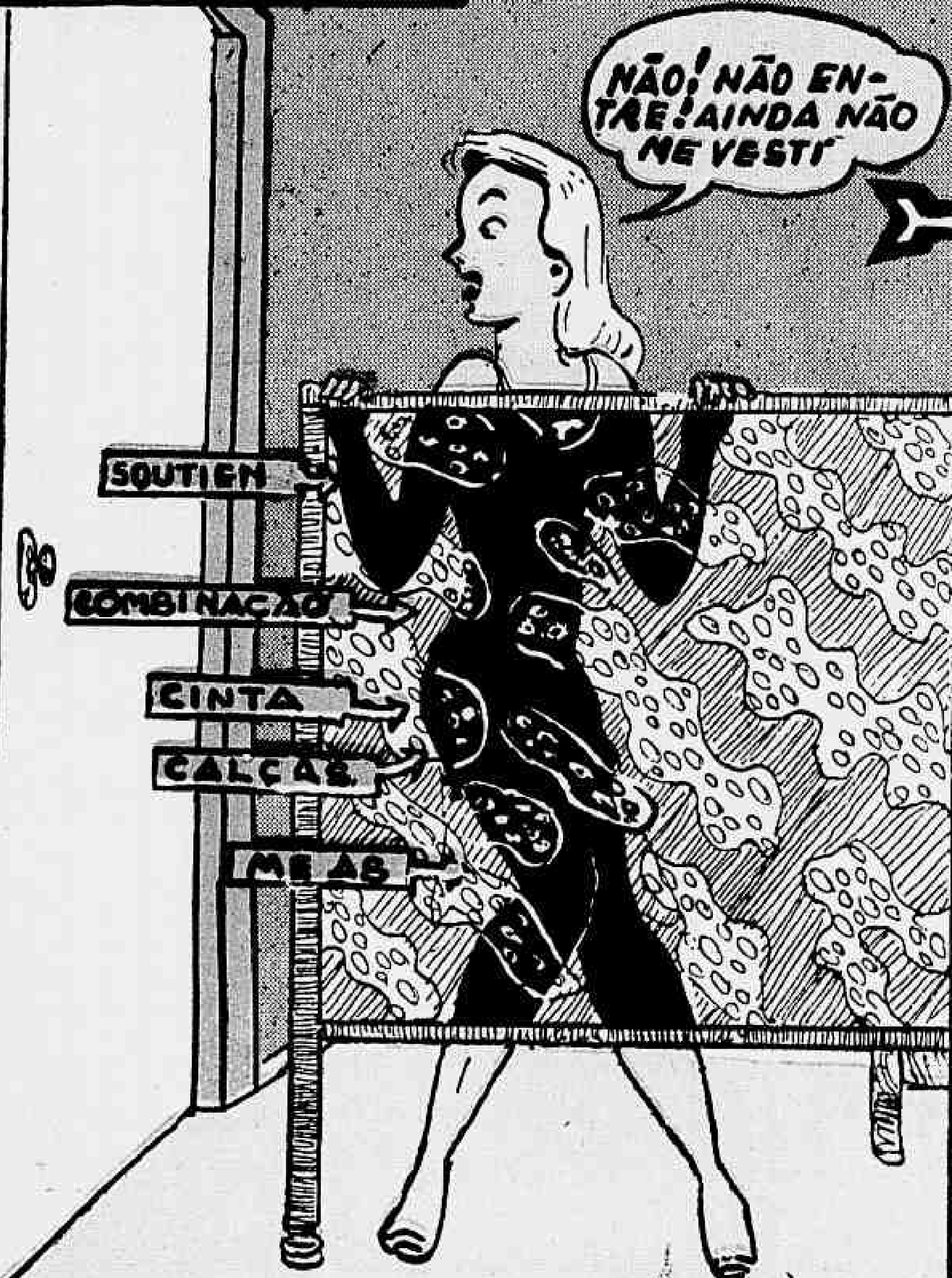
Criação de DARCY

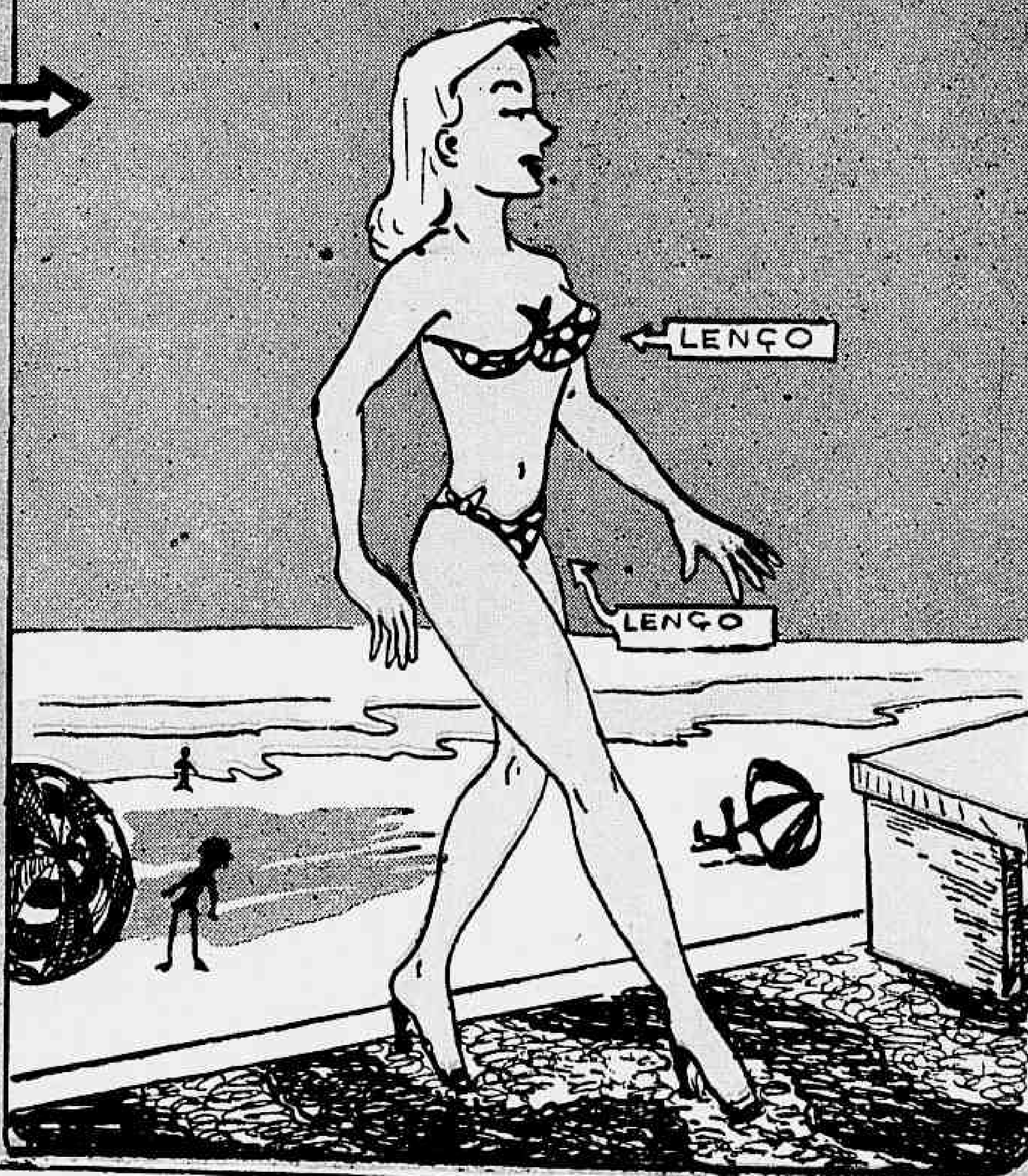
NO PAÍS DO "PRESENTE"

6 - EM CASA E NA RUA









Transformação Constante

O progresso exige um aperfeiçoamento contínuo. E o gôsto do público vai provocando uma transformação constante, não só nos Trajes e na Moda como em tôda a indústria.

Os Rádios **Philips** "Novo Estilo" apresentam uma concepção original que faz esquecer tudo quanto até agora existia em desenho de receptores, pelas suas linhas, de gôsto sóbrio e moderno.

Quanto à parte técnica, reunem todos os elementos que fizeram de PHILIPS o rádio mais vendido em todo o mundo: recepção da mais alta qualidade, pureza cristalina de som, alcance internacional e garantia de funcionamento perfeito.



GLAMOUR **Modêlo BR-405-A** - *4 faixas de ondas (3 curtas e 1 média). 6 válvulas Rimlock com 8 funções. Controle de tonalidade para rádio e "pick-up". Caixa de Philite marron com listas crême.*



RÁDIOS PHILIPS *Novo Estilo*



UMA FROTA de ônibus cheios de excursionistas chega, ainda muito cedo, à pitoresca "Sun Valley", em Idaho, Estados Unidos. Os esquis são conduzidos em depósitos adaptados lateralmente em cada veículo. Ao chegarem ao destino, os excursionistas se aprestam para iniciar a deliciosa subida dos montes cobertos de neve.



DUAS ESQUIADORAS armam seus "leitos polares" no alto de um monte gelado em "Sun Valley", a fim de receber os raios mornos do sol do inverno.

OLHANDO A NEVE...

NO RIO, TEMPERATURA ALTA E GÊLO ESCASSO COM A FALTA DE ÁGUA E DE ENERGIA ELÉTRICA ★ DESDE QUE NÃO HÁ NEVE, OLHEMOS O QUE VAI PELO IDAHO ★ ARTE

AS vitrinas das casas de modas, as de confeitarias e outros estabelecimentos elegantes, já estão exibindo decorações de Natal para êste 1951. Como sempre, vemos árvores de Natal cobertas de neve... de capuchos de algodão. Muitas vêzes a temperatura local está entre 38 e 40 graus à sombra, mas, nas vitrinas, aquêles olhos de pinheiro fazem o milagre da neve que cai.

Nas páginas que ilustram esta reportagem poderão os leitores refrescar-se um pouco cam as delicias de excursões sôbre a neve, lá pelo Idaho, nos Estados Unidos, onde montanhas e vales cobertos de densas camadas de gêlo proporcionam deliciosos dias de férias e turismo. E' uma das maravilhas das regiões que estão entre o circulo polar e o trópico, o deslumbrante espetáculo da neve em determinadas épocas do ano. Há países que fazem dela um dos motivos de sua renda através do turismo. A Suiça é um dêles, sabendo-se que ali há zonas encantadoras em que a neve é



NÃO HÁ apenas os divertimentos dos esquis pelas montanhas geladas. Nos confortáveis hotéis de Sun Valley os hóspedes podem patinar em "rinks" especiais, fazer suas refeições ao ar livre, bem como, passear em trenós puxados por cães amestrados e fortes que seriam capazes de levá-los até ao Polo Norte.

PARA REFRESCAR

DE FAZER TURISMO À CUSTA DA NATUREZA ★ NEVE POSTIÇA, DE ALGODÃO EM RAMA, NAS ÁRVORES DE NATAL BRASILEIRAS ★ ONDE O HOMEM SE APROXIMA DE DEUS

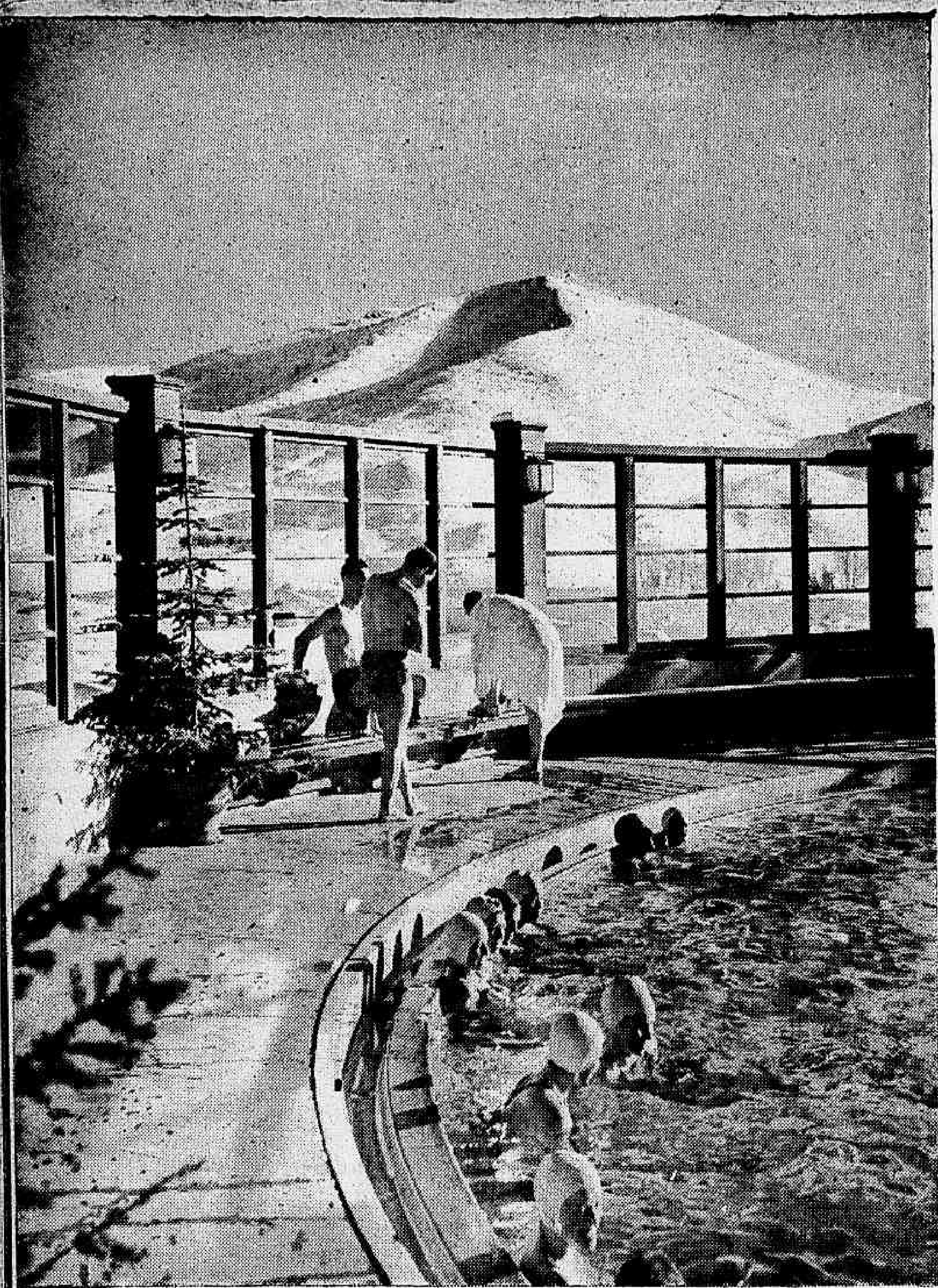
permanente, toucando de arminho os cumes dos montes e alimentando rios e lagos de águas que mais parecem cristal líquido a fecundar os vales e a amenizar o ambiente.

Nos Estados Unidos há emprêsas de transportes que se destacam pelo mais perfeito serviço em favor dos turistas que aproveitam seus vagares para uma excursão às montanhas do Sun Valley, nas quais, embora sendo "Vale do Sol", só se vê neve. O sol é ameno, morno, mal iluminando com seus reflexos dourados a face das montanhas geladas. A neve não é derretida pelo seu calor. Neve e sol se unem para um mesmo fim: produzir delícias de viver a uma população que se sente cada vez mais atraída pelo contato da Natureza.

Chegar a Sun Valley, no Idaho, hospedar-se confortàvelmente, alimentar-se com propriedade regional e sair a passear de esquis, eis um sonho para qualquer mortal dêste mundo, especialmente para os que vivem sob os trópicos, aquecidos pelos rigores solares



UM PROVECTO esquiador dando um salto na famosa "Baldy Mountain", uma das quatro que, ali, servem de exercícios para campeões de provas olímpicas.



PARECE que as clientes não estão achando bastante gelado o refrigerante, enquanto outros se divertem na esplêndida piscina da Challenger Inn, da cidade.



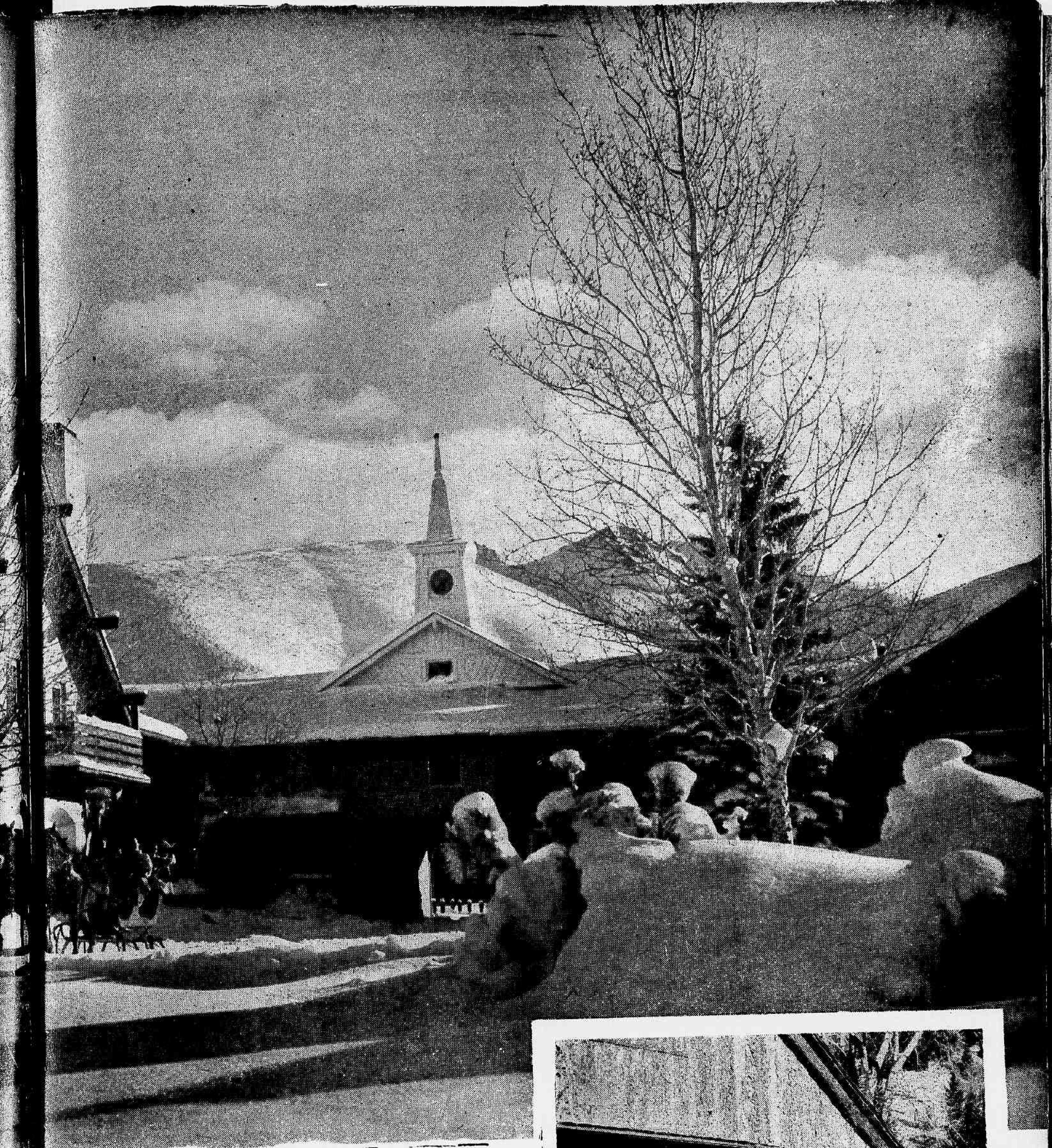


GRUPO de excursionistas saindo a trenó puxado por uma parelha de cavalos para dar um passeio pelos arredores e montanhas da maravilhosa região.

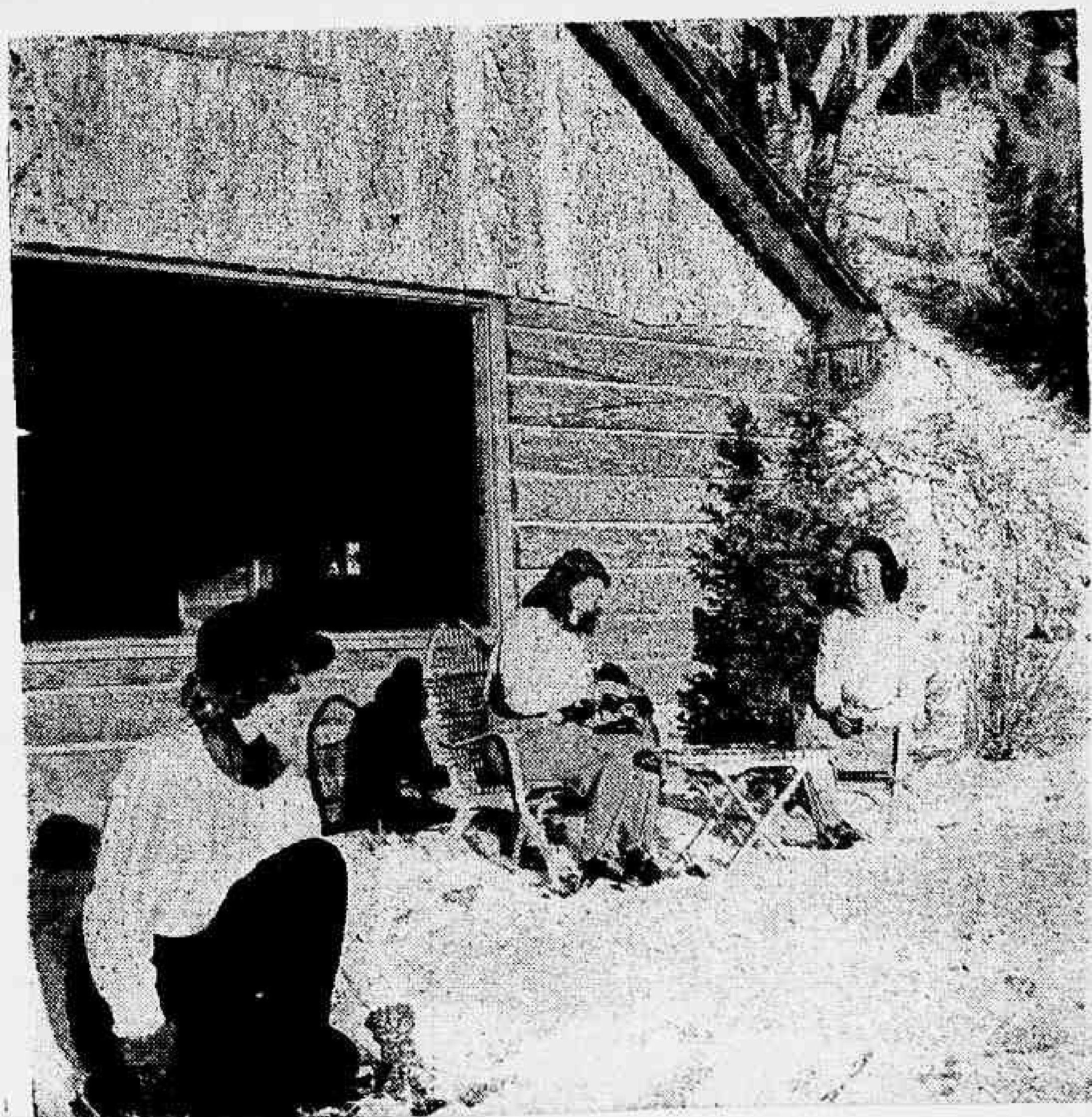
do Equador, e que, de neve, só têm notícias através dos flocos de algodão a enfeitar simbòlicamente as árvores de Natal de todos os dezembros.

Para as montanhas geladas de Sun Valley acorrem namorados, noivos, recém-casados, homens de negócios, estudantes, intelectuais, desportistas, tôda uma multidão ávida de emoções novas, ou os que voltam para repetir prazeres já habituais. O frio estimula a circulação do sangue, e as faces das jovens que vão excursionar à neve não precisam dos artifícios da maquilagem. As faces têm a maciez das rosas e o fulgor das auroras mais puras. E é assim que muitos casamentos saem. E saem calorosos, apesar do frio.

No ano seguinte, aquêles pares de simples companheiros de ônibus, que foram buscar nas montanhas geladas do Idaho alguns dias de prazer espiritual e físico a deslizar em esquis sôbre o gêlo, voltam amarrados pelos laços do himeneu, a bendizer a



TRÊS LINDAS esquiadoras tomam refrescos, antes de tomar parte nas competições sôbre o dorso das geladas montanhas de Sun Valley, no Idaho.



felicidade que a neve lhes trouxe. O Sun Valley de Idaho é motivo de orgulho para a região privilegiada, vizinha ao Canadá e próxima do Pacífico. O homem moderno não pode desprezar as magnificências da Natureza, sempre pródiga em belezas e benefícios, e, com sua inteligência, o homem moderno mobiliza recursos para que a sociedade humana possa usufruir tais favores.

Em pequenas povoações de Sun Valley, há hotéis de apurado gôsto, servidos por pessoal especializado, em ambientes civilizados. Com transportes rápidos e confortáveis, os que excursionam para o extremo oeste dos Estados Unidos em busca de sensações, sentem-se recompensados por todos os esforços dispendidos, porque se vêem em meio de um panorama verdadeiramente paradisíaco. E aquelas montanhas cobertas de neve macia e acolhedora, são um convite à vida, ao amor, à paz. O homem ainda mais se aproxima de Deus e experimenta sensações que lhe eram até então absolutamente desconhecidas.

O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

19. A BATALHA DO BLOQUEIO

NOS últimos dias de agôsto de 1948, Forrestal convocou, para o fim da semana, uma reunião dos chefes das juntas administrativas no "Naval War College", em Newport, para tratar das rixas interadministrativas em virtude de desentendimento no desempenho das respectivas funções impostas em março pela conferência realizada em Key West. Ficou resolvido que se entregasse à Fôrça Aérea o contrôle das operações concernentes à bomba atômica, mas com a obrigação de empregá-la em qualquer bombardeio estratégico que a Marinha possa vir a executar. — Embora o fato ainda não fôsse do conhecimento público, os chefes das juntas elaboraram mais dois planos completos para a formação de um comando único internacional na Europa ocidental, sendo que um dêles era de carácter "urgente" e o outro para "o caso de guerra". Depois da aprovação presidencial e do Departamento do Estado, o plano "urgente" foi imediatamente levado ao conhecimento dos nossos aliados europeus e logo em seguida foi feita a nomeação do Marechal de campo Montgomery para o pôsto de comandante-chefe da Europa ocidental. O plano para "o caso de guerra" foi "apenas notificado aos Estados Unidos" e estipulava "um comandante-chefe supremo dos aliados (Oeste) e americano" além de outros detalhes que só entraram em vigor com a nomeação do general Eisenhower para o cargo em dezembro de 1950.

PRIMEIROS PLANOS PARA A FORMAÇÃO DE UM COMANDO ÚNICO NA EUROPA OCIDENTAL ★ AUMENTA NOVAMENTE A TENSÃO DO BLOQUEIO DE BERLIM

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte)

CONFIANÇA NA CALMA DO GENERAL CLAY

DE volta a Washington, Forrestal viu-se envolvido pelas exaustivas negociações concernentes ao bloqueio de Berlim. As ditas negociações estavam para ser transferidas das mãos dos embaixadores em Moscou para as dos comandantes militares em Berlim.

27 de agôsto de 1948 — A situação em Berlim

Depois do almôço recebi a visita de Lovett que louvou a habilidade de Clay, que consegue conservar-se calmo e ponderado em meio as atribulações provocadas pelas negociações do bloqueio de Berlim. Disse ainda que, para êle, Clay dava-lhe a impressão de uma mola de aço bem comprimida. Sugeri a ida do Royall para auxiliá,-lo, mas Lovett disse que não achava boa a idéia porque parecia indicar que estavamos perdendo a confiança em Clay, principalmente por se tratar de um seu superior, por assim dizer, que iria na qualidade de monitor e guia. Mais tarde conversei com Rayall que deu razão a Lovet.

Realmente parecia haver pouca justificativa para preocupações com a calma de Clay. "Você não pode", disse Clay numa conversa telefônica no auge da crise, "viver cercado pela fôrça e pelo embuste sem deixar perceber que não teme a primeira e que zomba do segundo" e assim era que Clay agia na prática. Um dos seus telegramas durante as atividades teria sido levado para o lado da comicidade, não fôssem os dizeres tão graves.

5 de setembro de 1948 — A situação de Berlim

NO final da reunião de sábado, Sokolovsky informou que as manobras aéreas soviéticas começariam no dia 6 de setembro e que teriam lugar na área de Berlim. Clay advertiu que essas manobras poderiam acarretar graves perigos em conseqüência de acidentes e incidentes indesejáveis. — Sokolovsky replicou dizendo que as ditas manobras são manobras normais para as fôrças soviéticas nesta época do ano e advertiu que as mesmas não têm outra significação. Clay declara na mensagem que enviou a Drapor que ha uns quatro anos que não se ouve falar sôbre tais manobras. O general inglês Robertson (General Sir Brian Hubert Robertson, Governador Militar) agradeceu a Sokolovsky a informação e que esperava que não houvesse interferência nas rotas aéreas, ao que Sokolovsky respondeu: — "Certamente". Clay declarou que não sabia se Sokolovsky quis dizer "certamente que sim" ou "certamente que não". Em outra observação feita a Sokolovsky êle se refere ao "nosso regulamento de segurança mutua" e "que havia bastante espaço para qualquer tipo e espécie de manobras aéreas sem que haja necessidade de se usar os corredores aéreos". Sokolovsky respondeu que não havia regulamentação aérea sôbre isto e frisou que os russos teriam que usar os corredores.

No dia 1º de maio Forrestal conversou demoradamente sôbre a situação com Lovett. O sub-secretário do Estado mostrou-se entusiasmado com o trabalho do embaixador Smith em Moscou.

6 de setembro de 1948 — Recorde de Conversações

LOVETT salientou a necessidade da união no govêrno no momento. Smith tem trabalhado admiravelmente em Moscou; de cem homens escolhidos para o cargo, êle seria o vencedor, pois nenhum dos outros desempenharia as funções melhor do que êle. Embora êle não possua facilidade para as negociações como Low Douglas, em compensação tem os requesitos austeros para lidar com os soviéticos sob as condições atuais.

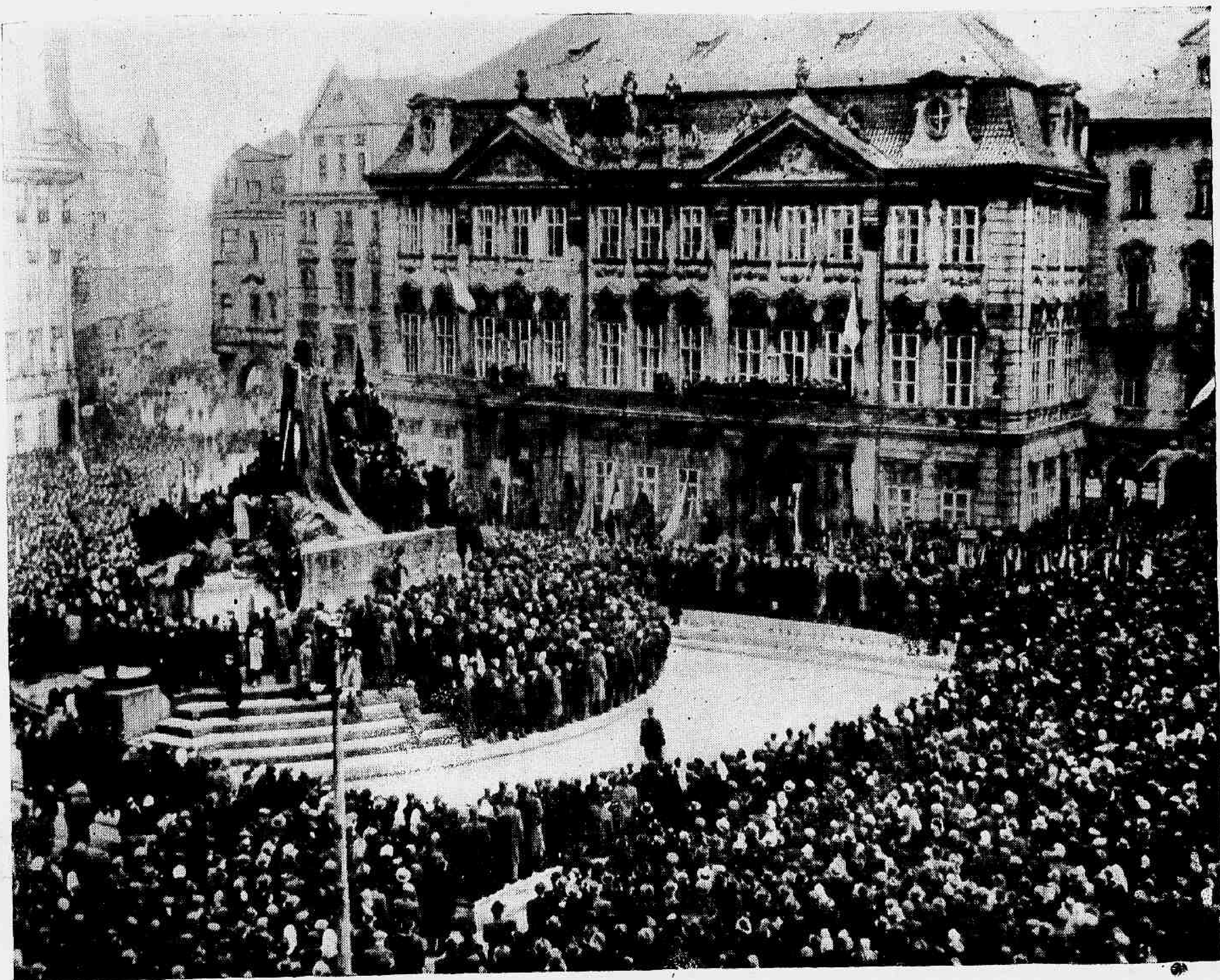
Há pretensões em criticá-lo por não ter conseguido isto ou aquilo, mas Lovett já demonstrou que a crítica não tem justificativa e declarou que é muito fácil criticar-se à distância, mas a coisa muda inteiramente de aspecto quando se está no pôsto de comando.

"O TRÁFEGO AÉREO CONTINUARÁ"

A situação apresentava-se tão grave que, na reunião do Conselho de Segurança Nacional, no dia seguinte, o secretário Marshall apresentou uma proposta do Departamento do Estado para ser encaminhada às Nações Unidas por se tratar de uma ameaça à paz e Lovett disse que os russos já "estavam avisados sôbre a continuação do tráfego aéreo e que êles seriam responsáveis por qualquer interferência". Os telefones não pararam um só instante.



FORRESTAL, Secretário da Defesa, testemunha a necessidade de ser aprovado pelo Congresso, o aumento da verba militar, diante de altas patentes.



MULTIDÃO de tchecoslovacos na velha praça da cidade de Praga, ouvem um discurso, do então Primeiro Ministro Clement Gottwald, (depois Presidente), dirigido ao povo do balcão do Palácio Kinsky, quando pedida ao Presidente Benes a renúncia de doze Ministros do país, a 26 de fevereiro de 1948.

10 de setembro de 1948 — Gabinete

MARSHALL expos a situação Berlim-Moscou. Estamos no septuagesimo-nono dia das negociações e todos os que nelas trabalham estão quase esgotados. As conversações telefônicas com Douglas em Londres cessaram hoje às duas horas da manhã, isto é, sete horas em Londres, recomeçando às 8.30. O govêrno está muito preocupado com o fato de não haver um govêrno responsável na França... A apreensão de Marshall (outra volta no carrocel de Berlim) é que se isso for permitido, será uma oportunidade para os russos apresentarem o caso perante as Nações Unidas em vez de nós, com tôda a oportunidade criada pela iniciativa e com tôdas as injúrias que geralmente usam.

A tensão começou a afrouxar. O tráfego aéreo provava a sua inesperada eficiência e parecia que Berlim poderia ser abastecida indefinidamente. As negociações cessaram, mas quando foram novamente transferidas para Moscou, Molotov parecia estar dispôsto a continuar falando. A crise arrastou-se durante a primavera e embora Forrestal a ela se refira mais de uma vez no diário, foram os diplomatas que doravante ficaram com a principal responsabilidade.

APROXIMA-SE A CAMPANHA PRESIDENCIAL

NESSE ínterim, nos Estados Unidos se aproximava a eleição presidencial, com a grande espectativa da vitória dos Republicanos.

24 de setembro de 1948 — Almôço — Preparando o orçamento

Almôço hoje com o deputado Taber e os generais Bradley e Vandenberg.

Taber, presidente da Comissão de Compras da Câmara, disse que estaria em Washington pouco depois da eleição e que a seguir teria muito prazer em conviver com os encarregados do orçamento na elaboração dos planos... Se Dewey for eleito Taber acha que a nova Administração levará algum tempo estudando os problemas relativos ao orçamento.

... No caso de Dewey ser eleito, êle propos a Webb, diretor da Receita, convidar alguns encarregados do orçamento que vão servir sob as órdens do novo Presidente para trabalharem com a organização atual a fim de adquirirem prática e conhecimentos do assunto durante dois meses e meio entre a eleição e posse. Webb não aprovou a sugestão...

Forrestal sentia que não poderia tomar parte na campanha eleitoral por causa da pasta que ocupava e além disso não lhe sobrava tempo para nada mais. Mas numa carta êle mostra uma certa inclinação para a politica.

4 de outubro de 1948 — Para William Gaston

Respeito a sua boa vontade aceitando o encargo de concorrer às eleições, o que é o mesmo que uma prova amarga daquilo que muitos entre nós pretendemos dizer quando falamos em "se interessar pelo govêrno". Acho graça quando ouço alguém dizer que tem muita vontade de fazer parte do govêrno, mas que não quer saber de politica. Minha resposta, que é o mesmo que água fria na fervura, é que não se pode divorciar o govêrno da politica nem separar o sexo da criação.

O próximo artigo: A batalha do orçamento.



- OS CENTENÁRIOS
- OS MORTOS DO ANO
- O ANO AERONÁUTICO
- O ANO ARTÍSTICO
- O ANO CATÓLICO
- O ANO CIENTÍFICO
- O ANO HOROSCÓPICO
- O ANO EXLIBRÍSTICO
- CALENDÁRIOS
- FESTAS RELIGIOSAS

SÃO AS MAIS BELAS AS HISTÓRIAS DE AMOR DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

UM MUNDO DE ASSUNTOS OS MAIS VARIADOS E INTERESSANTES:

TRATADO SÔBRE HERÁLDICA
BELO, MINUCIOSO, EM CÔRES

- INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA O LAR
- ARTIGOS ESPECIAIS
- HISTÓRIA E LITERATURA

Uma novela magnífica

"A ESTRÊLA DA MANHÃ"

A VENDA EM TÔDA A PARTE Cr$ 25,00

REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 - RIO

SONHOS DE MOÇA

Porque razão a vida lhe era tão adversa?

Não há maior infelicidade para uma jovem do que viver à margem da vida. Tudo para aquela jovem que sonhava com a felicidade, resultava em hostilidade. Sua vida era uma tragédia. Nada lhe saia direito. Nenhuma amizade sincera, nenhuma chance com um rapaz. Uma história triste.



Meu pai morreu quando eu ainda era pequenina. Depois que minha mãe se casou com Oscar Belgy, eu a vi tornar-se ano a ano como era o homem com quem casara...














REVEILLON



É chegado o momento de cuidar das toilettes para o baile de 31. Há outros bailes — de formaturas, principalmente — mas o da noite de São Silvestre requer o melhor cuidado e não há quem deixe de preparar o seu vestido de "soirée" para entrar o Ano Novo. Aqui estão sete sugestões que oferece Ramon, próprios para essa finalidade, e observem que todos são realmente originais. Desta vez é preciso um pouco mais de apuro, e certamente a leitora saberá escolher. A linha única, de cintura apertada, parte superior do busto despida e as "anquinhas" estão da voga. Não se pode deixar de reconhecer que a elegância impera nessas linhas.

Maravilhosa Cidade!

LUCIANO desceu do avião e logo um senhor grisalho, de aparência agradável e maneiras distintas, se dirigiu a êle com um sorriso franco:

— E' o senhor Luciano Rodrigues?

— Sim, senhor.

— Imediatamente o identifiquei pelo retrato que nos enviou.

— Ah! — Luciano sorriu.

— Seja benvindo, caro amigo — disse o outro, inclinando-se. — Permita-me apresentar-me: chamo-me Domingos de Avelar e represento a Liga Internacional da Boa Vontade e Compreensão entre os Homens. Fui indicado para recebê-lo.

— Muito prazer.

— E' imensa a honra que o senhor nos dá, visitando-nos.

— Muito obrigado. Confesso que, há muito, tenho vontade de conhecer esta maravilhosa cidade.

— A sua preferência nos envaidece, cavalheiro. Terei o máximo prazer em lha mostrar.

Contagiado por essa delicadeza, Luciano sorriu com satisfação.

Era manhã, estava claro. Passava um vento brando, acariciando sem arrepiar. Tomaram um táxi, seguindo por ruas e avenidas espaçosas e limpas. Os transeuntes, obedientes às normas do trânsito, esperavam, calmos, sua vez de atravessar.

Num fechamento rápido de sinal, o carro em que iam abalroou o da frente. "Pronto!" — pensou o itinerante — "vamos ter descomposturas!" Pior pressentimento o assaltou, quando viu descer ambos os motoristas. "Vão-se atracar, vão-se esmurrar".

O chofer do carro amassado foi quem falou primeiro, balançando a cabeça.

— Que trabalho, hein?!... Bonito trabalho... que eu fiz!...

— Não, senhor! — protestou o outro — a culpa foi minha. Com a velocidade em que vinha, não pude evitar de bater.

— Não, meu caro colega, o único culpado sou eu. Não devia ter parado instantâneamente assim, sabendo que vinha carro atrás. Fui muito imprudente.

— Não, senhor. Eu é que devia ter diminuído a velocidade, pois sabia que estava perto dum cruzamento. Calculei mal a distância. Até pareço um principiante que nunca pegou na direção.

Luciano se aturdira, tinha a impressão de estar num teatro, assistindo a uma comédia inédita.

— Mas, amigo, — falou o motorista do outro carro, pondo fraternalmente a mão no ombro do colega — não tente jogar em cima do senhor a culpa da minha precipitação.

Nisto chegou o guarda. Vinha verificar o que acontecera para interromper assim o trânsito. Luciano olhou para trás: havia enorme fila de automóveis parados, esperando, enquanto os suasórios motoristas parlamentavam, e nem um estridor de buzina. Nem um grito de impaciência afugentava a calma daquele dia magnífico.

Para entrar na conversa, o guarda pediu licença. Os motoristas calaram-se com respeito. Êle examinou silenciosa e cuidadosamente os automóveis, concluindo caber culpa aos dois. Como as avarias dos veículos eram leves, alvitrou a cada qual pagar o consêrto de seu próprio casso e que fôssem na paz do Senhor" — rematou textualmente, afastando-se. Os choferes fizeram-se um aceno cordial com a mão e a cabeça, retomaram seus lugares e partiram.

O espanto de Luciano era assombro. Durante a cena, Domingos mantivera-se calado e descuidoso, como se presenciando fato corriqueiro. Mais algumas rodadas, chegaram ao hotel e o último despediu-se, prometendo voltar à tarde.

Ao almôço, notou Luciano que o garção, nos claros do trabalho, puxava do bôlso um caderninho, relanceando os olhos sôbre êle. Surpreendido, explicou, sem jeito:

— E' que tenho provas depois, amanhão, preciso aproveitar todos os momentos.

— Hum! As taxas de exame aqui são muito caras?

— Taxas de exame!?

— Sim, o govêrno não cobra taxas na inscrição para os exames?

— Não, senhor, o nosso govêrno não cria dificuldades de espécie alguma aos que estudam; não é sócio do analfabetismo.

— Muito bem.

— Aliás, o analfabetismo não existe em nossa terra! — proclamou-o com orgulho.

— Ótimo! E casas, não faltam casas para morar?

Esboçando um sorriso de surprêsa, o rapazinho esclareceu:

— Nunca ouvi falar nisso. Há planos organizados para construção de casas para o povo. Nunca faltam.

— Sim... E estradas? Não faltam boas estradas de rodagem para o interior?

O moço ia responder, porém, no mesmo instante, foi solicitado por outra mesa. De passagem, encontrando um colega, segredou-lhe, penalizado, a olhar de soslaio para Luciano:

— Aquêle senhor ali, coitado, parece ter vindo do País das Faltas Essenciais.

À hora aprazada, Domingos veio buscar o visitante, e saíram. Nesse passeio, Luciano viu coisas de estarrecer, que nunca presenciara na vida, nem mesmo tinha idéia de que pudessem acontecer. Por exemplo: nos veículos, os homens cedendo lugar às senhoras e aos velhos; um judeu vendendo mobília pelo custo. Viu também um português esbanjador e duas mulheres falando bem duma terceira. Assombrou-se.

Ao passarem pela porta dum açougue, havia discussão; vozes alteradas vinham de dentro. "Arre!" — pensou Luciano com despeito, antegozando o prazer de apontar uma falha. — "Nem tudo aqui é harmonia! Vamos assistir a uma briga". Aproximaram-se. O açougueiro discutia com um freguês. Discutia, de fato, por recusar-se terminantemente a vender carne, colocando contrapêso em excesso à proporção estabelecida. O estoque estava no fim, não dava mais para a quantidade exigida. Como o comprador insistisse, o homem se zangara.

— Sim, seu Alfredo, — gritava o honesto açougueiro — o senhor diz que precisa da carne, e eu digo ao senhor que eu preciso da minha consciência tranqüila!

— Mas, seu Manoel, eu preciso...

— Não vendo, já disse! — repetiu o honrado açougueiro. — Para vender lucrando mais que a tabela, não vendo!

E não vendeu!

Luciano só faltou desmaiar, Domingos ria, satisfeito. Já à noitinha, cansado de muito andar, sentaram-se num banco de jardim. Passavam risonhas criaturas mimosas.

— Êsse povo aqui só vive todo alegre assim?

— É, cultivam o bom humor. O humor é um hábito como outro qualquer, que se pode adquirir, desenvolver e conservar. Assim como o mau humor.

— Ééé...

Descera a noite, linda, sôbre a cidade encantada. A viração marinha carregara com os últimos vapores do dia, amenizando mais a temperatura. Olhando as fontes luminosas a despejar filêtes de água multicôr, Luciano lembrou-se:

— Aqui não falta água?

— Faltar água? faltar água, como?!

— Faltar água para as casas. Abrir as torneiras e não cair nada.

— Mas, o senhor!... Ora! O senhor! Francamente! O senhor me confunde! Positivamente, o senhor está brincando!

— Não, senhor!...

— Então, que pensa o senhor do nosso Serviço de Águas e da nossa Prefeitura?! Que pensa o senhor dos nossos homens públicos, dos nossos engenheiros, do nosso Govêrno, enfim?!

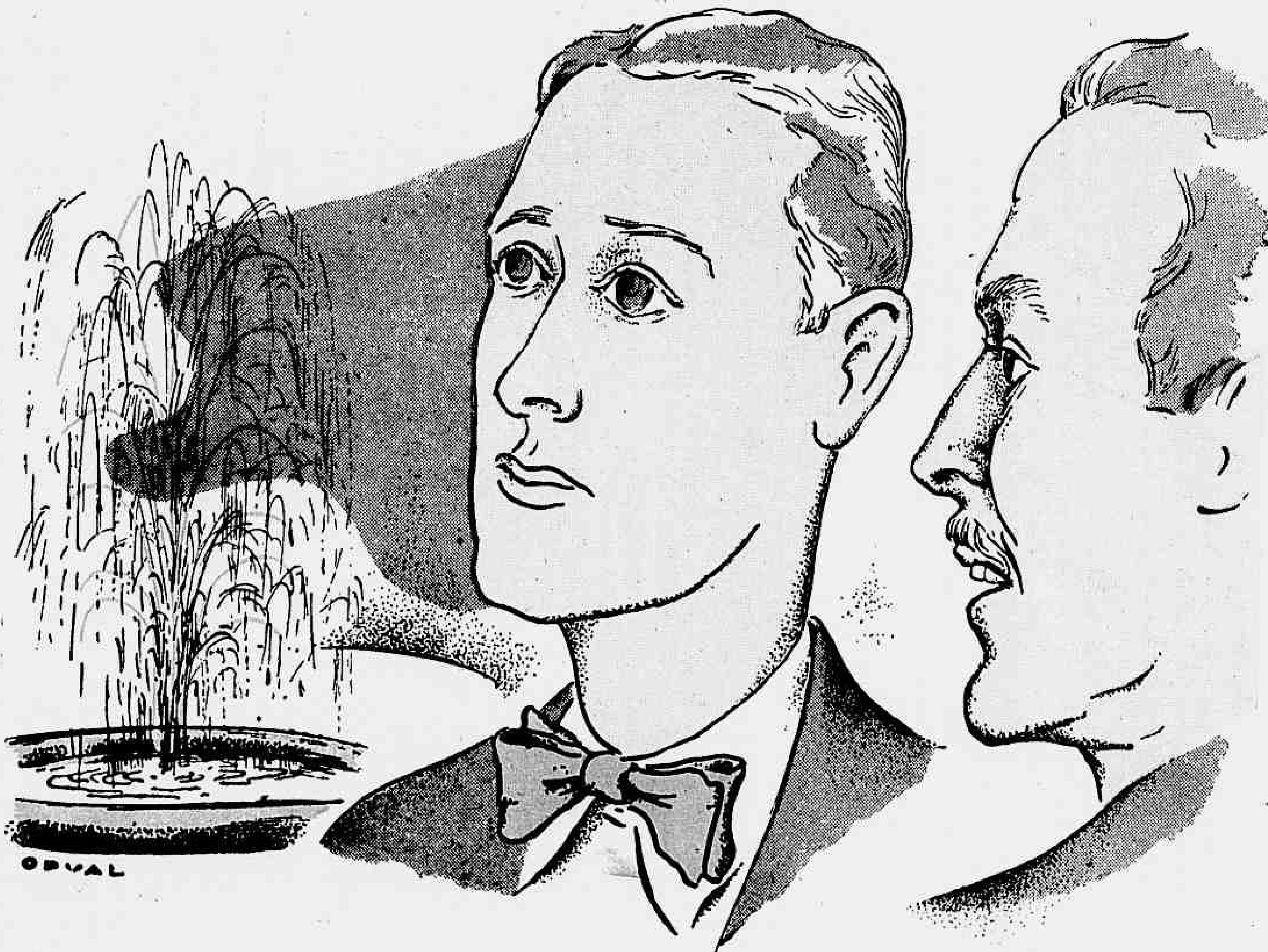
— Calma, mas eu não disse que...

— Então, num século dêste, — as veias do pescoço de Domingos inflamaram-se de indignação — com todos os recursos da ciência e da técnica moderna, com diversos rios perto, o senhor me pergunta se em nossa cidade falta água!?... Que é que o senhor está pensando?! — interrogou, exaltado, sinceramente ofendido.

— Perdão, perdão, meu amigo — apressou-se Luciano a

(Cont. na pág. 42)

Conto de ROMEU CRUSOÉ Ilustração de ORVAL



esta é a sua Oportunidade!

Durante um periodo especial, as máquinas ELNA serão vendidas **sem entrada inicial**, podendo a Sra. comprar a sua ELNA em suaves prestações mensais. Esta é a oportunidade que a Sra. esperava. Não a deixe passar, fazendo hoje mesmo uma visita à loja ELNA e inscreva-se no novo plano de pagamento.

ELNA

É MODERNA, ELÉTRICA, PORTATIL.



COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo Rua 7 de Abril, 248 - Tel 34-8151
Belo Horizonte Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife Rua da Concordia, 143
Curitiba Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.

Nome: ....

Endereço: ....

Cidade: .... Tel.: ....

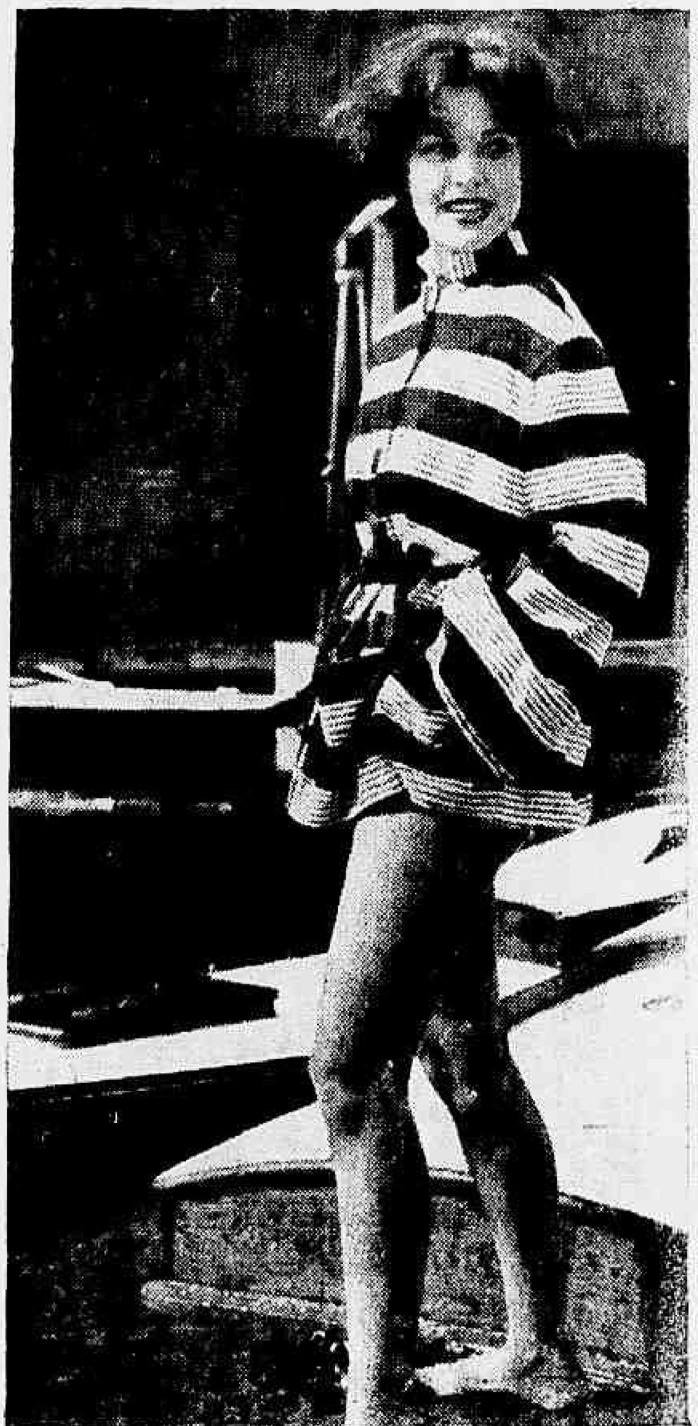
Estado: ....



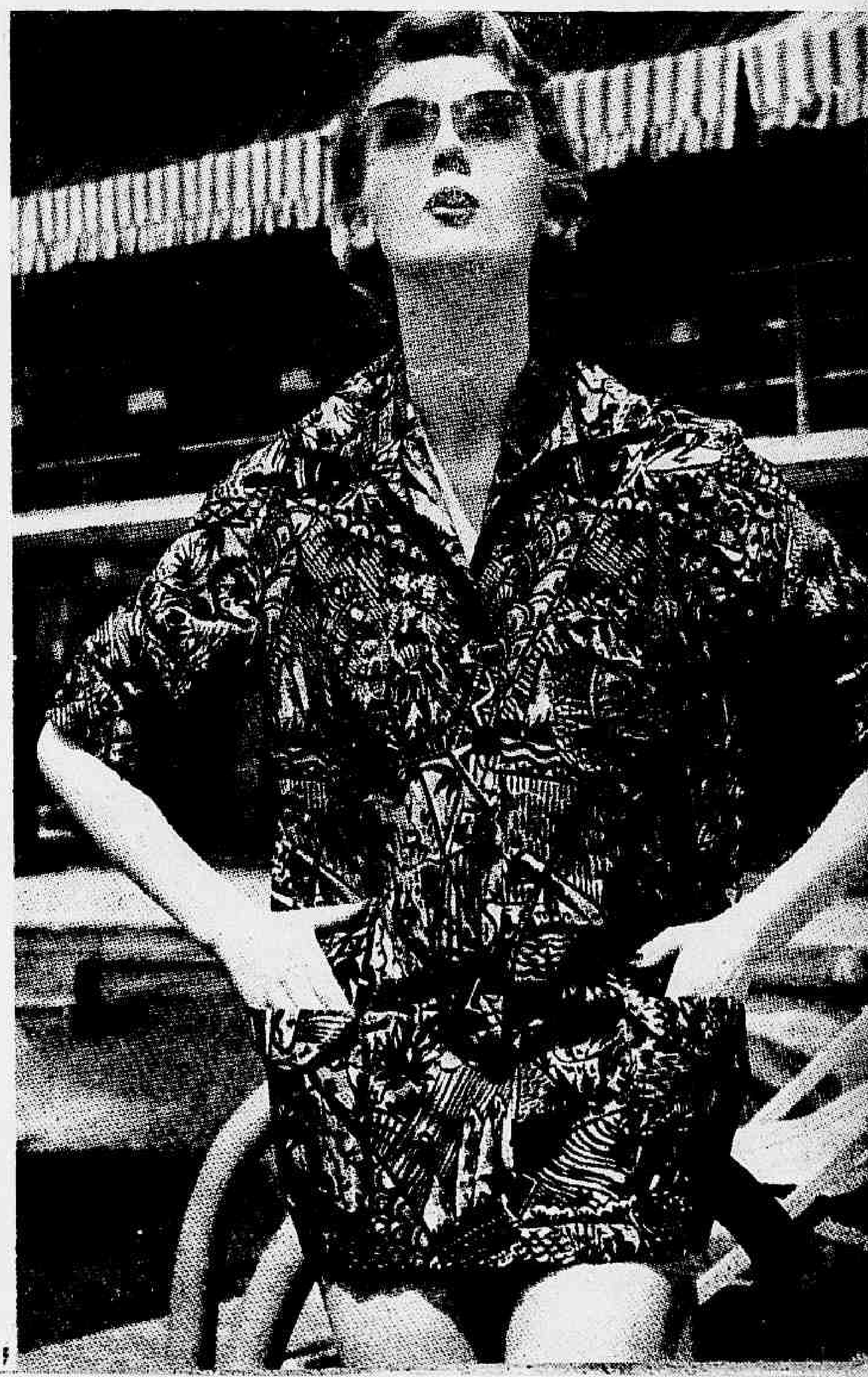


PRÊTO E BRANCO

O prêto e o branco continuam sendo as côres preferidas pelas mulheres elegantes de todo o mundo. Aqui temos uma interessante coleção de modelos esportivos, onde essas duas côres, harmoniosamente combinadas, oferecem o que de mais moderno e elegante sugere a moda atual.





SAÚDE DO BEBÊ

Métodos modernos na Coqueluche

Dr. SABOIA RIBEIRO

A Coqueluche desde longe vem desafiando todos os esforços em relação a uma terapêutica capaz de fazê-la abortar com segurança ou, ao menos, abrandar seus sintomas espásticos, expressos na tosse comprida e convulsa. Um grande progresso já se conquistou, por último, com a vacinação profilática, e portanto já se contando com uma arma de defesa que protege a criança dessa grave infecção.

Mas, no campo da medicação curativa, os meios geralmente falhavam, e falhavam justamente porque, especificamente, o germe causador só é suscetível ao ataque quando feito nos dez primeiros dias do período convulsivo, e nesse período nem sempre os sintomas característicos já atingiram um reconhecimento perfeito da moléstia.

De maneira que, no comum, segue a moléstia o seu curso mais ou menos longo, enfrentando o tratamento, não mais, o germe, senão apenas os sintomas e, em particular, a tosse espasmódica.

Sòmente o sôro de indivíduos que já sofreram da infecção, e injetado, ou a vacinação feita, porém, estando a moléstia ainda muito em comêço, podiam assegurar uma modificação; havia, não obstante, com o sôro, certas dificuldades de ordem técnica, e com a vacinação, como já se disse, era preciso diagnosticar a Coqueluche muito precocemente, e sem o auxílio do laboratório êsse diagnóstico jamais poderá ser de certeza. Ora, no início da Coqueluche, o diagnóstico é sòmente de probabilidade, e baseando-se na noção de contágio ou epidemia reinante, a predominância dos acessos durante a noite e sua resistência aos agentes terapêuticos; e além disso existem certas formas atípicas de Coqueluche que em tôda a sua evolução não são reconhecíveis pelo caráter simplesmente da tosse, pois faltam inteiramente as quintas, sendo que, no lactente, comum é faltar o "guincho" entremeando aquelas.

Cumpre advertir, de passagem, que em virtude de certos detalhes de ordem clínica, a vacinação contra a Coqueluche deverá ser sempre orientada por médico, tendo em vista principalmente as crianças alérgicas e neuropatas e aquelas portadoras de processos tuberculosos ou certas afecções do sistema nervoso.

A Penicilina e a Estreptomicina vieram, porém, modernamente, suprir essas deficiências no bom êxito do tratamento da Coqueluche. E êsse êxito prende-se a duas ordens de ação dêsses antibióticos: uma com as complicações bronco-pulmonares da moléstia (e é o caso da Penicilina, que age bem quando elas existem); e outra, com relação ao próprio agente infeccioso (e é o caso da Estreptomicina).

Doses calculadas entre 25 ou 50 miligramas por quilo de pêso, para emprêgo nas 24 horas, trazem rápida atenuação dos sintomas convulsivos e cura dentro de poucos dias.

Assim, uma criança de 10 quilos tomará uma dose diária entre 250 e 500 miligramas, ou seja:

Estreptomicina	1 grama
Água bidistilada	10 gramas

Injeções cada 12 horas, de 1,25 ou 2,50 cc. (respectivamente, 250 ou 500 miligramas diários).

Na prática, o emprêgo da Penicilina e da Estreptomicina não exige uma aplicação muito precoce, como a vacina, mas é conveniente que seja iniciado dentro do chamado "período bacteriano" da moléstia, ou seja até 4 ou 5 semanas de duração dela.

Outro método de tratamento promete também vigorar na prática e oferecendo resultados semelhantes.

E' o sôro de vitelo vacinado contra a varíola, processo que partiu da observação de que a vacinação contra a varíola confere uma segura refractariedade à Coqueluche, e mais, que uma injeção de 20 cc. daquele sôro faz passar o acesso.

Conforme o tempo de duração da moléstia, até com simplesmente duas injeções, com intervalo de 7 dias, a cura já se processa (observando-se já à primeira dose, diminuição gradativa dos acessos).

Empregam-se injeções intramusculares de 5 cc. (criança de 2 a 3 anos), 10 cc. (de 4, 6 e 10 anos).

Mas, o ideal será, antes, cuidar de evitar a Coqueluche, e nesse particular, como já se acentuou, já se dispõe modernamente da vacinação profilática, que deverá ser iniciada ao 6.º mês, e prosseguida no 7.º e 8.º, mediante uma injeção apenas, por mês, de 1 cc.

Às vêzes, não obstante a vacinação, os acessos podem sobrevir; mas, mesmo nesses casos, os acessos são sensìvelmente atenuados, e mais provàvelmente a moléstia já existia no eu período de incubação.

Feita, porém, fora dessa hipótese, a vacinação profilática contra a Coqueluche produz resultados positivos, evitando-se a moléstia por um período de dois anos, terminados os quais deverá ser feita nova imunização.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

L. N. — Méier — Faça assim o leite de seu filhinho:

Creme de arroz e açúcar	1 e meia colher de chá de cada
Água	150 gramas

Cozer a fogo brando durante 10 minutos, pôr na mamadeira e acrescentar 1 e meia colher grande de leitelho, agitar vivamente, e igualar para 150 gramas, com água, no fim. Assim um mês, observando o pêso que deverá aumentar por semana entre 170 e 200 gramas.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

Roger puxa uma cadeira para perto do fogo.

Ambos já haviam falado sôbre tôda espécie de coisas, quando Mary diz subitamente:

— Sr. Poole, eu desejaria saber se o senhor me poderia informar a respeito dos exames para estenógrafas lá nos Ministérios. São exames muito severos?

— Não muito. Naturalmente, exigem rapidez e precisão.

Ela suspira:

— Eu escrevo com muita precisão; mas, pergunto a mim mesma se poderia alcançar a rapidez necessária.

Roger abriu os olhos, espantado:

— A senhorita?...

Ela disse "sim", com a cabeça.

— Nada disse eu ainda a ninguém. Minha família é, por vêzes, entrave a tais coisas. Todos seriam hostis a maus projetos, salvo, talvez, tia Isabelle. Mas eu quero estar perfeitamente preparada para trabalhar, mesmo que nunca tenha precisão de ganhar minha vida.

— Que a senhorita jamais tenha necessidade disso, respondeu Roger com fervor, lembrando-se naquele instante da pequenina miss Terry, com sua personalidade convertida em máquina.

Que poderia fazer essa linda Mary, de maravilhosa cabeleira e de olhos brilhantes, com uma vida absolutamente vazia entre as paredes de um escritório?

— Que jamais tenha necessidade de trabalhar, repetiu êle. O lugar de uma mulher é no lar. Cabe ao homem lutar no mundo.

— Mas, se não há um homem para evitar a luta de uma mulher?

— Sempre haverá um para lutar pela senhora.

(*Continua no próximo número*)

COMO VIMEM OS. . .

(Cont. da pág. 19)

corpo do jornal, na língua nipônica e constitue uma das maneiras de assimilar os "niseis", com seu noticiário local e internacional, firmado no propósito de familiarizar os jovens à vida no Brasil, nos grandes conglomerados humanos.

VENHA VER E DIRÁ

Verdade é que os japonêses, além de haverem superado a fase agrícola, superaram também, quase completamente, os problemas da assimilação. Venha ver e dirá. Êles vivem tão bem aqui como em Tóquio. Claro é que deverão sentir saudade da pátria. Porém, quem não sentiria, distante de tôdas as lembranças da infância e da família?

E se você entrar nas suas lojas, restaurantes, bares, "boites" ou clubes, será tão bem recebido como Hiroito, pois, como é sabido, a hospitalidade japonêsa desconhece raças e preconceitos. Vivem aqui os nipônicos como os representantes de quaisquer outras raças e quando um brasileiro brincalhão os chama de "Japão" e faz umas caretas arremedando-o a falar êle não se importa, pois sabe que se assim faz é porque o estima. Ninguém ousaria brincar com uma pessoa com quem não simpatiza. E êles já estão compreendendo isso, pois perceberam que, numa cidade como a nossa, onde um filho de espanhol chama um ítalo-brasileiro de "italianinho" e ouve, em réplica, "que há galego?", tudo não passa de brincadeira, de uma maneira de se expressar, podemos mesmo dizer, amizade por um brasileiro cujos pais, se bem que vindos de outro país, são tão imigrantes como os nossos.

E assim vão êles vivendo, em completa harmonia com os representantes de outros países que buscaram calma, trabalho e família no Brasil, conscientes do grande papel que representam, num dos últimos atos da peça de nossa independência econômica.

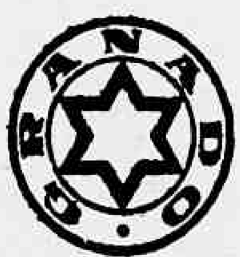
Não chore!



POLVILHO ANTISSÉPTICO



acaba com as Brotoejas



JOÃO FREY

Week-end na Cozinha

ARROZ COM PEIXE



Tome 1 quilo de peixe e depois de retirar as espinhas e peles, corte em pedaços grandes. Deite numa panela 2 colheres de gordura, 2 de cebolas picadinhas e deixe tostar um pouco. Junte o peixe, um ramo de cheiro, alguns tomates sem sementes nem peles, e se quiser, umas 6 pimentas malaguetas. Molhe com 6 xícaras de água quente, tempere com sal e junte ½ quilo de arroz bem lavado. Deixe cozinhar até absorver o liquido. Regue com 4 colheres de manteiga derretida e tostada, tape e leva à bôca do forno por uns 15 minutos, para secar. Ao retirar da panela, junte 4 ovos cozidos, picados, revolva com um garfo e despeje num prato. Antes de revolver, se preferir, pode adicionar uma colher de curry, amassado com outra de manteiga.

CHARTREUSE DE LEGUMES

Tome cenouras, 3 nabos, um punhado de vagens, tudo partido em tirinhas, 1 pequena couve-flor partida pelos galhinhos, 1/4 de repôlho partido fininho, e leve tudo a cozinhar. Cozinhe separado 2 molhos de espinafre, sem água, esprema e bata, tome 1 fatia grossa de pão dormido, embebida no leite, passe pela peneira e incorpore 2 xícaras de leite, 3 ovos batidos, sal, 1 colher de farinha de trigo e 1 colher de manteiga. Unte, então, uma fôrma com manteiga, arrume uma camada da metade dos legumes partidos, 3 colheres do môlho, outra camada de espinafre, mais 2 colheres de môlho e a última outra metade dos legumes, terminando com o môlho, mas tendo o cuidado de reservar ½ xícara e leve a assar no forno. Deite a ½ xícara do môlho separado numa caçarola, desmanche com mais meia xícara de leite e sal e leve a ligar no fogo. Desenforme a chartreuse num prato, regue com o môlho, polvilhe de queijo e leve ao forno por alguns minutos.

OVOS FRITOS COM PRESUNTO

Leva-se ao fogo uma frigideira com manteiga e, quando esta estiver derretida, forra-se o fundo da frigideira com fatias de presunto, quebra-se em cima de cada fatia um ôvo, polvilhando-se de sal, uma pitada de pimenta-do-reino e tampa-se a panela por uns minutos para que as claras cozinhem sem ficarem sêcas. Destampa-se a panela, joga-se por cima dos ovos um pouco de manteiga assim bem quente e retira-se com cuidado para que as gemas não se desmanchem. Serve-se com môlho inglês, ou polvilhando-se com parmezão ralado.

CREME DE GALINHA

Refoga-se uma galinha partida e sem osso, temperando-se muito bem. Acrescenta-se duas xícaras de leite, 2 gemas, uma colher de manteiga, 2 de farinha de trigo ou maizena e leva-se ao fogo para engrossar. Se a galinha fôr muito grande, aumenta-se a receita, conservando-se as mesmas proporções. Arruma-se num prato, circunda-se com tomates recheados e com ervilhas e miúdos de galinha, enfeitados com ovos cozidos. Os tomates não devem ser grandes e vão para o forno depois de serem recheados, a fim de secarem. Coloca-se sôbre fôlhas de alface, e pode-se acrescentar sôbre cada um uma colher de môlho branco.

COSTELETAS DE CARNEIRO À LA CREME

Prepara-se as costeletas com a parte do lombo. Corta-se as costelas uma a uma com um pedaço de lombo. Parte-se a costela ao meio e puxa-se a pele de modo que fique o osso bem limpo. Refoga-se. Passa-se a parte que ficou com a carne no creme para rechear frios. Passa-se depois de novo no ôvo e na farinha de biscoitos e frita-se ligeiramente em banha quente. Antes de passar o creme, refoga-se ou cozinha-se no forno.

CREME PARA RECHEAR FRIOS

2 xícaras de leite, 4 gemas, 2 colheres de maizena ou farinha de trigo, 1 colher de farinha de trigo.

Faz-se um mingau e serve para rechear canoinhas, canudinhos de espiral, etc. Salga-se o mingau à vontade.

RECHEIO PARA SANDUICHES

Miúdos de galinhas, 3 gemas cozidas, 2 colheres de manteiga fresca, temperos à vontade.

Depois de bem cozidos, corta-se os miúdos das galinhas fazendo um picadinho miúdo. Refoga-se com bastante tempêro e deixa-se esfriar. Acrescenta-se as gemas cozidas e a manteiga fresca. Passa-se em fatias de pão para sanduíches.

INHOQUI DE PARMEZÃO

Leve a ferver ½ litro de água com 1 colher-de-chá de sal e 100 gr de manteiga. Despeje dentro, de uma só vez, 250 gr de farinha de trigo, deixe cozinhar um pouco, sempre mexendo, retire do fogo e quando morno, vá desmanchando com ovos até uns 6. Retire bocados da massa do tamanho de avelãs e vá jogando em água a ferver com sal. Logo que subam à superfície da água, se ao apertar com os dedos estiverem elásticos, pode retirá-los para uma peneira.

O môlho: Leve ao fogo uma colher de manteiga, junte uma colher-de-chá de farinha de trigo, deixe tostar um pouco, adicione 2 xícaras de leite, cozinhe e acrescente outra colher de manteiga. Deite o môlho num prato de ir ao forno, deite os inhoquis em cima, polvilhe com parmezão ralado e leve ao forno apenas para tostar.

PANQUECAS FRANCESAS

Tome 8 colheres de farinha de trigo, 4 xícaras de leite, 4 gemas e sal. Misture tudo bem e leve a fritar em pequenas porções na banha e na manteiga em partes iguais. Devem ficar finos, e do tamanho de um pires. Vire dos dois lados, dobre ao meio, escorra bem e arrume em um prato. Sirva mornas, polvilhadas com açúcar e canela, ou ponha um pouco de geléia dentro, antes de dobrar. Também pode enrolar como canudinhos.

BISCOITO INGLÊS

Faz-se uma massa com meio quilo de farinha de trigo, 25 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, 2 ovos inteiros e uma colherinha de chá de amoníaco em pó. Trabalha-se bem a massa, abre-se com o rôlo na espessura de meio centímetro e corta-se com fôrma ou com a bôca de uma xícara de café. Risca-se os biscoitos com a ponta de uma faca, em xadrez, pinta-se a parte de cima com gema desfeita em manteiga derretida e leva-se ao forno moderado em tabuleiro untado.

GALANTINA DE PEPINOS COM FRUTAS

Toma-se oito fôlhas de gelatina branca e põe-se de môlho em ½ xícara de água fervendo, dissolvendo-se no fogo, juntando-se 2 colheres de açúcar, ½ colher de sal, 1 de caldo de limão, 3 colheres de vinho. Côa-se tudo e deixa-se esfriar na geladeira. Quando começar a congelar, junta-se 2 xícaras de rodelas de pepinos, picadas, sem sementes, 2 colheres de pedacinhos de abacaxi ou pêssego. Despeja-se tudo em forminhas altas untadas com azeite, guardando-se na geladeira.

FIOS DE OVOS

PARA cada dúzia de gemas muito frescas,, deixa-se duas claras finas. Coa-se em papel fininho ou filó de mosqueteiro com 6 ou 8 dobras. Com um funil apropriado, vai-se pingando na calda fervendo. Para 3 dúzias de gemas é preciso fazer uma calda com 2 quilos de açúcar, limoando bem com claras e coando depois. Convém fazer os fios em vasilha rasa. Uma frigideira presta-se bem para êste fim, contanto que não tenha sido usada para fazer comidas gordurosas. Aliás, o mesmo principio deveria ser observado com qualquer vasilha de fazer doces. E' êsse um dos doces que mais trabalho dá para acertar. Só mesmo com muita prática se consegue a perfeição.

SOPA DE LIMÕES

1 litro de água ou cerveja branca, 1 garrafa de vinho de maçãs ou vinho de Mosella, caldo de 2 limões pequenos, casca ralada de ½ limão, três gemas e açúcar à vontade. Ferve-se a cerveja ou água com o vinho e o açúcar. Bate-se as gemas com um pouco de água fria e 1 colher de farinha de trigo, junta-se isto ao caldo fervendo e deixa-se ferver mais um pouco em fogo fraquinho. Passa-se, então, por um passador, mistura-se o caldo e a casca ralada do limão e põe-se na geladeira. Serve-se com biscoitos.





CINE NOVELA



O "Café dos Poetas" é o ponto de reunião da juventude literária e de uma porção de artistas e "snobs" cujos sentimentos para com Orfeu se dividem entre a admiração e a inveja.

Orfeu é o poeta oficial que a glória consagrou. Um dia sua atenção se volta para uma mulher muito elegante a quem chamam: a **Princesa.** Mas estala uma briga envolvendo vários rapazes e Cégeste, um poeta completamente tonto que a Princesa tenta inùtilmente afastar do combate, luta também. A chegada da Polícia aumenta o tumulto e, no curso do pânico, Cégeste, fugindo, é atropelado por dois motociclistas, que passam velozmente pela praça.

A Princesa interpela Orfeu e lhe [illegible] que a acompanhe ao hospital, para aonde ela conduz o jovem, para lhe servir de testemunha. Mas, no meio do caminho, Orfeu se apercebe de que o jovem está morto e de que a viatura deixara a cidade. Conduzidos pelos motociclistas, o veículo pára diante de um chalé situado no alto de uma colina. Orfeu segue a Princesa e vê, estupefato, que ela reanima Cégeste e atravessa o espelho do quarto, onde êles haviam penetrado, e depois desaparece. Orfeu se precipita a seguir, mas se choca contra o vidro e desmaia.

ORFEU

(*Orphée*)

Elenco:

Orfeu	*JEAN MARAIS*
Heurtebise	*FRANÇOIS PERIER*
A Princesa	*MARIA CASARÈS*
Eurydice	*MARIE DÉA*
O Cavalheiro	*HENRI CREMIEUX*
O Primeiro Juiz	*JACQUES VARENNES*
O Comissário	*PIERRE BERTIN*
Aglaonice	*JULIETTE GRECO*
O escrivão	*ROGER BLIN*
Cégeste	*EDOUARD DERMITHE*

Escrito e dirigido por Jean Cocteau ★ Fotografia de Nicolas Hayer ★ Decorações de D'Eaubonne ★ Costumes de Escoffier ★ Música de G. Auric ★ Distribuição da ART-FILMS.

Quando volta a si, êle está sòzinho na colina deserta, de onde o chalé desapareceu. Heurtebise, o *chauffeur* da Princesa — que outra não é senão a Morte — está no automóvel. Êle reconduz Orfeu a casa, onde sua espôsa Eurydice se inquietava por sua ausência e pelos boatos que corriam, segundo os quais Orfeu havia feito desaparecer Cégeste, a quem nem ao menos conhecia, que se tornara invisível desde o incidente do café. Quem trouxe o boato foi Aglaonice, a quem Orfeu detesta.

Mas Orfeu só vive agora pensando nos fatos estranhos, dos quais foi testemunha, e na Princesa. Êle deixa Eurydice para escutar o rádio do automóvel de Heurtebise, que transmite as mensagens cifradas cujo segrêdo êle procura ansiosamente.

Chamado pelo Comissário de Polícia para responder às acusações de que é objeto, Orfeu reencontra a Princesa, mas em vão tenta aproximar-se dela. Êle não sabe que tôdas as noites, a Princesa sai do espelho do seu quarto para vir espiá-lo... Eurydice espera uma criança. Desolada pelo





abandono de Orfeu, ela decide contar suas mágoas a suas amigas de outrora, as Bacantes, que detestam Orfeu. Mas, no caminho, a jovem senhora é atropelada pelos motociclistas da Morte e levada, por sua vez, ao misterioso domínio desconhecido.

Pôsto ao par do que se passa por Heurtebise, Orfeu abandona enfim a mania de ouvir as mensagens radiofônicas — que são emitidas por Cégeste — para seguir Heurtebise ao reino da Morte, com as luvas que lhe permitem atravessar espelhos. Êles atravessam assim uma zona morna e chegam, finalmente, ao Palácio onde o Tribunal Supremo julga a Morte culpável de haver agido sem ordem superior. Aqui todos os segredos são revelados: o amor da Princesa por Orfeu, e aquêle que Heurtebise tem inconscientemente por Eurydice.

Orfeu obtém o direito de reaver sua espôsa, com a condição de jamais fitá-la, em qualquer circunstância. Heurtebise obrigá-los-á a respeitar esta cláusula, da qual êles logo compreendem tôdas as dificuldades. Sentindo que jamais poderá reaver o amor de Orfeu, Eurydice procura morrer uma segunda vez forçando seu marido a vê-la. Ela o consegue finalmente e desaparece para sempre.

Quase no mesmo instante, os poetas e as Bacantes irrompem na casa do poeta, que acusam de haver enganado seu amigo Cégeste, Heurtebise toma a defesa de Orfeu, mas uma pedrada fere o jovem, e a multidão avança enfurecida. Suplantando a polícia, que lhes vinha à frente, os motociclistas da Morte ajudam Heurtebise a carregar Orfeu no automóvel da Princesa. A Morte e Cégeste recolhe-os na zona intermediária. Porém, sacrificando seu amor àquele dos vivos, a Princesa ordena a seus auxiliares, Heurtebise e Cégeste, que devolvam Orfeu à vida ao lado de Eurydice.



VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias do seu sexo, tendo o seu aparêlho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades fàcilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: se vem regularmente, em dias certos e em quantidade certa, sem dôres, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urgem providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes: o Nº 1 para os casos de regras adbundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias e o Nº 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier Nº 1 ou o Regulador Xavier Nº 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ...
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas ao teste

1—Washington Luís
2—Japão
3—Aos mouros
4—Picasso
5—Por sua paciência
6—Graça Aranha
7—Carlos Gomes
8—Por se originar da ilha de Jersey
9—Cuneiforme
10—Os raios X
11—Três (vermelha, amarela e azul)
12—Estados Unidos
13—40 mil (aproximadamente)
14—De Verdi
15—O trigo.

MAIS UM DRAMA...

(Cont. da pág. 16)

mento. O time do Vasco decaindo de produção e a diretoria pensando que eu é que não queria jogar. Demorou dois meses, e ainda não estava bem. Estreei contra o Bonsucesso, mas ainda não me sentia em condições. Frente ao América, chutei o chão. Então, parei definitivamente. Tirei as amigdalas e quatro dentes. Eu devia ter feito isto antes, mas o clube achava que não havia elementos para substituir-me."

— A sua ausência teria influido na queda de produção do quadro do Vasco?

— "Absolutamente. O Vasco está passando por uma fase ruim. Muitas contusões, suspensão de Danilo. O time tinha uma responsabilidade tremenda e jogou muito, antes do campeonato."

— Quando espera voltar à atividade?

— "Agora já me sinto melhor. Estou fazendo um tratamento no Forno de Bier, com uma temperatura de 90 a 100 graus, radioterapia e exercicio de busto. Pode ser que venha a disputar as últimas partidas dêste campeonato. Mas só voltarei em perfeitas condições."

— Ademir, você acha que voltará a ser o que era?

— "Acho que sim, mas só com o correr do tempo é que poderei voltar à minha antiga forma física."

— Quantos anos ainda pretende jogar?

— "Não era segrêdo que eu pretendia abandonar o futebol no fim dêste ano. Porém, devido a tôda essa onda, e para desfazer as dúvidas, ainda jogarei mais 1 ou 2 anos."

— Dizem que você pretende transferir-se para outro clube: é verdade?

— "Onda, pura onda. Terminarei no Vasco."

— Mas, se outro clube oferecer mais que o Vasco lhe estipular na renovação do contrato, assim mesmo você não sairá?

— "Só por absurdo!"

— Última pergunta: você quer informar aos leitores da REVISTA DA SEMANA, na certa, quando voltará a jogar?

— "Bem, espero que no Rio — São Paulo formarei no ataque do Vasco."

Essa história só teria mesmo três personagens. O acaso, que é amigo do repórter, colocou-o à frente do quarto homem, o "manager" de Ademir, o coronel Menezes. Conversa vai, conversa vem, e o velho Menezes confessou que o ambiente não está bom em São Januário, que o seu filho não precisava mais do futebol, e que o maior prazer que êle lhe daria seria abandonar o esporte. Perguntamos se era verdade que o Bangu estava interessado em Ademir. Respondeu-nos que já estêve mas, como não pudera contar com êle, contratara Zizinho. Porém receberia de braços abertos o seu filho.

E concluiu:

— "Caso o Vasco não acredite nas possibilidades de Ademir voltar a ser o que era, e se o novo contrato não satisfizer, eu vou mandá-lo passear na Europa com a espôsa. Aliás, já disse que êle é profissional de futebol, e como tal tem que se valorizar, é de quem dá mais. Se o Bangu der mais êle irá para o Bangu, — concluiu o Coronel, — mas isso não passa de uma conversa entre amigos. Meu filho faz o que bem entende, porém a mim não enganam!"

Maravilhosa...

(Cont. da pág. 50)

quer ser eleito presidente da República.

— Quê!?...

— E' a verdade. E nem deputado nem senador também. Vivem fugindo dos postos públicos e só o acendrado patriotismo os faz aceitar.

Luciano, lembrando-se de outras nações, sentiu tão violenta vontade de rir, que precisou comprimir os lábios com a mão.

— E' um custo para se achar alguém que aceite.

Calou-se, refletindo; depois, prosseguiu pensativo:

— Os nossos governantes são corretos. O senhor quer saber? Na gestão passada, um ministro, para bajular, — um dos raros sujeitos defeituosos — nomeou, imerecidamente e sem concurso, um sobrinho do presidente da República para um cargo importante. Pois o presidente, quando soube do ato, mandou-o revogar e censurou o ministro.

— Quê!?...

E foi arquejante, fremente de emoção e deploràvelmente superexcitado, que Luciano acordou.

O PEQUENO CONTO

DEDOS EMPRESTADOS

GEO WILLIAM



MARTIM Puchero celebrizára-se, nos meios da malandragem e nos meios policiais, pela sua habilidade ímpar, em bater carteiras. Ninguém, como êle, para surrupiar, com a leveza de um sôpro, o porta-notas de um cidadão. Ninguém como êle para carregar os haveres alheios contidos no estojo de couro metido num bôlso.

Sua carreira levara-o a muitos altos e baixos. Passou a conhecer tôdas as cadeias, tôdas as carceragens e, ùltimamente, a Penitenciária, onde resolvera se regenerar, pela dureza do castigo e pela insistência do capelão que descobrira, nêle, um fundo bom, aproveitável.

Assim foi que ao sair do casarão onde permanecera à sombra durante vários anos, cuspiu no chão, fêz uma cruz com o pé, acumulou um juramento, e sagrando-se dentro dêsse exorcismo, buscou trabalho honesto. E foi vender frutas pelas ruas, tirando magerrimos proveitos, mas suficientes para manter-se com certo decôro.

Às vêzes, quando os negócios corriam mal, devorava, premido pela fome, uma parte de sua mercadoria. Depois tinha que fazer economia para manter o equilíbrio de seu negócio ambulante.

Bem que sentia cócegas nas palmas das mãos e nas pontas dos dedos ágeis, quando passava rente a um cidadão cheirando a dinheiro. Apertava os dentes, tal o ímpeto que o dominava e, escorrendo suor frio pela testa, continuava seu caminho. Jurara se tornar honesto e nada nesse mundo o faria retroceder. Hoje vendia frutas. Amanhã seria um rico exportador — assim pensava.

★

Não contava, entretanto, com Josefino Benquisto, outra celebridade nos arraiais da malandragem. Passador emérito do conto do vigário. Josefino conseguira passar mais "pacotes de jornais cortados", sòzinho, do que tôda a malandragem reunida. Agora, porém, estava doente, condenado pelo câncer que lhe roia o fígado. Um farrapo humano. Mas não era a sua doença que o aparvalhava e atormentava. Era a doença da companheira, desfibrada pelo longo padecer de uma vida de sustos e angústias, que lhe falava de perto. Não podia trabalhar e não sabia onde ir buscar os recursos necessários e exigidos com máxima urgência pelo médico que a visitara da última vez.

Lembrou-se de Martim Puchero e, arrastando-se, foi encontrá-lo pelas adjacências do Mercado.

— Tou mal de vida, companho. Minha "mina" está morrendo. Se você não me acode, tou frito!

— Mas, eu não tenho dinheiro e desde há muito que deixei a malandragem...

— Eu sei disso, mas por hoje você vai me "emprestar os dedos".

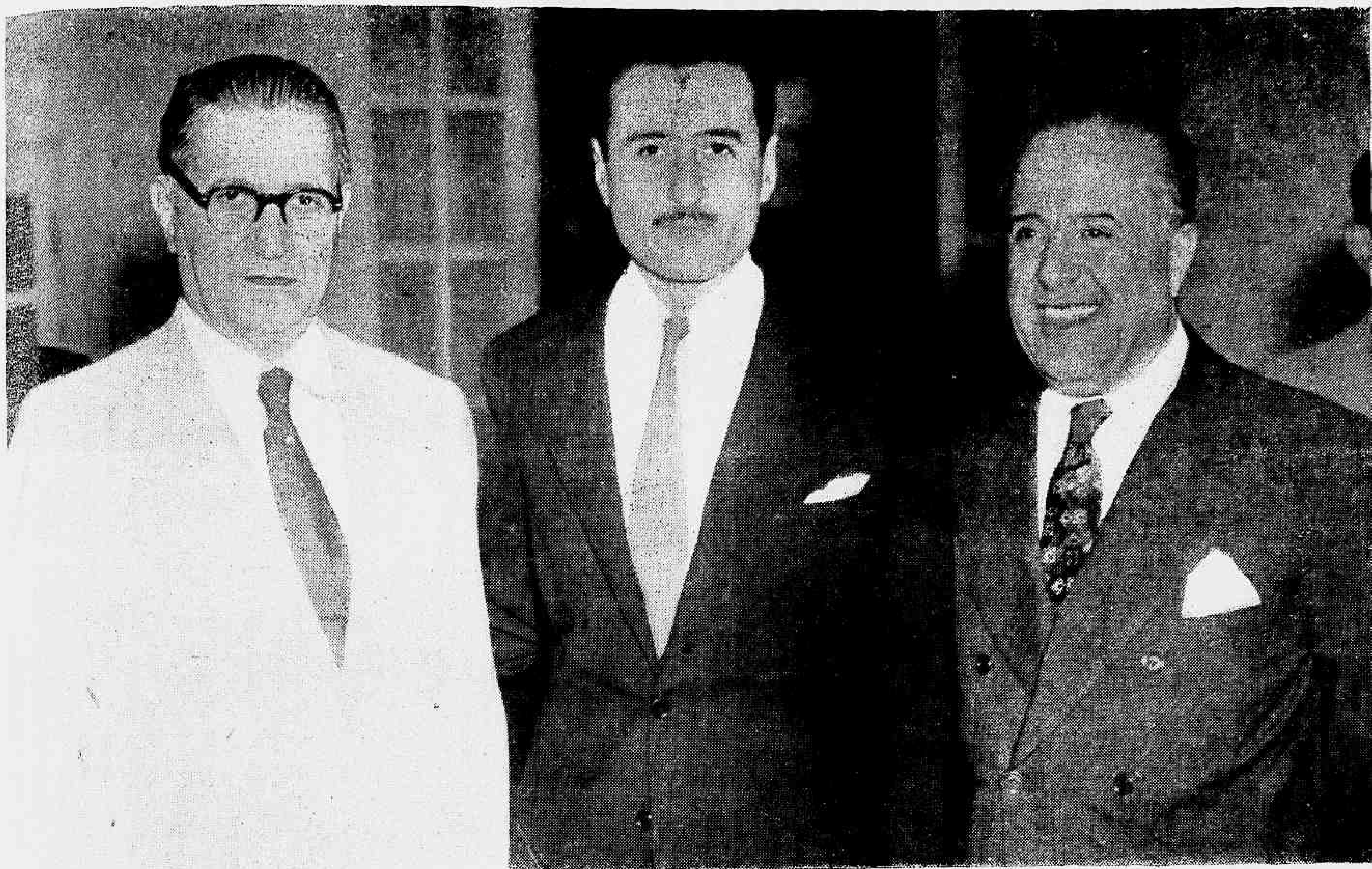
★

Martim Puchero, quebrando todos os juramentos feitos, "emprestou os dedos" ao ex-colega necessitado. Sentiu verdadeira volúpia quando bateu a primeira carteira. Passou-a ao canceroso e atracou novo transeunte. Foi infeliz, pois que, escorregou justamente quando estava com a mão no bôlso da vitima...

★

Ao reingressar à Penitenciária, Martim Puchero vinha cabisbaixo e choroso quase. Narrou sua desdita ao diretor do presídio que mandara fôsse levado à sua presença.

— Pois é, meu caro: um bom negociante jamais empresta nada a ninguém... Se você tivesse ficado sòmente nas "vendas à vista", não acabaria vendo agora "vistas" quadrilateradas de uma cela...



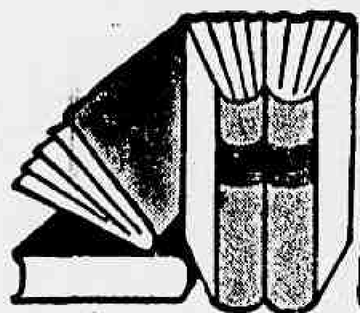
Após a disputa do clássico Jockey Club del Peru, o embaixador da grande nação amiga, sr. Felipe Tudela, aparece no «clichê» ladeado pelos srs. Rubens Antunes Maciel, presidente em exercício do Jockey Clube Brasileiro, e Peixoto de Castro, grande turfista e criador patrício.

GRANDE PRÊMIO "JOCKEY CLUB DEL PERU"

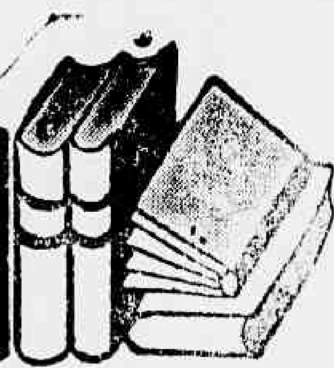
PROSSEGUINDO no desenvolvimento do seu programa de confraternização e aproximação continental, no qual se incluem essas homenagens aos seus coirmãos sul-americanos, o Jockey Club Brasileiro fêz realizar, na primeira quinzena de novembro último, o Grande Prêmio "Jockey Club del Peru", prova clássica corrida na distância de dois mil metros com a dotação de cem mil cruzeiros. Representando a entidade turfista do País amigo, compareceu ao Hipódromo Brasileiro o embaixador do Peru, sr. Felipe Tudela, acompanhado de sua exma. espôsa e de elementos da embaixada, que foram carinhosamente recepcionados pela diretoria do Jockey Club Brasileiro, tendo à frente o sr. Rubens Antunes Maciel, vice-presidente no exercício da presidência. O importante páreo foi levantado pela égua Sinless, de propriedade da sra. Zélia G. Peixoto de Castro, a quem foi ofertada uma rica salva de prata vinda especialmente do Peru. Mais uma bela festa de congraçamento e amizade das que vêm sendo promovidas pelo Jockey Club Brasileiro em honra dos seus congêneres do nosso continente, que despertam sempre os mais justos aplausos por seu cunho altamente simpático.



Flagrante colhido no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro, no dia em que foi realizado o clássico Jockey Club del Peru. Ao centro, o sr. Felipe Tudela, embaixador do Peru, e sua exma. espôsa, acompanhados de elementos da embaixada peruana, vendo-se mais os srs. Rubens Antunes Maciel e Philadelpho de Azevedo, diretores do Jockey Club Brasileiro, e o sr. Peixoto de Castro e senhora.



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA



MOACYR ANDRADE

MOACIR ANDRADE, membro da Academia Mineira de Letras, é um dos escritores mais queridos e populares da terra montanhesa. Romancista de segura vocação, foi transviado da senda que devia seguir com assiduidade maior, dispersando-se no jornalismo e na burocracia, fatalidades irremovíveis da vida do intelectual na província. Entre outros livros que publicou, obteve grande êxito o romance "República Decroli". Mas, suas qualidades fortes de ficcionista, com o dom de buscar apoio na realidade para a tessitura de suas histórias, êle as demonstrou no seu romance, cheio de verdade e pitoresco, "Memórias de um chaufeur de Taxi". Penetrando no repertório urbano, com a melhor reserva de ironia e de emoção dramática, êle passou às páginas de seu livro trechos vivos de criaturas e paisagens, fixando, com o corte de um realista da melhor cêpa, quadros de intenso e eloquente colorido, bosquejando tipos inesquecíveis, figuras palpitantes de verdade, episódios de extrema e implacável pungência.

Nascido em Conselheiro Lafaiete, a localidade mineira posta sob a invocação do nome ilustre do grande político mineiro, Moacir é irmão do poeta Djalma Andrade, uma das mais belas vozes da poesia brasileira, com a particularidade de ser um continuador do espírito "blaguer" de nossos trovadores, satirista que faz honra aos maiores da língua em que "Camões chorou no exílio"... Vários cargos públicos tem ocupado Moacir de Andrade, em Belo Horizonte, onde reside, emprestando-lhes o brilho de seu talento e honrando-os pelos admiráveis serviços prestados à administração. Entretanto, a êsse romancista que domina um gênero literário pouco habitual do montanhês contemplativo e introvertido — deixa-se seduzir pela efeméride do jornalismo estadual, fazendo-o com mestria, é certo, pondo centelhas de inteligência no simples tópico, como na crônica, que pratica ininterruptamente e, sempre, com uma leve notação de humor, ao comentar o banal cotidiano.

EDMUNDO LYS

A COMÉDIA HUMANA



BALZAC

A Editôra Globo acaba de publicar o sexto volume da "Comédia Humana", de Balzac, dando prosseguimento ao plano de uma edição monumental, em 17 tomos, com introdução, notas e orientação de Paulo Rónai. Neste volume, precedido de um estudo de Teófilo Braga — aliás o estudo mais importante escrito em Portugal sôbre Balzac — encontram os leitores uma novela e quatro romances. A novela, "O Ilustre Gaudissart", marca o aparecimento de um novo tipo na literatura, o do caixeiro-viajante, em quem Balzac descobriu uma das criaturas mais caracteristicas produzidas pelo nascente capitalismo do século XIX. Entre os romances, encontra-se "Um Conchego de Solteirão", um dos mais poderosos do escritor e cujo protagonista, Filipe Bridau, antigo herói das guerras napoleônicas, deslocado na sociedade estagnada e imóvel da Restauração, deprava-se progressivamente aos nossos olhos, até atingir uma perversão monstruosa e que por isso mesmo tem a sua trágica grandeza. Em "A Musa do Departamento" entramos num dos salões literários da província francesa, para conhecermos de perto a dona do Salão, Diná Piédefer, sua paixão por uma das celebridades do momento e as conseqüências quase fatais dessa paixão, comentada, dilacerada, deturpada pelo ambiente jornalístico da capital. As duas últimas obras, "A Solteirona" e "O Gabinete das Antiguidades", formam um conjunto a que o autor deu o título de "As rivalidades", nelas assistimos a uma das mil lutas mesquinhas e violentas em que se empenhavam naquela época do Antigo Regime, já um tanto desprestigiada mas ainda muito orgulhosa, e a burguesia ascendente, devorada por ambições brutais. Em tôdas essas histórias movimentadas, em que se alternam lances patéticos e incidentes cômicos, Balzac apresenta uma multidão de figuras da vida provinciana, colhidas ao vivo, apanhadas em tôdas as suas manias, seus costumes, suas preocupações, tôda a sua existência introvertida, cuja intensidade, não fôsse o poder intuitivo do romancista, nos ficaria escondida para sempre. Êste novo volume da "Comédia Humana", que tem 666 páginas e 20 ilustrações fora do texto, foi traduzido magistralmente pelos escritores Gomes da Silveira, Elza Lima Ribeiro e Lia Corrêa Dutra.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Editado pela Saraiva, acaba de sair o livro de estréia da poetisa e cronista Maria Antônia. A obra intitula-se "Flor no Caminho" e traz uma carta-prefácio do escritor paulista Afonso Schmidt.

★

Os rapazes de Marília, Estado de São Paulo, continuam firmes na publicação do excelente jornal literário "Caiçara". Êste último número, o sexto da coleção, traz as seguintes colaborações: poemas de Hilda Luisa Scarabôtolo; poemas de Lauro Vargas, Jorge Medauar, João Mesquita Valença, Guilherme de Almeida, João Accioli, Flávio Sampieri, Mário da Silva Brito, Domingos Carvalho da Silva, Sérgio Milliet, Paulo Sérgio e outros; poemas de Patrice de la Tour du Pin (traduzidos por Reynaldo Bairão); ensaios de Hilda Luisa Scarabôtolo, Cyro Pimentel, Nilce Santana Martins; desenhos de Direeu Câmara Nery e de Darcy Penteado.

★

Augusto de Campos, irmão do poeta Haroldo de Campos (autor de "Auto do Possesso"), lançou o seu livro de estréia, intitulado: "O rei menos o reino". Trata-se de uma obra de grande valor literário, onde o jovem poeta paulista demonstra possuir muita personalidade e conhecimento do que seja realmente originalidade poética.

★

Jorge Rizzini, autor de livros infantis, acaba de publicar "Carlito e os homens da caverna", Editôra Brasiliense Ltda., São Paulo. Com esta obra, o referido escritor presta uma homenagem à memória de Monteiro Lobato.

★

E, por falar em Jorge Rizzini, êle já tem em preparo mais dois livros, intitulados: "Seis crianças impõem a páz no mundo" e "História de Monteiro Lobato".

★

Dentro em breve, Domingos Carvalho da Silva lançará mais uma coletânea de poemas, agora, sob o título genérico de "O Inimigo do Mundo". Segundo consta, êsse livro já está no prelo há algum tempo.

★

Referente ao mês de novembro, saiu o décimo segundo número da ótima revista, dirigida por Paulo Duarte, "Anhembi". "Anhembi", publicação de alta cultura, traz neste último número a colaboração dos seguintes escritores; Charles Baudouin, Pietro de Francisci, Carlos A. Krug, J. F. de Almeida Prado, Luís Martins, Bergamin, Guilherme Figueiredo, Bragaglia, Roger Bastide, Nicanor Miranda, Albert Gleizes (o célebre pintor), Indro Montanelli.

★

Está expondo, no Museu de Arte Moderna, a escultora Marina Nuñez del Prado. Essa exposição tem sido muito visitada e muito comentada pelo público em geral.

★

Encontra-se à venda o quarto número da revista de arquitetura e arte "Habitat", dirigida por Lina Bo Bardi.



Fair Deal

"A thing of beauty is a joy for ever" Keats.

Vende, amigo, o precioso e loiro pão
Que em tua mesa humílima sobrou.

E compra depois, com a pequenina moeda
Obscura de tua louca transação,
A flor supérflua, inútil mas bela,
Aquela, justamente aquela
Que tanto te encantou!

A. BRANT RIBEIRO

UM AUTOR



Par Fabian Lagerkvist

O prêmio Nobel de literatura, êste ano, coube a um escritor sueco, o eminente romancista Par Fabian Lagerkvist, por seu romance internacionalmente famoso — «Barrabás». A tradução francesa dêsse romance, a mais conhecida por nós, traz uma carta-prefácio de André Gide. Lagerkvist, além de romances, escreve poesia, crítica, ensaio, dominando igualmente a prosa e o verso. «Barrabás» conta a história do ladrão que foi libertado da cruz, quando Jesus era, em seu lugar, martirizado. Trata-se de uma das obras de maior importância da atualidade, um dêsses livros que, pela forma e pelo conteúdo, se destinam a uma glória permanente.

PENA OU MÁQUINA?

ESCREVE À PENA OU À MÁQUINA? — eis uma questão que não pode ser indiferente ao escritor moderno. Enquanto os mais antigos, de antes da generalização da escrita mecanizada, permanecem fiéis à pena, criando dificuldades com os linotipistas, acostumados pelos modernos à limpeza dos originais dactilografados, os últimos confessam sua impossibilidade de escrever à pena, o que levará ao desaparecimento dos autógrafos... não muito em breve, porém, descansem os colecionadores.

«Les Nouvelles Litteraires» fizeram um inquérito sôbre essa questão, bem assim procurando saber se a escrita mecanizada influencia sôbre o estilo e a técnica dos escritores. Entre os que responderam, destacamos os seguintes:

MARCEL AYMÉ — Não sei dactilografar, mas creio que o trabalho à máquina me constrangeria.

JEAN COCTEAU — Não escrevo à máquina. As máquinas não me amam e me resistem.

ANDRÉ MAUROIS — Não escrevo à máquina, mas não creio que ela possa ter influência sôbre o estilo. Valery escrevia à máquina. E' uma questão de hábito.

MARCEL PAGNOL — Escrevo muito ràpidamente à mão. Essa pergunta interessa mais a Simenon do que a mim. Êle tem pelo menos dez máquinas de escrever.

JEAN PAULHAM — Gostaria bem de escrever à máquina e tenho grande simpatia por êsse aparelho, mas o fato é que nunca me servi dêle.

RAYMOND QUENEAU — Trabalho às vêzes à máquina: ela não pode ter qualquer influência sôbre o desenvolvimento das idéias.

LETRAS MINEIRAS

Realizou-se no Clube dos Oficiais da Polícia Militar, o lançamento do livro de versos "Dentro de Mim Mesmo", de Antero de Alencar, pseudônimo do doutor Osvaldo Pinto Coelho. A' festa reuniu intelectuais, escritores e dezenas de poetas que lhe prestaram significativa manifestação de aprêço e simpatia ao autor.

Já se encontra à venda o livro de versos de Darcy Freire, sob o título de "COIVARA" que as Edições Mantiqueira, lançaram em edição primorosa.

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA:

"EPITÁCIO PESSOA"

O amor filial se juntou aqui ao espírito crítico, ao sentimento da História e ao real talento de escritor, para nos dar os dois grossos e significativos volumes da biografia de Epitácio Pessoa, de autoria de Laurita Pessoa Raja Gabaglia (Livraria José Olimpio, Rio — 1951). Estamos realmente em presença de uma das obras mais importantes publicadas êste ano, tanto de seu aspecto literário, quanto do seu alcance histórico, pela independência, na apreciação dos homens e dos fatos de agitado período da vida nacional.

A autora nos transporta, com a graça de seu estilo vivo e singelo, em prosa de bom quilate, ao ambiente em que se formou a figura do grande brasileiro, situado na galeria de nossos homens ilustres, por uma multiplicidade extraordinária de notáveis qualidades. Êle teve, com a cultura magnífica do jurista e os dons parlamentares, o gênio político. Mas, êsse gênio foi amoldado nas virtudes exemplares do cidadão, o que transformou Epitácio Pessoa em um grande líder com o sentido estrito da democracia e de seu lastro essencialmente jurídico. Foi, assim, como fàcilmente poderão ver os que não conheceram sua obra, nos vários setores de suas atividades, no momento em que ela se produzia — os leitores desta biografia modelar, que traça a marcha ascensional de uma personalidade em contraste com o ambiente limitado que lhe faziam as circunstâncias e os homens, abrindo brechas no sentido da maior expressão das instituições nacionais, tanto no próprio ambiente, como no plano internacional.

Epitácio Pessoa, ensina essa vida representativa, por todos os aspectos emersonianos, foi um político desde cedo colocado acima do panorama brasileiro. Sua estatura só se pode medir pelos padrões universais que juntaram o gênio criador à sabedoria requintada, na direção dos homens e dos negócios públicos. E tanto mais é de assinalar-se isso em um homem que surgiu na paisagem do Nordeste, adusta criadora de caciquismo e violências. Tanto mais de notar-se nesse grande chefe, sua cidadania do mundo, seu espírito extremamente civilizado. E, principalmente, seu senso moral, em um ambiente propício ao maquiavelismo de quem, possuindo a ciência, também estava, como êle, particularmente dotado pelo gênio e pela cultura. Esta vida de "Epitácio Pessoa", com ser uma biografia modêlo, sincera e equilibrada, constitui, ainda, uma alta e profunda lição de probidade política.

Edmundo Lys

PENAS SON CANTARES — Chega-nos de Buenos Aires êste livro de poemas de José Conde Fernandez, um estreante que possui, realmente, a vocação lírica. Revivendo a graça dos trovadores, José Conde nos aproxima das fontes da poesia castelhana mais pura, vestindo de novas roupagens êsse lirismo apaixonado e galante. Por isso ao ler êstes poemas, compreendemos bem o dístico de uma das páginas mais comovidas desta coletânea, «Minha Galicia»:

«Llevo en el fondo de mi alma
mi patria y sus melodias.»

De fato, sentimos neste poeta que a fonte abundante de sua emoção lírica está à raiz de sua «Galicia de amores, de fiestas, de cantos».

★

BRAZ PIRES — Em edição Pongetti, aparece êste livro, «Braz Pires» — subsídios para a História da colonização em Minas Gerais — conforme o subtítulo que esclarece o leitor. Trata-se da história da fundação do lugar denominado Braz Pires, em honra do desbravador Braz Pires de Marinho, obra escrita pelo tetrateno dêsse sertanista, Abel Gomes, e publicada sob os cuidados do sr. Ismael Gomes Braga, prefacista do livro. Trata-se de obra de invulgar merecimento, nos seus propósitos de contribuição à história de Minas. O carinho com que foi escrita a história de Braz Pires, o cuidado que presidiu à sua publicação, agora, muitos anos após a morte do autor, tudo demonstra o seu inestimável valor. Leitura agradável, além de informativa, por certo despertará aplauso de quantos se interessam pela história de Minas, tão relevante é a achega que representa ao conhecimento de pormenores sôbre uma grande região mineira.

★

O BALLET DAS PALAVRAS — O jovem poeta maranhense Lago Burnett apresenta um segundo livro de poesia, a pouca distância de sua estréia, tão entusiàsticamente saudada, em 1949. «O Ballet das Palavras» (Edição Afluente, São Luis, 1951) confirma os augúrios então prodigalizados ao estreante que já aparece aqui em plena posse de seu meio técnico, dono de seu rumo lírico, evoluído na sua poética, marcado de sensibilidade e de real talento criador.

★

ORAÇÃO DA HUMILDADE — Em edição Pongetti, publica o sr. Correia Pinto esta «Oração da Humildade». Apresentando o livro, diz o autor: «Com a publicação destas páginas — páginas brotadas da emoção de quem muito sofreu sob a escravatura dos preconceitos — o Autor visa, apenas, completar o seu desabafo, ampliando-o, de íntima advertência aos filhos, numa exclamação ao mundo, ao mundo no qual viveu como autômato, como atordoada vítima das convenções, e no qual hoje vive como cúmplice forçado. Conseqüentemente, renega o Autor tudo o que escreveu antes do trabalho aqui divulgado e traça, na presente obra, a sua única e definitiva profissão de fé.»

Lendo a «Oração» do sr. Correia Pinto, verificamos que é exatamente êsse desabafo de autor. Triste e pessimista, como o que mais seja.

★

ALFEU E ARETUSA — Entre os livros motivados pelas recentes comemorações goetianas, nenhum mais interessante do que êste que nos deu Maria de Lourdes Teixeira (Livraria Martins Editôra, S. Paulo, 1950) estudando Goethe através do amor. A obra, conforme o seu sub-título, trata das **apaixonadas de Goethe** e sua epígrafe foi oportunamente tirada à simbologia clássico-romântica, no mito de Alfeu e Aretusa. Como podemos observar, ao longo destas páginas, Maria de Lourdes Teixeira procurou apresentar o poeta imortal em um dos meios em que melhor se revelou, como homem e como artista. Podemos realmente verificar que a vida e a obra de Goethe estiveram sempre sob o signo do amor. E' pelo conhecimento de sua vida amorosa que melhor nos podemos aproximar dêle. Já Emil Ludgwig nos mostrara isso, na sua grande obra sôbre Goethe. A escritora paulista, limitando seu estudo goetiano à zona amorosa nos dá, dêle, ao mesmo tempo, um retrato humano e literário dos mais imprevisíveis.

★

VITAMINAS BASTANTE, SAÚDE CONSTANTE — A medicina, como qualquer outra coisa, tem moda. Médicos e remédios não fogem à regra, tão versátil é esta curiosa humanidade. Algo, porém, subsiste. Continua. E entra para a coleção das verdades eternas. Tal se dá com as vitaminas. A princípio, ignoradas. Mais tarde, levadas ao exagêro. Glorificaram-nas como panacéia, o que provocou, nas pessoas sensatas, a reação correspondente. Um dos mais equilibrados estudiosos da vitaminologia é o dr. Fonseca Ribeiro, autor, aliás, de excelente compêndio, «Vitaminas». E' também de sua lavra, em edição da Melhoramentos, «Vitaminas bastante, Saúde constante», primeiro livrinho da série «Saúde para todos». E' obra de valiosa divulgação popular.

UMA PERSONAGEM



Margaret Kennedy, criadora de tantas personagens do romance moderno, acaba de lançar no «registro civil» que se exige ao romancista, mais uma criatura viva: LUCY CARMICHAEL, de que damos aqui uma efígie. Como sempre, o romance trata do mundo feminino e o caráter de sua heroína constitui o melhor do livro, por sua verdade e sua complexidade.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — DE QUE GOVÊRNO FOI GETÚLIO VARGAS MINISTRO DA FAZENDA:

— Do de Artur Bernardes?
— Do de Washington Luís?
— Do de Epitácio Pessoa?

2 — QUAL O PAÍS CONHECIDO POR «TERRA DO SOL NASCENTE»:

— Japão?
— Índia?
— Egito?

3 — A QUE POVO DEVERAM ESPANHOIS E PORTUGUÊSES O GRANDE SURTO DE CIVILIZAÇÃO NO SÉCULO X:

— Aos romanos?
— Aos mouros?
— Aos alemães?

4 — QUAL DÊSTES PINTORES O QUE PERTENCE À ESCOLA POST-IMPRESSIONISTA:

— Picasso?
— Pedro Américo?
— Dakir Parreiras?

5 — PORQUE SE TORNOU FAMOSA A FIGURA BIBLICA DE JÓ:

— Por suas riquezas?
— Por suas vitórias na guerra?
— Por sua paciência?

6 — QUAL O ESCRITOR BRASILEIRO QUE ESCREVEU O ROMANCE «CANAAN»:

— José de Alencar?
— Graça Aranha?
— Machado de Assis?

7 — DE QUE EMINENTE BRASILEIRO FOI BÊRÇO A CIDADE DE CAMPINAS, ESTADO DE S. PAULO:

— Joaquim Nabuco?
— Santos Dumont?
— Carlos Gomes?

8 — PORQUE SE DÁ O NOME DE VACA JERSEY A UMA RAÇA DE GADO LEITEIRO:

— Por se originar da ilha de Jersey?
— Corrutela de **Je sais?**
— Por ter sido John W. Jersey o seu criador?

9 — NA BABILÔNIA SE USAVA A ESCRITA:

— Hieroglifica?
— Cuneiforme?
— Hebráica?

10 — QUAL DESTAS DESCOBERTAS SE DEU EM 1895:

— O aeroplano?
— O vidro?
— Os raios X?

11 — QUANTAS SÃOS AS CÔRES PRIMARIAS:

— Cinco?
— Três?
— Quatro?

12 — QUAL DÊSTES PAÍSES O QUE MAIS EXPORTA ALGODÃO:

— Brasil?
— Egito?
— Estados Unidos?

13 — QUANTOS QUILÔMETROS TEM A TERRA DE CIRCUNFERÊNCIA:

— 40 mil?
— 55 mil?
— 62 mil?

14 — DE QUEM É A ÓPERA «IL TROVATORE»:

— Carlos Gomes?
— Gounod?
— Verdi?

15 — QUAL O ARTIGO DE MAIOR EXPORTAÇÃO DO CANADÁ:

— Papel de imprensa?
— Trigo?
— Vinhos?

(Respostas na pág. 46)

MARAVILHOSA . . .

(Cont. da pág. 38)

solicitar, percebendo o disparate de sua pergunta. E desconcertado: Me desculpe, me desculpe.

O outro, refazendo-se rápido do mal-entendido, o perdoou com um sorriso compassivo. Procurando ativamente mudar de conversa, Luciano observou:

— Hoje andamos muito e eu notei que não vimos nenhum mendigo...

— Ora! Ainda mais esta! — interrompeu Domingos, dando um murro na própria perna. — Era só o que faltava! Mendigos nas ruas da nossa cidade! Mas, de que mundo vem o senhor?!

Luciano não se lembrava mais de onde viera; perdera a memória, à vista de tantas maravilhas.

— Mendigos! O senhor me espanta, cavalheiro. Perdão pelo meu gesto, mas a sua pergunta foi tão... tão...

— ...absurda...

— Não! Não, senhor. Foi tão... inesperada e fora do comum que, confesso, me espantou um bocado. Me desculpe, mas numa sociedade como a nossa, em que os ricos não pensam apenas em acumular riqueza para esbanjá-la na orgia e no jôgo, não pode haver mendigos. Uma parte é distribuida...

— Ah! sim...

— Se acaso aparece algum na rua, — isto é rarissimo — a policia se encarrega de encaminhá-lo ao lugar competente.

— Sim, e a Policia daqui bate muito nos presos e no povo?

Domingos pulou do banco.

— Quê?!... Mas de que espécie de mundo é o senhor?! Bater?! Mas o senhor usa uns têrmos, meu amigo, que, francamente!... Mas me desculpe a observação — rematou, pondo camaradescamente a mão no ombro do hóspede, sentando-se de novo. — Aqui, meu amigo, não se pratica violência.

— Seu Domingos, felicito-o: a sua terra é um encanto.

O nativo inclinou-se num agradecimento sincero.

Ia-se fazendo tarde rareavam os transeuntes. Alguns passavam apressados, dirigindo-se naturalmente para casa. Domingos se calara, meditativo, um sorriso de bonhomia dançava-lhe nos lábios finos e rosados. Depois, observou pausadamente:

— Pelas perguntas que faz, parece que o senhor vive numa terra onde um Homem que andou pregando o bem e distribuindo justiça não passou. Um Homem que disse, além de outras coisas: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei". Nunca ouviu falar de Cristo?

— Cristo? Na minha terra se fala muito nêle.

— Hum! Mas só dos dentes para fora, já percebi.

Vendo um soldado, Luciano inquiriu:

— O efetivo das Fôrças Armadas é grande?

— Não, e o diminuimos anualmente.

— E quando a guerra vier, como será?

— Guerra!? — repetiu com um asco que fêz Luciano arrepender-se da pergunta.

Como já tinha interrogado, insistiu:

— Sim, uma guerra, uma revolução. Não fazem revolução?

— Fazemos, sim.

"Ah" — conjecturou o outro — "uma falha! Pelo menos, uma"! E com avidez:

— E morre muita gente?

— Como?! Morrer muita gente?! Mas de que revolução está o senhor falando?! Ah, compreendo: é dessas lutas fratricidas que alguns livros narram com incompreensivel orgulho e cuja leitura desaconselhamos aos nossos jovens. Ora!

— E qual é a outra revolução?

— A cientifica, a transformação nos nossos costumes e ideais para melhor, quando necessário. Temos um corpo de sábios...

— Nem quando o presidente da República, interferindo na sua sucessão, impõe um candidato?

— Impõe um candidato?! — ecdou Domingos, apoplético, arregalando os olhos. — Mas o senhor está louco! Nem sequer indicar! Meu amigo, eu já lhe afirmei que o nosso regime é uma democracia! — rematou ofendido.

— Ahn — grunhiu Luciano desajeitado.

— Mas, como eu ia dizendo, temos um corpo de sábios que, às expensas do govêrno, realiza tôda espécie de experiências para descobrir meios de diminuir o sofrimento humano e aumentar o confôrto e a comodidade. De quando em onde, um consegue arrancar da natureza mais um de seus segredos em proveito do próximo. E' dessa revolução que falo. Só fazemos revoluções no terreno das idéias.

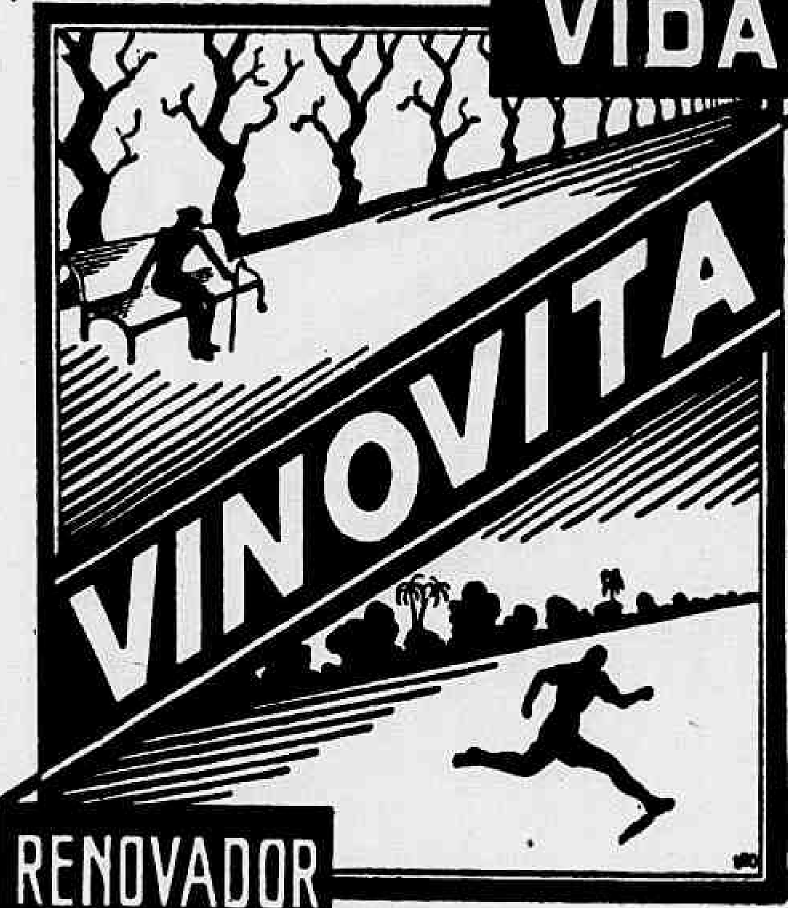
— Hum! eu pensei que fizessem também para derribar o Govêrno.

— Derribar o Govêrno! — balançou Domingos tristemente a cabeça. — Derribar o Govêrno!... Se o senhor soubesse o trabalho que nos dá encontrar quem nos dirija...

— Como assim?!

— E' a modéstia! — exclamou alto, como se despertando repentino. — A modéstia excessiva do nosso povo, dos nossos homens públicos. Ninguém

(Cont. na pág. 46)





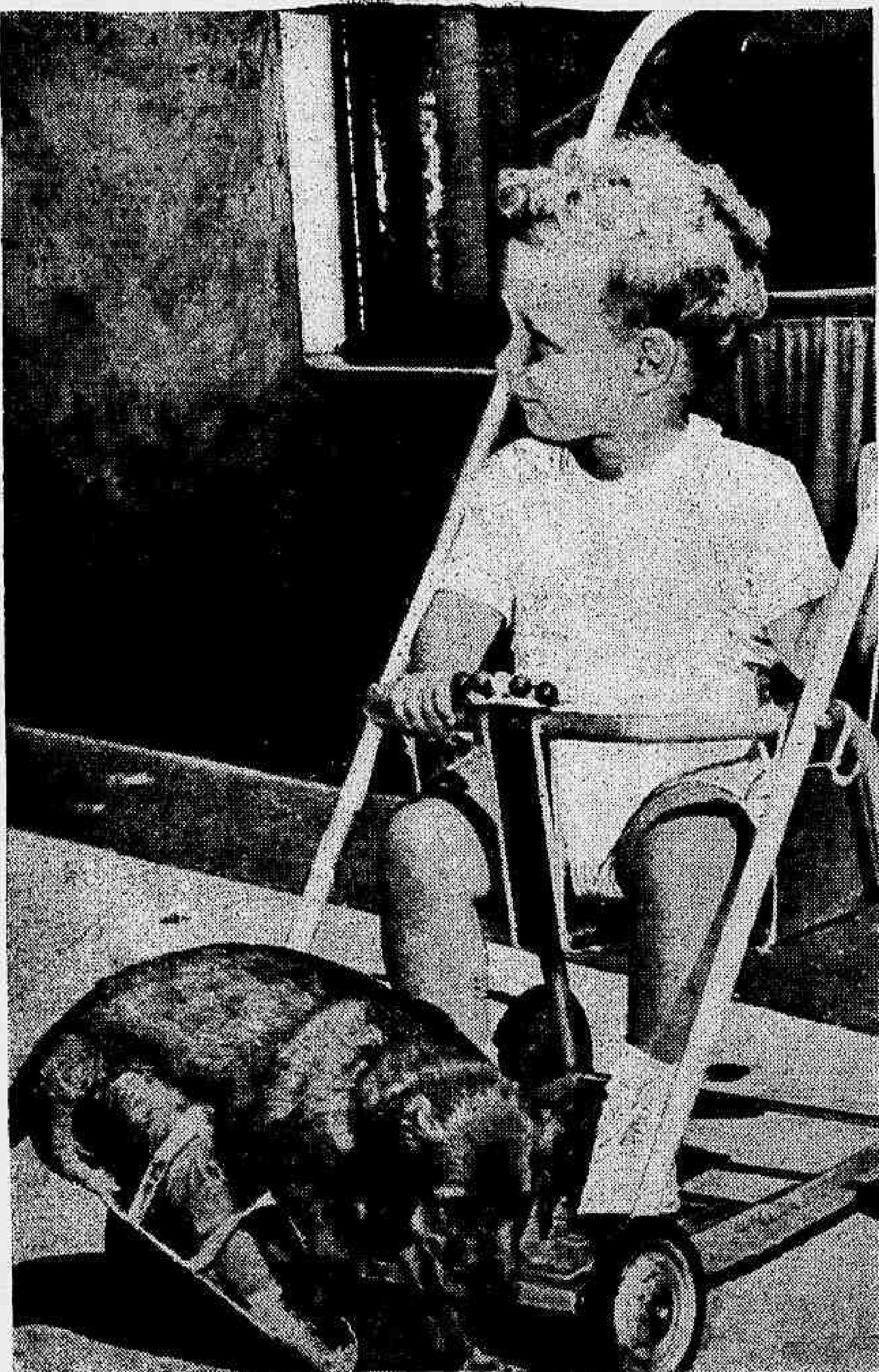
BARRETO PINTO NO LARGO DA CARIOCA

PASSANDO MANTEIGA NO POVO

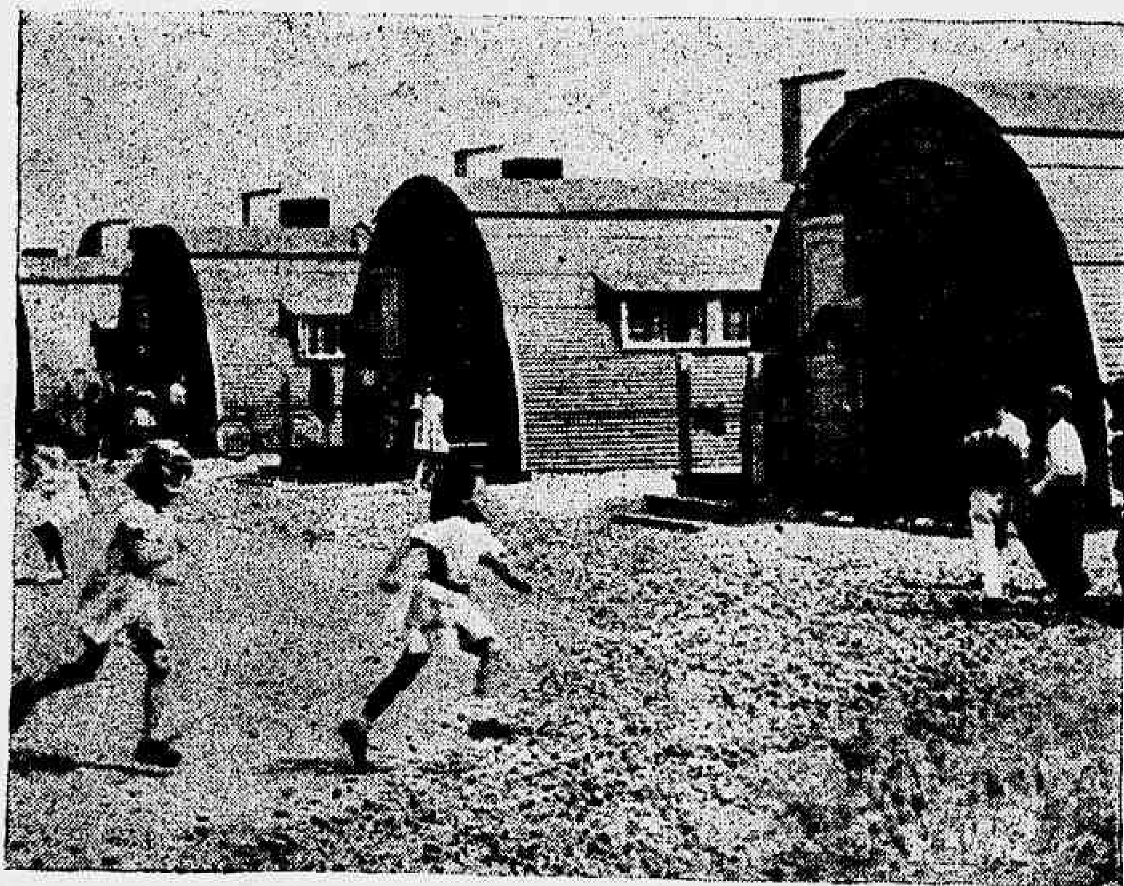
O Rio é uma cidade feliz, mesmo sob as mais tristes contingências. Privam-no da carne, êle come peixe enquanto há. Ou vai pescar na Barra da Tijuca. Cortam-lhe a luz elétrica, êle aproveita a escuridão e namora, namora que nunca mais acaba. Não tem pão, nem água, nem manteiga — e ri. Ri de tudo, de todos. E' sempre quem leva a melhor porque ri por último, embora os outros tratem de explorá-lo. E como exploram! Bem, mas com a manteiga foi diferente. Em dia da semana atrasada, o senhor Barreto Pinto subiu num caminhão depois de encher (o caminhão) de latinhas de manteiga (ou margarina?) e tocou para o Largo da Carioca. Parecia comício, mas não era. Depois o senhor Barreto Pinto começou a vender a margarina (ou manteiga?) a quarenta cruzeiros o quilo e acabou distribuindo de graça. Quando jogava as últimas latinhas ao povaréu, uma foi cair em cheio no cocoruto de uma senhora que passava sem nenhum interêsse pela distribuição. No dia seguinte os jornais perguntaram se o senhor Barreto Pinto estava munido de licença da Prefeitura para vendedor ambulante. Não estava, mas horas depois procurava a Prefeitura disposto a pagar o montante da licença. E vai distribuir café, leite, apartamentos, entradas do Glória e cadeiras parlamentares. Quanto à manteiga, acabou. A margarina, também. A propósito, sabem o que a manteiga de verdade disse à margarina do senhor Barreto Pinto?

— Por que não vais para o Ribeirão?





ÊSTE CÃOZINHO estava em Hyde Park a ganir dolorosamente, como que a pedir compaixão aos transeuntes. O pequeno Steve Gundel, de dois anos de idade, passando pelo local, viu o pobre cãozinho e se apiedou dêle, levando-o para sua casa. Os pais de Gundel receberam festivamente o animalzinho e, verificando que o mesmo estava com uma perna fraturada, mandaram chamar um veterinário, providenciando-se a cura do cão, que foi batizado com o nome de Mike. O menino faz seus passeios numa cadeira-carrinho, e sempre leva seu amigo para tomar ares frescos no Parque. Por sua vez Mike se compenetrou de sua função e monta guarda à casa de Gundel, latindo a estranhos.



ESTAMOS DIANTE DE UM CONTRASTE DA VIDA: na localidade norte-americana de Hanford, nos Estados Unidos, onde se erguem instalações para a captação da energia nuclear, brincam crianças filhos dos trabalhadores e físicos em coisas atômicas. Lá por dentro dos laboratórios os homens descobrem novas energias que tanto poderão servir para ajudar a viver como para destruir como armas de guerra, enquanto cá fora crianças brincam em seus folguedos de inocência, indiferentes à marcha vertiginosa do mundo moderno tão cheio de complicações. Que as crianças de North Richland, no Estado de Washington, sejam as continuadoras da ciência de seus pais em prol da vida

TUDO ISTO

Lábias de mulher



SEBASTIÃO Teixeira de Sousa é motorista de praça na capital do Estado do Ceará. Um belo dia de novembro último, estava êle no seu pôsto, quando se acerca uma senhora muito bem parecida que lhe falou sôbre a possibilidade de êle fazer uma viagem de Fortaleza ao Rio, no seu carro. Sebastião calculou as coisas à ponta de lápis e fechou negócio por dez mil cruzeiros. A viagem seria iniciada a oito de novembro. Tudo preparado, a senhora meteu sua bagagem no carro e Sebastião meteu o pé no acelerador, que a viagem não era de brincadeira. Para não cansar muito, contratou os serviços de um amigo, que tomaria conta do volante, quando êle precisasse descansar Dona Francisca Lopes de Sousa, de 25 anos, casada, residente em Fortaleza, vinha contentíssima no carro, conversando jovialmente com os choferes, oferecendo-lhes café e alimentos, correndo tudo por sua conta. Os condutores estavam encantados com o espírito comunicativo da conterrânea que, logo depois de chegar ao Rio, pagaria os dez mil cruzeiros, pois seu espôso era funcionário do Departamento Federal de Estradas de Rodagem e a esperava. A viagem, como não podia deixar de ser, era fatigante. Mas tudo ia muito bem em virtude da palestra da passageira, mulher inteligente, de grande beleza de caráter, de compostura impecável. Enfim, lá para o dia 14, chegaram à Capital Federal. E aí foi que a situação encrencou. A passageira declarou ao Sebastião Teixeira que não podia pagar simplesmente porque não tinha o dinheiro! E o marido? Êste não estava no Rio. O motorista deu queixa às autoridades; mas... que poderá fazer? Registrar e desejar boa-viagem de volta e mais experiência.

Médicos



O transporte mais comum lá pelo norte do país onde não há estradas de ferro nem rios navegáveis, é o caminhão a atravessar sertões inóspitos em estradas que mais parecem caminhos de cobra. E, quase sempre, os caminhões trafegam cheios de gente. Ir de uma cidade a outra para fazer negócios, visitas, ou mudar-se com armas e bagagens, é comum lá no interior do Piauí, Maranhão, Ceará, etc. O caminhão é "uma mão na roda". Andam cheios de gente e de tarecos. Um dêsses veículos atravessava a cidade de S. Raimundo Nonato, sul do Piauí, quando virou com tôda a sua carga de gêneros e de gente. Do acidente resultou esta dolorosa estatística: três mortos e dezenove feridos, sendo seis em grave estado. Que fazer? S. Raimundo Nonato não possui hospital, nem há médico morando no local. Não há estradas de ferro, nem de rodagem. Os feridos se amontoaram sem recursos de espécie alguma. O clamor público foi tremendo. O bispo D. Inocêncio Lopez Santamaria dirigiu patético apêlo à Cruz Vermelha Brasileira, a fim de conseguir socorro médico para os acidentados. O presidente da mesma instituição, senador Vivaldo Lima Filho, tomou medidas junto ao Ministro da Aeronáutica, no sentido de obter-se um avião da FAB que levaria médicos e medicamentos para tratar dos feridos que ainda estivessem vivos. A cidade onde ocorreu o desastre possui um campo de aviação; mas não possui médico, nem hospital. Não seria tempo de o Govêrno do Piauí tratar de resolver êsse problema, instalando ali um pôsto de Saúde com um médico e enfermeiras? Acidentes há a todo momento. E S. Raimundo Nonato não pode ficar eternamente desprevenido.

Belo exemplo



NÃO se pode negar que a vida não está sopa. Nem aqui no Distrito Federal, nem no Rio Grande do Norte. Por êsse motivo, nada mais justo do que os deputados à Assembléia Estadual de Natal, fazerem fôrça para aumentar em mais três mil cruzeiros mensais os seus subsídios. Êles ganham seis mil, e querem ir aos nove mil. Mas o Governador não apoiou a parada, e interveio junto da bancada do seu partido, o PSD, a fim de que o projeto não passasse. A autoria do mesmo partiu de um representante do PR, Sr. Jáder Torquato, o qual contava com grandes simpatias, pois não há quem não goste de ganhar nove contos de réis mensais, em lugar de seis Mas a intervenção do Sr. Sílvio Pedrosa, Governador do Estado, produziu resfriamento na temperatura dos mais entusiastas e a coisa teve que ir perdendo aquela intensidade inicial. Por sua vez, a bancada udenista não apoiou a propositura legislativa, e se enfileirou ao lado dos que não estavam achando boa a lembrança de mais esta sangria nos já tão debilitados recursos do Tesouro estadual. E sucedeu êste fenômeno: o projeto foi rejeitado por 18 votos contra 9! Mas também se registrou êste outro fenômeno: o próprio partido do governador, — o PSD — que disciplinarmente deveria votar contra, por unânimidade, contou com sete votos a favor do aumento, causando estranheza geral. Seja lá como fôr, o caso é que no Rio Grande do Norte os deputados estão mais coerentes com a situação de angústia do erário público do que os colegas de muitos outros Estados, que têm tido aumentos bem sensíveis. A Assembléia Estadual do Rio Grande do Norte merece parabéns

ACONTECEU

As galinhas de D. Laura



DONA Laura, como tôda senhora que procura atenuar as dificuldades da vida, cria umas galinhas em seu quintal lá em Nova Iguaçu. Viver sòmente do negócio de sua tendinha não dá nem para pagar os impostos. As galinhas de seu quintal são amigas, e lhe vão deixando ovos fresquinhos e bonitos, em recompensa do bom tratamento que a dona lhes dá, com a devida assistência do senhor Galo, o chefe do terreiro. Mas, um dia, notou Dona Laura que as galinhas estavam desaparecendo. Pensando que houvessem voado para outros quintais, cortou-lhes as asas. Qual nada! As galinhas, mesmo assim de asas "a la garçonne" continuavam a desaperecer misteriosamente. Então a proprietária não teve dúvidas: ladrões. E ficou de atalaia uma noite, oculta por detrás de uma árvore. A certo momento, viu que dois homens, com grande habilidade, seduziam as "penosas" nas barbas do galo que, como hipnotizado, não lavrava o menor protesto. Dona Laura reconheceu os gatunos como sendo empregados de um deputado estadual. Mas, ao invés de ir ao mesmo legislador e narrar-lhe a história, provando a suspeição, começou a murmurar que os empregados do deputado Manhães estavam furtando suas galinhas. Lugar pequeno é o diabo. Em poucas horas a notícia se espalhou. O deputado, faiscando de raiva, foi à tendinha de Dona Laura e estrilou, ameaçando-a de morte se continuasse a espalhar histórias envolvendo seu nome. Dona Laura ficou a tremer diante do político. Deu queixa à delegacia local, mas o caso foi apenas registrado, uma vez que o deputado pode invadir sua tendinha, puxar revólver, ameaçá-la de morte, porque, para processá-lo é preciso licença da Assembléia.

O milagre

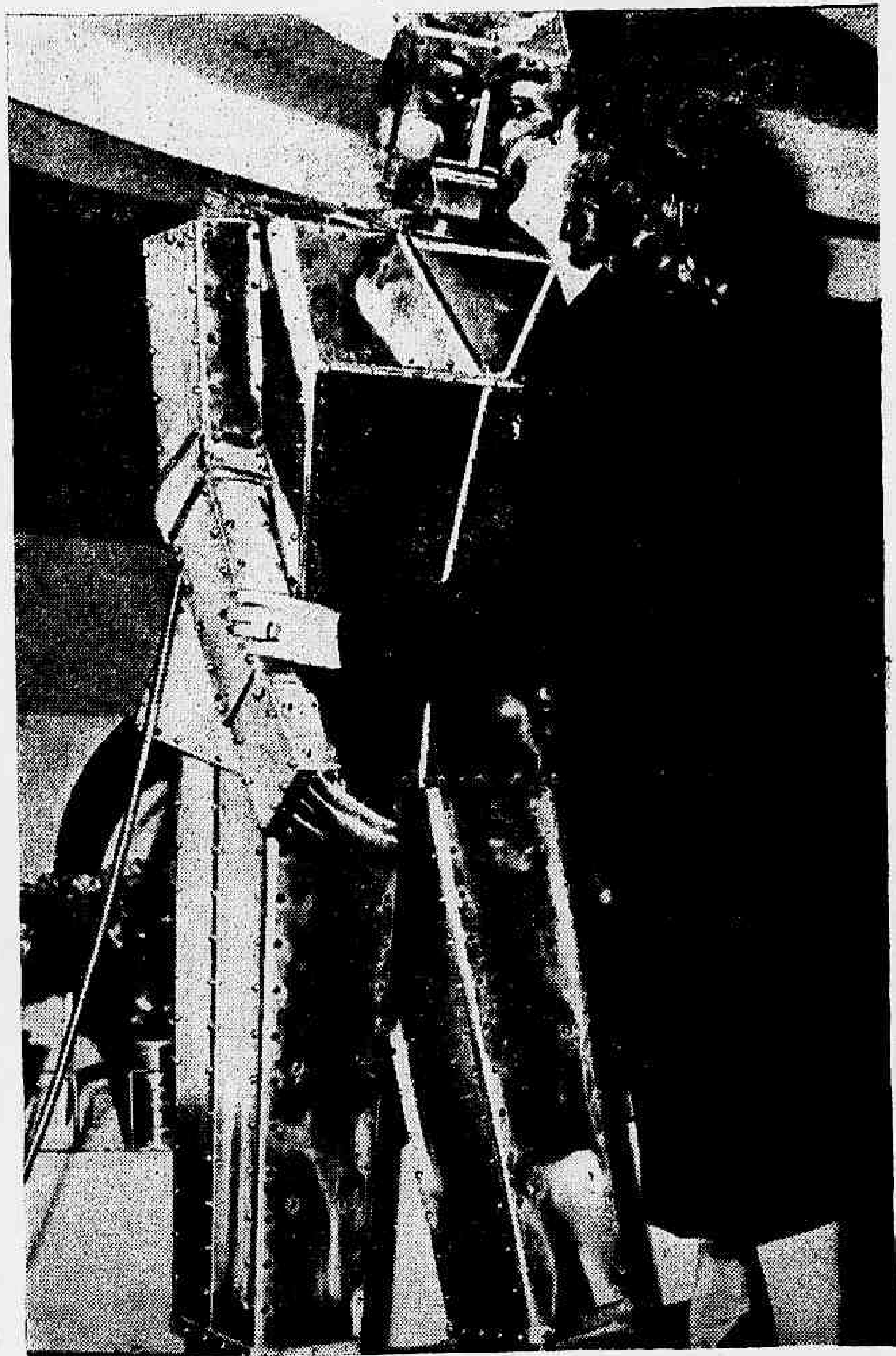


JAIME Raimundo Mor, tendo lido nos Santos Evangelhos que o Senhor havia feito o milagre dos pães e dos peixes, teve uma idéia genial: para acabar com a crise de manteiga, êle iria também fazer outro milagre: de uma lata de dez quilos, produziria cem quilos; com cem latas, teria mil, e assim por diante, resolvendo-se dentro de pouco tempo a falta cada vez maior dêsse alimento de primeira necessidade. E Raimundo Mor, chamando outros amigos de confiança, os companheiros Elizio Albuquerque e Antônio Pereira dos Santos, organizou o plano de salvação pública: com uma lata de manteiga de dez quilos e alguns ditos de banha, "fabricou" cem quilos de manteiga. O lucro seria animador, e, dentro em breve, estariam ricos. A fabricação dêsse "milagre" cabia ao Mor, que era mesmo uma espécie de Capitão-Mor dos acólitos acima citados. Êstes ficavam incumbidos de colocar o produto. E saíram à praça, lá em Niterói. Muitos comerciantes não fizeram questão de pagar bom preço pelo artigo, que teve saída vertiginosa. Mais tarde, outro suprimento, e os três mosqueteiros da falcatrua a encher-se. Mas sucedeu esta coisa muito natural, sôbre o que os espertalhões nem sequer pensaram: as donas de casa conhecem manteiga até debaixo d'água. E uma delas foi à Padaria "Flor de Santana" e reclamou. A casa estava inocente, mas deu queixa e o delegado Alexandre Palmeira iniciou imediatas diligências, surpreendendo a "fábrica" em funcionamento. As relações comerciais já estavam muito amplas, e foram apreendidas 13 latas, havendo prejuízos no valor de 50 mil cruzeiros. Os gananciosos foram presos e já estão convencidos de que banha na manteiga dá cadeia!

Regozijo em Belo Horizonte



CHUVAS na capital mineira! Chuva grossa, intensa, capaz de melhorar a situação angustiosa daquele povo, que também sofre as torturas da falta d'água. Dizem os telegramas que, quando o pé d'água caiu sôbre a cidade, a população saiu às ruas em grandes demonstrações de alegria e a agradecer a Deus o favor que lhes mandava lá dos céus. Não há dúvida que é mesmo de agradecer ao Criador um presente dêsses para cidades grandes que estão ameaçadas de paralização total da vida por falta de chuvas. Voltamos, assim, aos velhos tempos bíblicos, quando os povos manifestavam ao Senhor os seus agradecimentos pela terminação de pragas, de sêcas e excessos de chuvas. O que sucedeu em Belo Horizonte deverá acontecer também aqui no Rio, quando as chuvas chegarem. O carioca está passando pelos mais cruciais sofrimentos em matéria de falta de chuvas. O racionamento da fôrça e da luz, é coisa mais ou menos trágica. Há edifícios de 12, 15 e 22 andares sem elevador a funcionar, sem água e sem luz. Os inquilinos que moram nos últimos pavimentos, têm que subir degrau a degrau, no pèzinho já cansado de bater asfalto. Como a água é elevada aos depósitos através da fôrça das bombas no térreo, também não pode haver água porque não há eletricidade para movimentar a bomba. Também não há luz. Se isso não é mesmo inferno, nada mais poderá assemelhar-se à casa do diabo. Por isso, quando houver a notícia de que está chovendo em Ribeirão das Lajes ou aqui mesmo no Rio, o povo vai sair às ruas e dar graças a Deus pelo milagre, como se verificou com os belorizontinos a 21 de novembro de 1951.



O HOMEM MECÂNICO de Paris foi exposto à curiosidade pública, na capital da França, quando se inaugurou o 38º Salão Internacional de Automóveis. O Homem Mecânico, invenção de um engenheiro belga de grande poder criador, pode andar, ouvir, falar, responder a perguntas, mover os olhos e as pálpebras, estender a mão para um amável apêrto da dita, inclinar-se gentilmente diante das senhoras e outras prerrogativas muito próprias dos indivíduos civilizados e de carne e osso. Uma senhora, a que está diante dêle, não podendo deter sua explosão de entusiasmo, não se limitou a por à prova tudo aquilo e lhe apôs com tôda a meiguice um ameno beijo na face.



UM AVIÃO NA CINELÂNDIA? Sim, mas não em conseqüência de qualquer desastre. Não caiu — foi colocado ali, no ponto mais central da cidade, para homenagear a destemida patrícia Ada Rogato. Trata-se de um minúsculo aparelho de 90 H.P., em o qual a aviadora solitária contornou as três Américas. Nada menos de vinte e oito países foram visitados nesse bem sucedido vôo, em 316 horas, num total de 51.064 quilômetros. No mesmo local onde, anos atrás, foi exposta a famosa jangada dos heróicos nordestinos, ficou agora o elegante PT-ADV, exposto à curiosidade pública, exibindo dezenas de autógrafos inscritos na parte exterior e pronto para repetir a façanha a qualquer instante. Mas não haverá recepção: o «bicho» vai ser recolhido a um museu

MONOPÓLIO NEGRO...

A CENTENÁRIA instituição de caridade vem atravessando uma fase nova na sua vida: a da concorrência comercial. Pelos bancos da Santa Casa desfilaram já milhões de criaturas humildes que ali recebem medicamentos. Mas só por isso a concessão deve ser mantida para o futuro?

A CONCESSÃO DOS MORTOS

A BATALHA ATUAL DA SANTA CASA ★ ENQUANTO SE ENALTECE A INCONTESTÁVEL BENEMERÊNCIA DOS SEUS SERVIÇOS, AVENTA-SE UMA QUESTÃO DE DIREITO ★ A COMPETIÇÃO DAS SEPULTURAS E A ESPECULAÇÃO DOS PRÊÇOS DOS CAIXÕES

Texto de JOSÉ ASMAR

NESTES últimos dias, as páginas dos jornais se encheram de matéria sôbre a Santa Casa de Misericórdia. Algumas, pagas. Outras, mais raras, espontâneas. Mas, tôdas, girando em tôrno de um só motivo: o monopólio dos serviços funerários para os cemitérios de São João Batista e de São Francisco Xavier. Pela grita, percebeu-se claramente que se trata de um bom negócio. Um bom negócio, sim, numa cidade em que relativamente morre mais gente sã do que enfêrma, numa capital onde a própria vida já está aí pela hora da morte. E, como expirou o prazo de cinqüenta anos para a exploração dos serviços, por aquela instituição, não são poucos os homens de dinheiro interessados em achar, assim, a "chance" para deter o açambarcamento.

Porém muita coisa se estava confundindo. E não era só. Confundia-se e confundia o povo, distraído na caça da manteiga, na busca da carne, no cuidado de não incorrer na pena de viver no escuro. Qualquer, portanto, que fôsse o desfecho — se favorável aos grupos, a particulares ou à Santa Casa — seriam evidentes os protestos de praxe. Para evitar um julgamento de afogadilho, a Prefeitura acabou adiando tudo para daqui a alguns meses.

AS RAZÕES DA SANTA CASA

O ponto vulnerável está na perda que a Santa Casa teria da renda proveniente dos enterros nos dois maiores cemitérios do Rio. E' com êsse fundo que, essencialmente, mantém os serviços de assistência hospitalar. E, para se ter uma idéia do vulto, basta saber-se que, no São João Batista, de 1950-1951, se fizeram 168 sepultamentos em sarcófagos perpétuos, 3 em carneiros de Irmãs de Caridade, 1.046 em carneiros de adultos, 13 em carneiros de menores, 1.432 rasas de adultos, 889 rasas de menores, 398 catacumbas de adultos, 11 idem de menores — num total de 3.960. No de São Francisco o total ascendeu a 13.144. E, nessa altura, vale a pena lembrar que o preço dos caixões vai de Cr$ 27,00 até a respeitáveis milhares de cruzeiros, dependendo, é claro, da pompa dos funerais.

O ministro Lafayette de Andrada, atual provedor, na ausência do sr. Ary de Almeida e Silva, chega a dizer:

— Se perdermos a renovação do monopólio dêsses serviços, seremos obrigados a reduzir os dois mil e tantos leitos para uns novecentos.

Em conversa com os principais elementos incumbidos do trabalho funerário da Santa Casa, o repórter registrou uma observação que o público deve estimar: que essa absurda e desregrada especulação que há em tôrno dos caixões, pela cidade, não decorre da base dos preços vigentes, pela sua tabela. Os excessos correm por conta dos que, no transe doloroso de mandar para a necrópole os despojos dos seus entes queridos, acabam entrando pela porta de uma dessas emprêsas intermediárias que se "encarregam" até dos atestados de óbito! O jornalista já andou por algumas delas, simulando-se candidato aos seus préstimos, e acabou espantado com a disparidade de preços e as modalidades com que convertem a morte numa rendosa indústria, com seus respeitáveis e convenientemente verbosos agentes, que o vulgo consagra como os "papa-defuntos".

UMA HISTÓRIA PELOS CORREDORES...

A tradição! Eis muita coisa para a Santa Casa persistir na disputa do monopólio do serviço funerário. Pelos seus corredores, onde fisionomias beneméritas estão perpetuadas em telas acadêmicas, escorrem fios dourados da sua história. Chegam a formar auréola, mesmo nesta ocasião em que o caso já tomou quase inteiramente o aspecto comercial. E não se desperdiça, agora, tôda a bagagem de feitos gloriosos, como para justificar o dever de deixarem-na continuar usufruindo dos benefícios do monopólio. Como passagens de relêvo sugerem logo a citação de duas: a época em que grassou o surto da "espanhola", a gripe que transformou a própria cidade num hos-

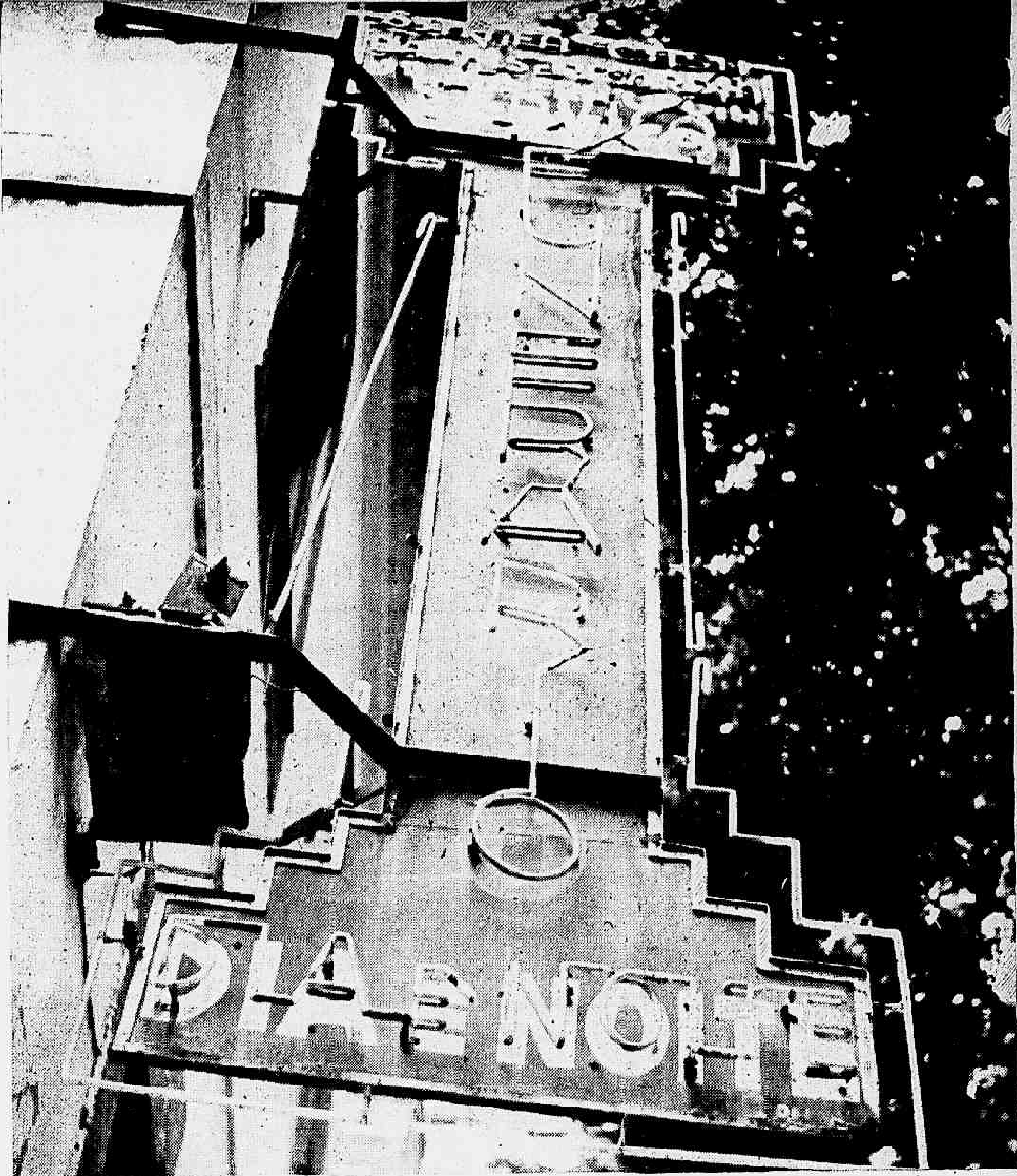
ital. A Santa Casa lutou para atender às ítimas. Recolhia-as estiradas na calçada a velha e ensombrada rua Santa Luzia. é o ministro Lafayette de Andrada quem la da outra:

— Não está fora de propósito rememoar agora, quando passou o centenário da rupção da febre amarela, o destacado apel que coube à Santa Casa realizar, acohendo as primeiras vítimas e tratando-as n enfermaria adequada, logo estabelecida, cargo do dr. Roberto Lalemand, um dos randes clínicos estrangeiros que serviam o Hospital Geral. Essa lembrança é um estado, entre tantos outros, dos notórios reconhecidos préstimos do nosso maior osocômio, sempre em lugar de eleição os momentos de angústias da população ndigente a que se destina a atender, com nanifesta solicitude, cooperando assim com s Poderes Públicos.

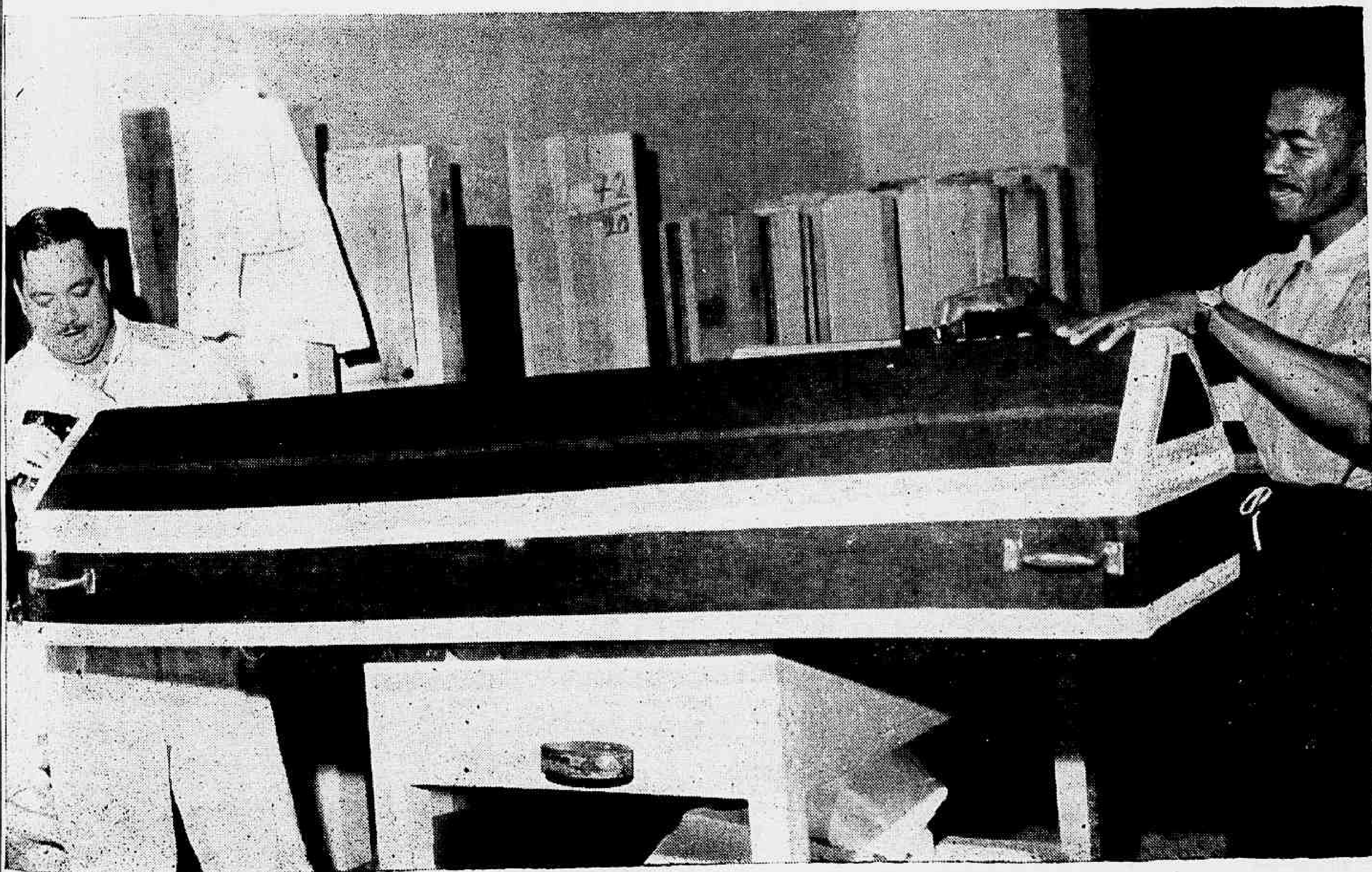
O IMPLACAVEL LADO JURIDICO

No início se disse que muita coisa se onfundiu nesta questão. Daí a pletora de ivulgações que se fazem, dando a impressão de que mais gente do que se calula está ameaçando a tradição açambarcadora. Esclarecendo êsse ponto, o sr. ovina Cavalcanti fala à REVISTA DA EMANA:

— A Santa Casa de Misericórdia gozava privilégio dos serviços funerários e enerramento no Distrito Federal, inclusive administração dos principais cemitérios a cidade. O prazo dessa concessão enerrava-se a 19 de outubro p. findo, razão ela qual o prefeito designou uma Comisão, presidida pelo douto Procurador Barbosa Lima Sobrinho, para estudar a posibilidade de renovar o contrato ou suerir as providências de direito. Essa ilusre Comissão opinou favoràvelmente à renovação da concessão, mediante algumas lterações contratuais, sem dispor sôbre fixação tarifária, que seria assunto para osterior deliberação, quando a Santa Casa á estivesse investida nos poderes do novo nonopólio. Divergiu dessa conclusão o dr. Guilherme Romano, que fazia parte da Comissão, pelo que determinou o Prefeito a udiência da Consultoria Jurídica. O processo me foi, então, distribuído e sôbre o nesmo emiti parecer contrário à renovação do contrato, sem preenchimento da exigência legal da concorrência pública. Não



DIA E NOITE... noite e dia, o serviço funerário está em funcionamento, preparando o envio de corpos ao Campo Santo. Não pode haver pausa no serviço. Os letreiros luminosos são cada dia mais vistosos!



QUASE PRONTO para acolher o corpo, o caixão negro vai sair como encomenda. Muitos são feitos sob medida, mas sempre existem outros de «obra feita». Os preços variam de acôrdo com a classe do sepultamento. Rico vai para o mesmo lugar, no outro mundo. O entêrro, porém, difere.

discuti a benemerência da Santa Casa. Apreciei, apenas, o assunto do ponto de vista jurídico. Nesse plano, a Lei Orgânica do Distrito Federal é decisiva. O ilustre colega dr. Barbosa Lima Sobrinho contornou o problema, preferindo sobrepor ao texto da lei, de clareza meridiana, a doutrina que atribui a certas entidades excepcionais, como é, sem dúvida, a Santa Casa, a qualidade de "pessoa moral" privilegiada.

E acentua:

— Está-se fazendo muito ruído sôbre o assunto, quando, na verdade, a questão é simplicíssima. Cumpra-se a lei e a Santa Casa ganhará a concorrência, porque a sua secular experiência e o seu piedoso desinterêsse afastarão os mais ousados competidores. O que não se justifica é que, dispondo a Lei Orgânica *"que as obras e serviços da Prefeitura, que não forem executados pela própria administração, serão contratados por concorrência"* (*art.* 44), dê a Prefeitura à Santa Casa o monopólio em aprêço, só porque se trata de uma instituição de caridade. Meu parecer não considerou os méritos da entidade; limitou-se a examinar a questão do ângulo jurídico. Se eu fôsse o panegirista da instituição, escreveria um poema.

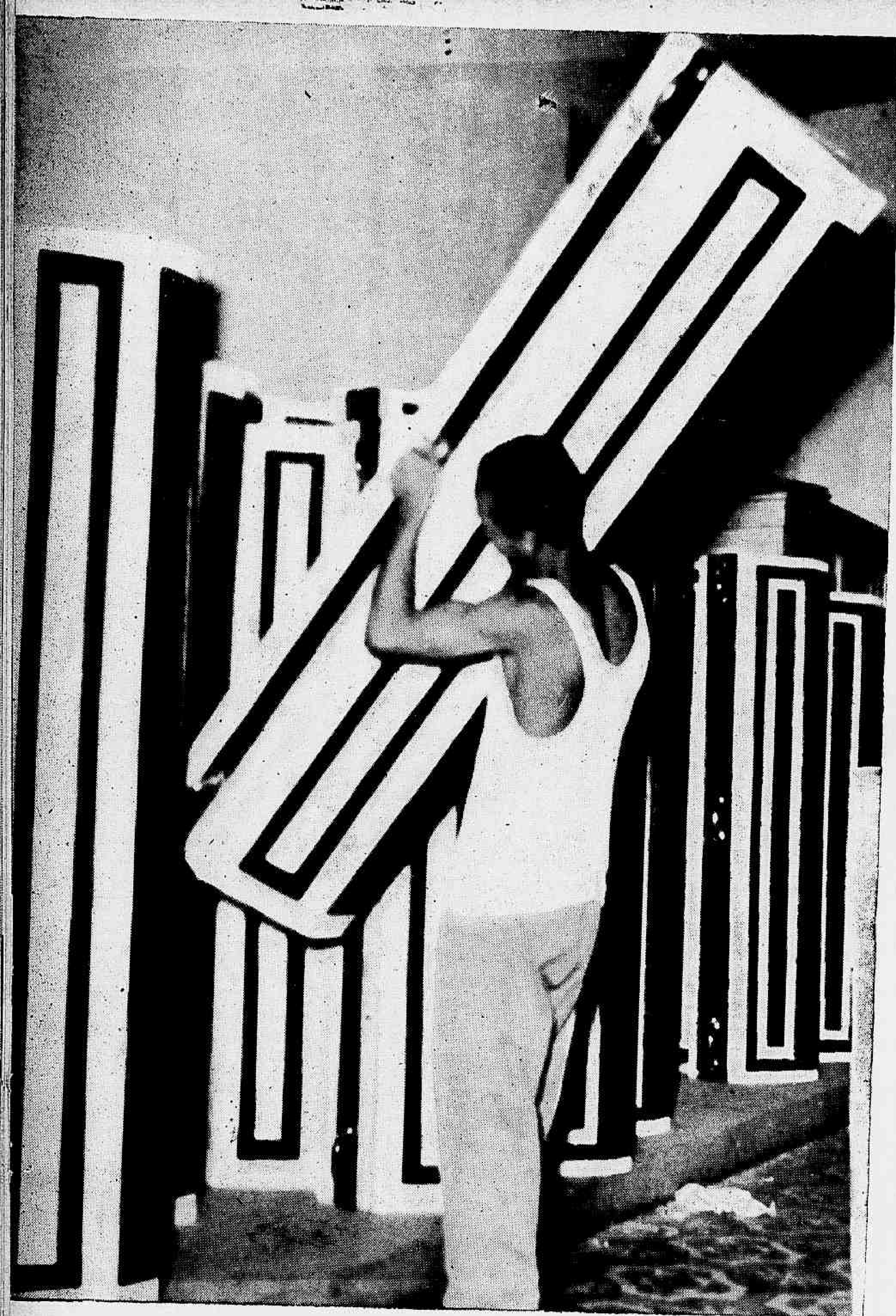
Mas o sr. Povina Cavalcanti faz uma revelação que explica o grau a que chegou, nos bastidores, o caso:

— Estranho, todavia, que, num assunto verdadeiramente desinteressado, esteja eu a receber montões de publicações ineditoriais, règiamente pagas, dentro de envelopes e por mensageiros da própria Santa Casa!

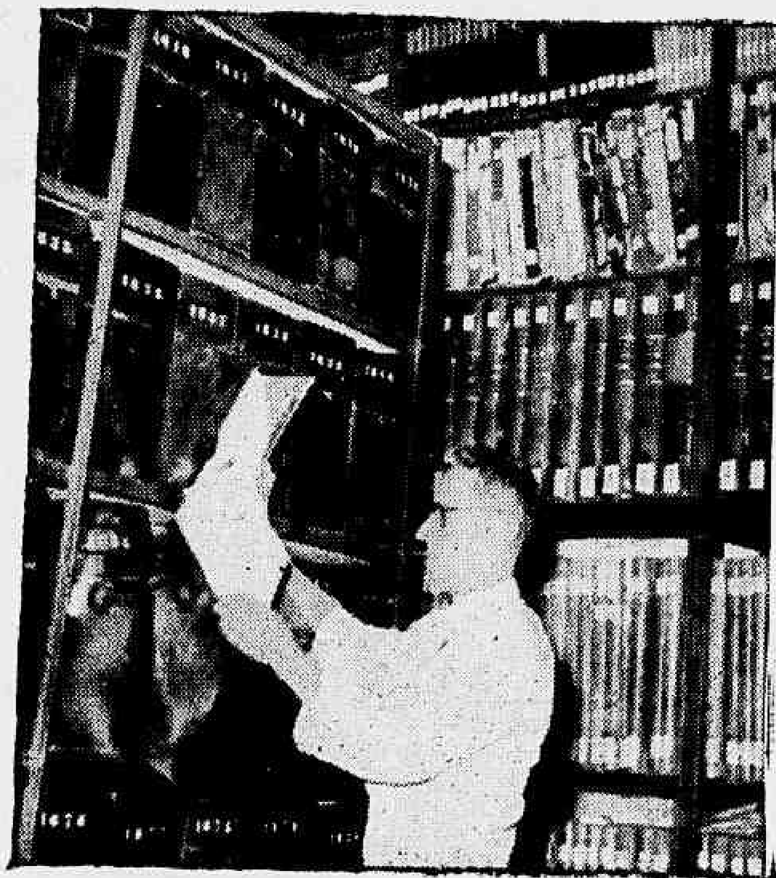
ESTE OUTRO CANHONEIO...

Essa parada está significando, para a Santa Casa, um passo decisivo para o seu futuro. Mas tudo indica que ela não a perderá e, assim, poderá ir mantendo os seus asilos, hospícios, ambulatórios, fundações filantrópicas e, sobretudo, as suas dependências hospitalares. Entretanto, não deixa de equiparar esta luta como um canhoneio, como aquêle da revolta da Armada, no Govêrno de Floriano, que deixou sobrar alguns estilhaços no seu telhado, os quais foram coletados e postos numa urna, que hoje se encontra no gabinete do provedor, com êstes dizeres em placa de ouro: "Ao Exmo. Sr. Conselheiro Paulino José Gomes de Souza, digníssimo provedor da Santa Casa de Misericórdia, oferecem neste cofre os empregados da instituição alguns dos inúmeros projétis bélicos, que caíram no edifício do Hospital Geral durante a revolta de 6 de setembro de 1893, como demonstração do mais respeitoso afeto e em memória da dedicação com que o acompanharam naqueles dias nefastos. Rio de Janeiro, 14 de março de 1894."

Realmente, um simbolismo oportuno...



OS CAIXÕES listrados amontoam-se para as encomendas. Feitos por atacado — quem fará a longa viagem dentro dêles? Não interessa saber, o serviço funerário precisa estar apto a atender a todo o chamado.



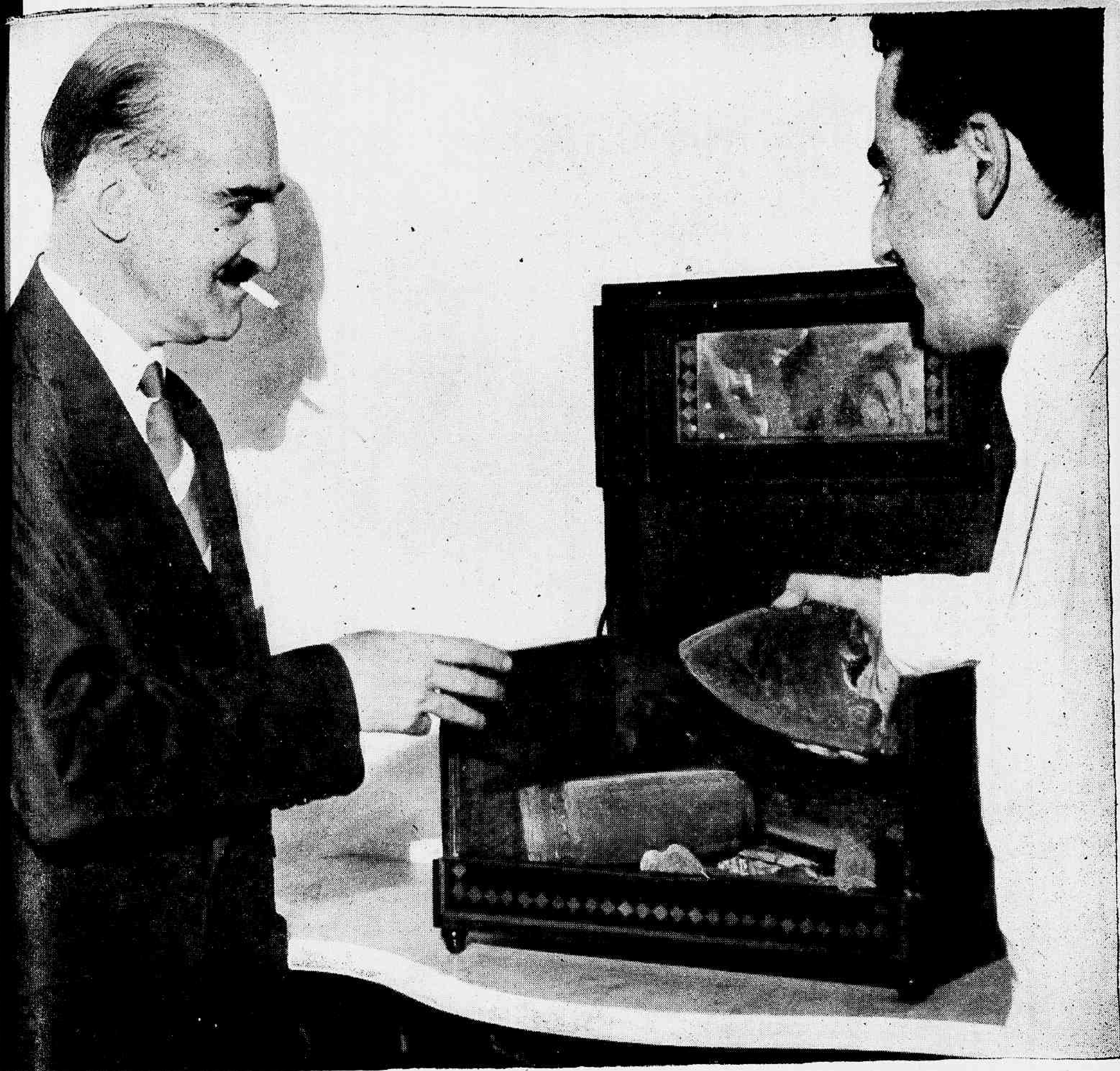
VELHOS LIVROS de registros enfileiram-se no arquivo. Quantos nomes ilustres não figuram nas suas páginas desbotadas



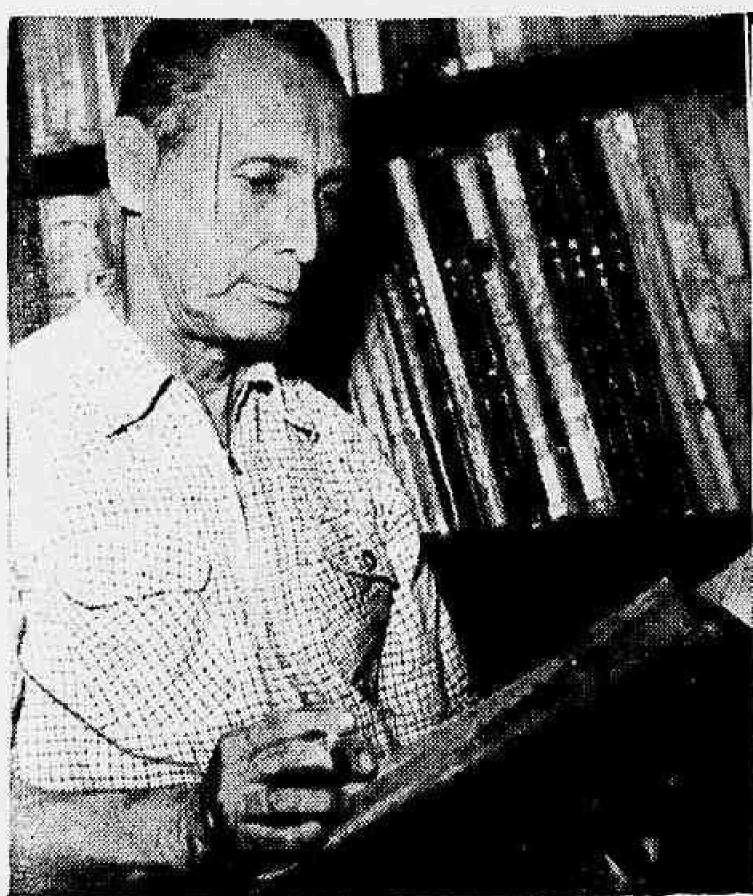
HÁ TRINTA e dois anos Marcelo Lavares trabalha na Santa Casa. E', ainda, entusiasta do teatro de amadores.



PENACHOS e castiçais, apetrechos indispensáveis para um entêrro mais luxuoso. Os outros vão sem êsses enfeites.



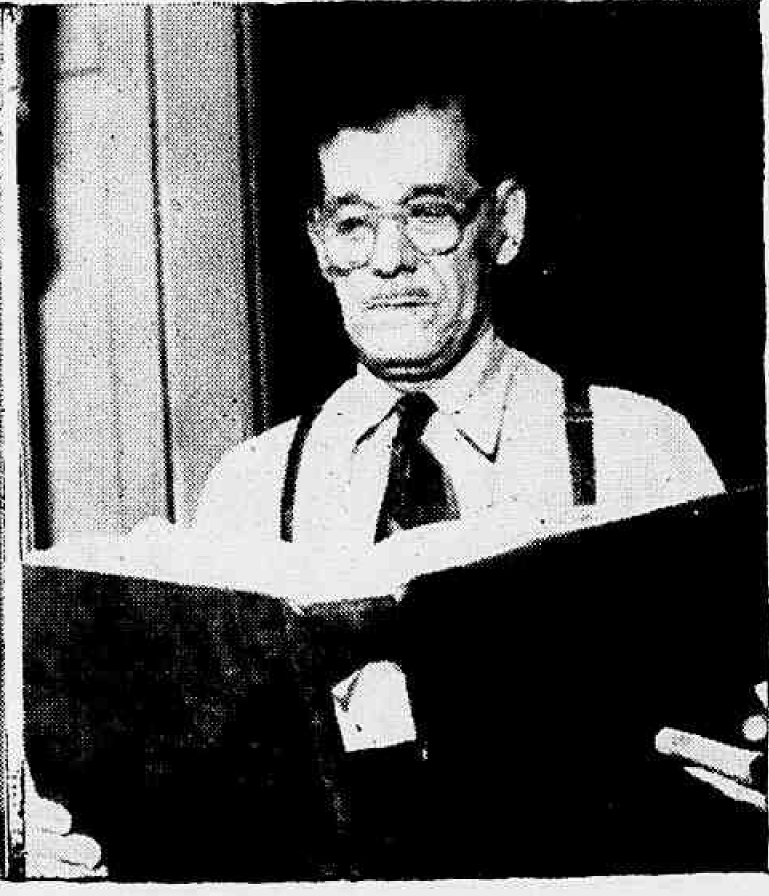
DURANTE o canhoneio da Armada, em 1893, na chamada Revolta de Floriano, vários balásios caíram por sôbre a Santa Casa. Algumas foram apanhadas e hoje são cuidadosamente guardadas pelo Ministro Lafayette de Andrade, como relíquia. «Por pouco-pouco» não tiraram a vida aos funcionários.



LEÔNIDAS C. Pinheiro gosta do arquivo. Tem quarenta anos de casa e conversou com irmãos ilustres. Uma boa praça.



OUTRO VELHO funcionário é Marcelino. Diógenes de São Luís, com trinta e dois anos de atividade. Tudo sôbre enterros.



HÁ TRINTA e nove anos Mário Gomes de Carvalho faz consultas diárias nesses velhos livros. Sabe quase tudo de cor.

A REVISTA

Há 50 anos

(Domingo, 8 de dezembro de 1901)

AS FRANCESAS DA GUARDA-VELHA

VOSSA carta, senhora, daria para um volume, um copioso volume de reflexões. Do vosso pensar são muitas, é a grande maioria das vossas patrícias, que nunca viajaram além da rua do Ouvidor, a pé, e de Copacabana, em bonde! Oh! a mulher francesa! Horror! Umas cocottes", umas levianas, umas doidas! Mães de família... aquilo?!... Minha Nossa Senhora!... Deixa de prosa, seu Juca! Você o que é, é um refinadíssimo bilontra, um dos tais da Guarda-Velha e do Cassino Nacional... Donas de casa... espôsas castas... Você não está ouvindo, Sinhá Velha?

Pois a minha amável correspondente, que sendo ainda jovem e formosa há de ter por fôrça um excelente coração, mal imagina a injustiça que está fazendo às pobres francesas, com êsse mau sestro de julgar a velha Europa pelas andorinhas que de lá vêm às revoadas e às revoadas para lá voltam! Eu conheço um pouco êsse mundo que a sua candura bem intencionada mas ignorante condena de preceito e de oitiva. E quer que lhe diga a verdade, tôda a verdade?... Lamento sinceramente, cada dia me pesa mais que entre os réus julgados à revelia e o tribunal que assim ao de leve os condena, continue o Atlântico a interpor a sua larga faixa azulada...

Nem cuide v. excia. que a sua ojeriza me surpreende. A muitos dos que viajaram e percorreram a França em todos os sentidos, desde o norte enevoado e retraído até ao sul dourado e cantante, a alma celta continuou cerrada como um sacrário, enigmática como uma esfinge. Se egoísmo existe no lar, ali o encontrareis. A mulher pertence inteirinha ao espôso e aos filhos, dando-lhes tôda a essência sutil do seu espírito, tôda a graça fascinadora do seu porte, todo o bravo auxílio da sua coragem, um amor feito de todos os amôres. Ao invés da grande maioria do vosso sexo, para quem o matrimônio é a renúncia ao culto da beleza, a jardinagem da sua própria formosura, ela sabe conservar-se eternamente amante para poder ser eternamente amada. E o lar assim compreendido é uma religião onde raros estranhos são iniciados porque uma vida inteira é ainda tempo escasso para a adoração perpétua do espôso à mulher e à prole. A França, minha senhora, é para os alheios povos uma quermesse e para os seus uma ermidinha. A todos chama mas a poucos concede foros de domicílio. "Multi sunt vocati sed pauci eleti".

E o que disse da francesa poderia repeti-lo da espanhola e da italiana. E' lá, nas suas pátrias, que precisamos vê-las, tratá-las, conviver na família regularmente constituída e obediente às tradições. Senão... quanto testemunho falso, quanto conceito iníquo, quanta maldade inconsciente! E se soubésseis, senhoras, como essas coisas magoam! Não as confunda com as francesas da Guarda-Velha e do Cassino Nacional, por favor!

JACQUES BONHOMME

TÚNEL SUBMARINO

OS inglêses não querem ligar as suas ilhas ao continente por meio de um túnel por baixo da Mancha. Contudo, preparam-se para ligar a ilha de Wight ao litoral inglês por meio de um túnel que terá 40 quilômetros de comprimento e custará cêrca de 2.500 contos. As obras serão já empreendidas e deverão ficar terminadas em um ano. Com a abertura do túnel, resultará poder-se ir de Londres à ilha de Wight em duas horas e meia de caminho de ferro.

OS TEATROS

A NOVIDADE maior da semana é que já está organizada a emprêsa dramática dirigida pela graciosa artista carioca Cinira Polônio, que breve inaugurará os seus espetáculos no Teatro Lucinda, e em cujo elenco figurará Rose Villiot que há muito não admiramos.

NO RECREIO vai um «fervet opus» enorme para a encenação de «Quo Vadis?», tratando a emprêsa, enquanto a espetaculosa peça não sobe à cena, de variar as suas récitas para prender o público.

A EMPRÊSA que explora o Apolo tem levado à cena a «Viagem à volta do mundo em 80 dias» e trabalha com atividade na encenação da peça «Uma noite em Veneza».

AS ÚLTIMAS NOITES, extremamente chuvosas, não lhes têm permitido dar espetáculos. Os teatros exploradores do gênero variedades conservam o seu público e preparam estréias de novos artistas executantes de trabalhos atraentes.

EIS O QUE por esta semana temos a registar. E' o que há. Aguardemos as primeiras representações que então virão tôdas juntas, justificando o velho adágio:

— Não há fome que não dê fartura. — P.

A FESTA DO TOURING CLUB DO RIO

FUNDADO há pouco por alguns esforçados ciclistas que procuram desenvolver êsse esporte nesta cidade, o Touring Club do Rio já iniciou uma brilhante série de festas a que soube imprimir a mais atraente nota de cordialidade e bom gôsto. O convescote de domingo passado, realizado no alto do Pedregulho, deixou as mais agradáveis imressões em quantos tiveram a felicidade de nêle tomar parte.

POR ÊSSE MUNDO

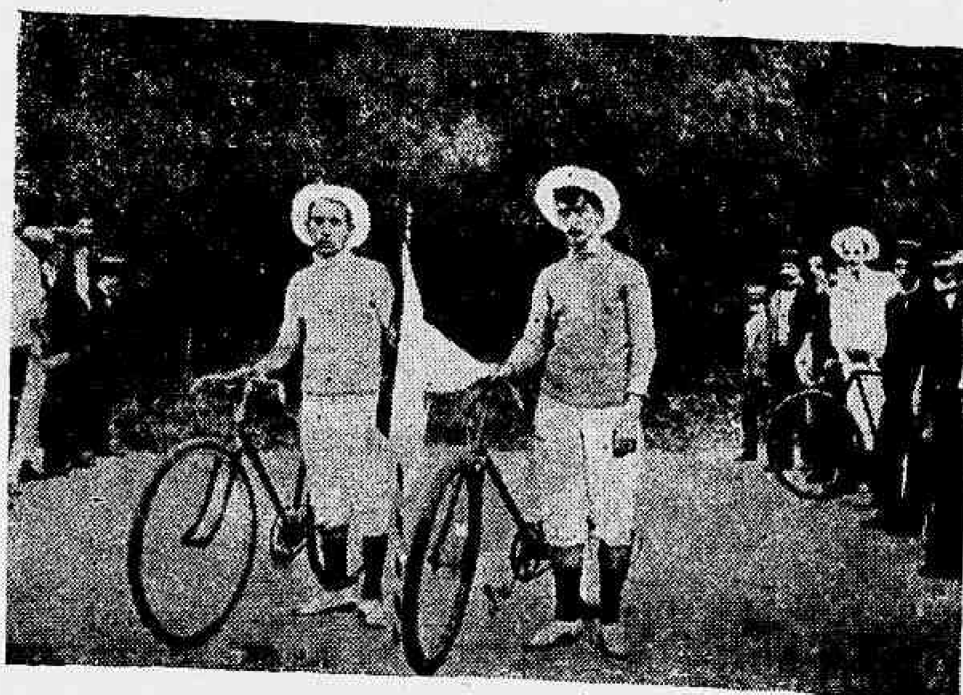
★ Vinte por cento dos casamentos em França são estéreis, e é esta uma das causas da despovoação dêsse país, o que tantas preocupações vêm causando.

★ Quando os olhos das raparigas turcas não são bastante grandes para se fazerem formosos, cortam-lhe os extremos das pálpebras até lhes dar o tamanho conveniente.

★ Neste momento a China é o país do mundo inteiro em que existe maior número de poetas.

★ Curioso: Nunca houve mais de três rainhas, em uma mesma época, nos diferentes Estados da Europa.

★ Os americanos são realmente geniais. Agora descobriram o «Trilby», passatempo admirável, muito em voga. Consiste em adivinhar o nome de uma pessoa pela exposição de seu pé nu.



Na festa inaugural do Touring Club do Rio, os vencedores do páreo de ciclismo Campos Sales.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 49 ★ 8-12-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

MÓVEIS E DECORAÇÕES

PROJETOS EXECUTADOS POR TÉCNICOS DECORADORES

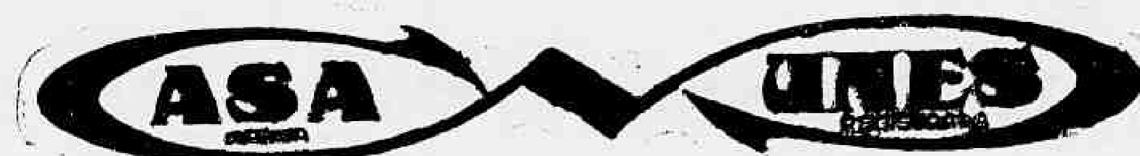
TAPÊTES FEITOS À MÃO

TAPÊTES E PASSADEIRAS

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

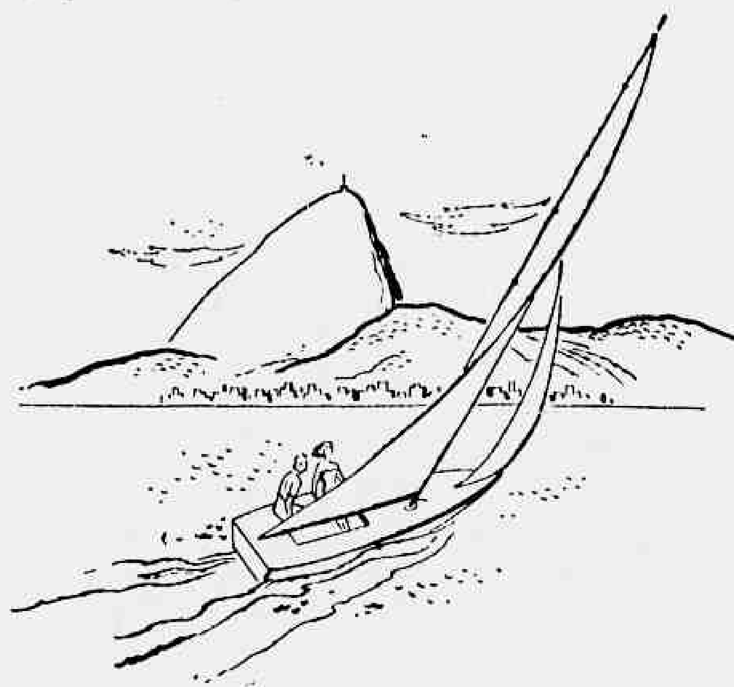
— uma especialidade de nossas oficinas

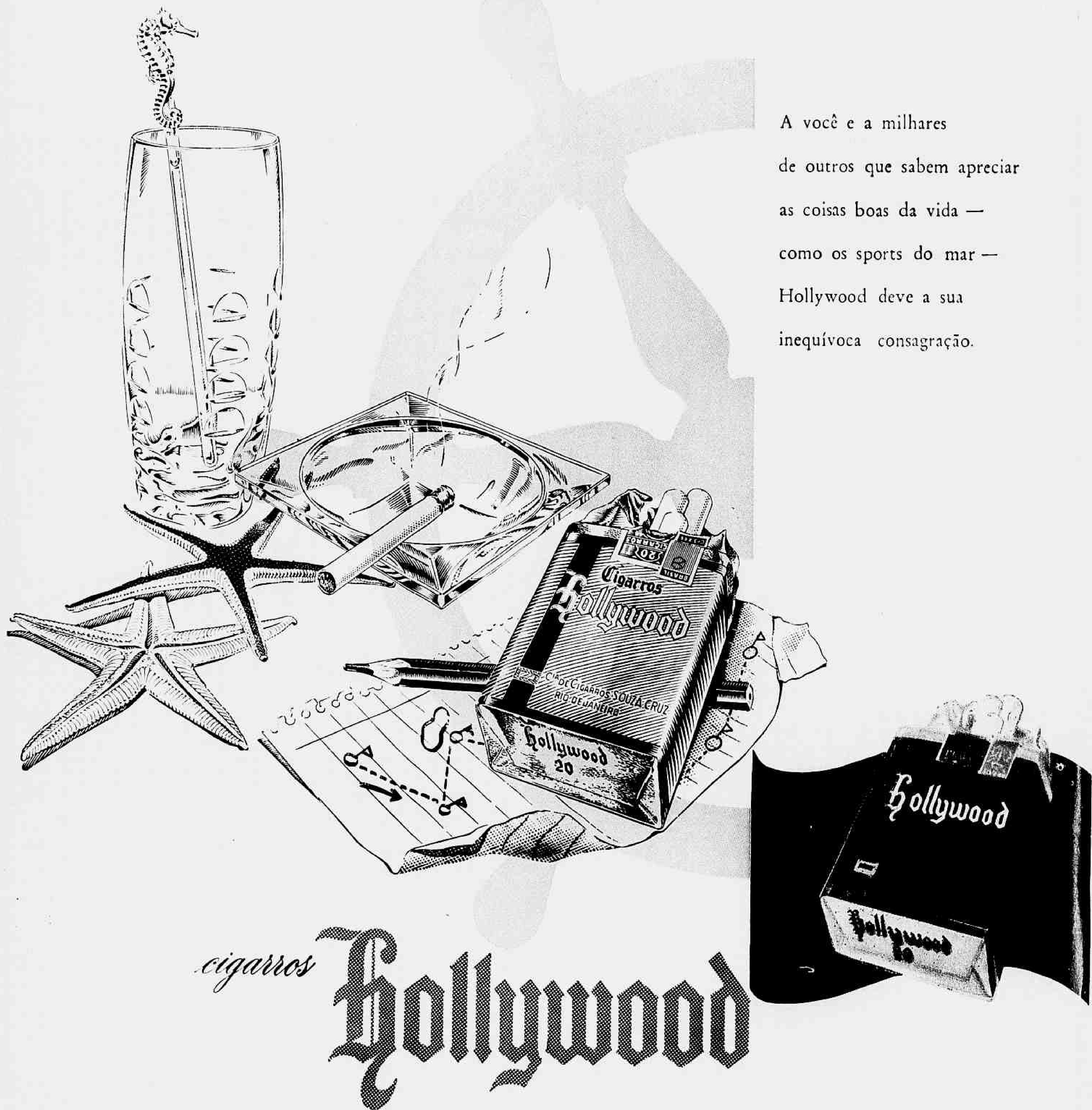


65 rua da CARIOCA 67 — RIO



uma consagração que se deve a você...





uma tradição de bom gosto

H-88 091

UM PRODUTO SOUZA CRUZ